

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
SOCIAL E INSTITUCIONAL

Luciana Knijnik

CALIGRAFIAS DA PRISÃO
A palavra que resta, se resta, ao homem confinado
na noite sem fim

PORTO ALEGRE, 2016

Luciana Knijnik

CALIGRAFIAS DA PRISÃO
A palavra que resta, se resta, ao homem confinado
na noite sem fim

Tese apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Doutor do
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Social e Institucional, Universidade Federal
do Rio Grande do Sul.

Orientadora Professora Doutora
Tania Mara Galli Fonseca

Defendida em 05 de setembro de 2016

Luciana Knijnik

CALIGRAFIAS DA PRISÃO
A palavra que resta, se resta, ao homem confinado
na noite sem fim

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Tania Mara Galli Fonseca
Presidente da Banca (Orientadora)

Profa. Dra. Cecília Maria Bouças
Coimbra – PPGPSI/UFF

Profa. Dra. Cláudia Luiza Caimi
IL/UFRGS

Prof. Dr. Luciano Bedin da Costa
PPGPSI/UFRGS

AGRADECIMENTOS

A criação de uma tese, sustentada com o incentivo, apoio, diálogo, afeto, troca, aposta e compreensão de muitas pessoas queridas, requer a devida e, merecida, nomeação. Agradecer torna-se assim um ato movido pela alegria e não pelos protocolares bons modos.

Agradeço à minha orientadora Tania Mara Galli Fonseca, mestre, leitora, inspiradora, incentivadora. Sua paixão sensível pelo pensamento é contagiosa e está presente em cada palavra.

Aos remetentes e destinatários das cartas, pela gentileza e confiança em abrir seus envelopes.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa Juliane Farina, Leonardo Garavelo, Neusa Hickel, Carmen Debenetti, Regina Jaeger, Tania Bischoff, Carlos Cardoso, Christiane Siegmann, Érica Franceschini, Félix Rebolledo e Alana Albuquerque, pelo laço fraterno.

Ao longo do percurso de elaboração da tese contribuíram os Professores Cecília Maria Bouças Coimbra, Cláudia Luiza Caimi, Luciano Bedin da Costa, tanto na banca de qualificação, como em outros tantos momentos importantes, a quem declaro um amplo agradecimento.

Aos trabalhadores, colegas e professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS, sobretudo ao Secretário Israel Aquino e à Coordenadora do Programa, Analice de Lima Palombini.

Aos amigos do Grupo Tortura Nunca Mais do Rio de Janeiro, em especial à Vice-Presidente Cecília Maria Bouças Coimbra, pelo apoio na realização dessa pesquisa e, notadamente, pela persistência em seus princípios éticos de luta.

Aos trabalhadores da Superintendência dos Serviços Penitenciários do Rio Grande do Sul, por receberem a pesquisa.

Ao Michel Zózimo, pelas dicas e à Gabriela Rangel pelo design editorial.

Aos colegas do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul, em especial Anelise Rabuske, Isabella Oliveira, Sabrina Sironi, Paola Fachini, Cleo Mallmann, Maria Beatriz Ramos, Noeli Maggi e Miriam Jahn, pelo suporte.

Aos amigos, Clarissa Silveira, Felipe Drago, Valéria Lima, Jefferson Coppola, Pedro Engel, Luciano Antunes, Clarice Oliveira, Alexei Indursky, Mariana Kfoury, Edo Portugal, Liane Espírito Santo, Diogo Onofre de Sousa, Thairani de Castilhos, Rodrigo Lages, Luciana Alvarez, Fernanda Hampe, Danichi Hausen Mizoguchi e às nossas crianças.

À minha analista Rejane Czermack, por testemunhar meus nascimentos.

À minha mãe, por estar amorosamente presente em todas as horas. Ao meu pai, pelo fundamental e terno apoio. Afetuosamente imprescindíveis em todas as empreitadas são meus sogros Paulo e Dinah e a Tia Lalá, obrigada.

Aos meus queridos avós, especialmente à Vó Anita, que adoraria me ver Doutora.

Aos manos Gabriela Gorelik Valente e Daniel Knijnik, pela vibração.

À minha mana amada Cris Knijnik e ao Raphael Vaz, pela Socorro Nobre, pelo feijão e pelo Romeo.

Ao Felipe, com quem o melhor aconteceu – a casa tem café fresco e o nosso cheiro, mas o amor não se tornou sólido como uma rocha, e sim infinitamente vivo e milagreiro, em outra linda vida.

À Olívia, por fazer das palavras infinito e das minhas noites um céu estrelado.

RESUMO

Esta tese tem como procedimento a montagem de uma maquinaria de pesquisa que envolve a coleta de cartas, o mergulho no universo prisional e o retorno, em busca de ar, à superfície da escrita. As missivas provêm intencionalmente de diferentes momentos históricos do cárcere: ditadura civil-militar e Estado de exceção atual. Colocando em atividade a engasgada máquina, a correspondência recolhida é tomada como dispositivo para produção de biografemas – biografias inventadas e fragmentárias – sem compromisso com dados e fatos comprováveis pelos grandes arquivos. Assim, os biografemas, de remetentes e destinatários das cartas, criam uma insólita realidade em que a escrita é performatizada como ato de testemunhar, dando luz a um passado que não está nos arquivos, mas no ato de retirar de sua poeira esquecida o que insiste. A pesquisa contenta-se em interrogar o próprio campo e assim criar uma ambiência noturna, sabidamente inabitável. Finda na proposição inútil de um cenário sem espetáculo. Efeito do método empregado, em que o texto é uma entidade viva, instala a barulhenta polifonia, própria da palavra. Para tanto, autores como Roland Barthes, Gilles Deleuze, Michel Foucault, Maurice Blanchot e Marcel Proust, em sua potência de ativar o pensamento, serão peças vitais da engrenagem. Tal maquinaria é montada visando a máxima proliferação imaginativa. Para que a sensibilidade alcance sua plenitude na montagem dos cenários construídos. Para que a língua não se resuma a um sistema de signos amorfos, esgote o possível e abra espaços ao impossível. Prolifere em um modelo ontológico de criação de seres, esquivando à representação inerte de um mundo terminado.

PALAVRAS-CHAVE

Prisão, cartas, arquivo, biografema, testemunho, escrita.

ABSTRACT

The process of this dissertation is the assemblage of a research machine which consists of the gathering of letters, an immersion into a carceral universe and the return to the surface of writing in search of air. The letters are drawn intentionally from various moments in the history of the prison-house: the civil-military dictatorship and the present Penal State. Firing up this faltering machine, the collected correspondence is subsumed as a dispositif towards the production of biographemes—fabricated and fragmentary biographies—unencumbered by facts or data corroborated in archives of high regard. Thus, the biographemes of senders and recipients of these letters create an unconventional reality where the writing is turned performance. This is as an act of testimony which brings to light a perduring past which arises not in the archives but in the removal of the dust overlying the forgotten bygone. The research is fulfilled by a questioning of the field itself thus creating a nocturnal ambiance, widely recognised as uninhabitable, and ends with the useless proposition of a stage without a spectacle. As an effect of the method used, a noisy polyphony proper to the word installs itself in which the text becomes a living entity. Hence, authors such as Roland Barthes, Gilles Deleuze, Michel Foucault, Maurice Blanchot and Marcel Proust, through their potential to activate thought, are vital elements of the assemblage. The machinery is set up aiming for maximal imaginative proliferation in order to exhaust the possible and to open spaces into the impossible; thus, sensibility can attain its plenitude in the montage of created scenarios; and language will not be reduced to a system of amorphous signs. Proliferating within an ontological model of creation of beings, we avoid the inert representation of a finished world.

KEYWORDS

Prison, letters, archive, biographeme, testimony, writing

SUMÁRIO

PRÓLOGO	14
A noite da escrita	15
Que falem os gansos	21
Deságuam as palavras	23
Céu das palavras	29
Referências	34
1. A MÁQUINA MAIS IMPERFEITA DO MUNDO	36
1.1 Suspender o ar	37
1.2 Personagens do real	49
1.3 Além das barras de ferro	60
1.4 Vidas inventadas	70
1.5 Insurgências	74
1.6 Como ofertar um corpo em sacrifício	77
1.7 Nebulosa	83
1.8 Referências	85
2. TESTEMUNHOS POR UM FIO: CALIGRAFIAS	
EMBARALHAM CÓDIGOS POSTAIS	90
2.1 Infância e linguagem	91
2.2 Linguagem, arquivo e testemunho	95
2.3 Testemunhos do terror: vidas por um fio	99
2.4 Gestos testemunhais: o gênero epistolar	103
2.5 Referências	110
3. ENTRE QUATRO	112
3.1 Perder de chofre	119
3.2 Referências	125
4. BIOGRAFERNÁLIA	126
4.1 Folhas esvoaçantes de um calendário	132
4.2 Confiscaram as palavras	138
4.3 Casarão das bonecas	152
4.4 Canta Latino América	164
4.5 O menino e seus mapas	170
4.6 Pietá	174
4.7 O juiz	185
4.8 O açougueiro	216
4.9 Cyanogaster noctívaga	225
4.10 Referências	233
5. POSFÁCIO	234
6. ÍNDICE DAS IMAGENS	236

O meu amanhecer vai ser de noite.
Manoel de Barros

PRÓLOGO

A noite da escrita

Véspera de feriado. Não qualquer feriado. Um daqueles que transforma o corriqueiro final de semana em quase férias. Um derramamento de carros zune pelas ruas. Pressa, movimento, atalhos, buzinas, costuras.

Atrás da vidraça, aparente alheamento. Apartado da aceleração externa, ilude-se protegido pelo vidro. Liso, estático, transparente. Assim poderia permanecer, observando a imobilidade do teclado, a convivência pacífica entre as letras, os símbolos e os comandos. Suspeita que a nitidez das formas oculta confrontos, embustes e titubeios. Vinte e três letras reluzem sua definição aguardando o sobe e desce do contato com as mãos.

Um inocente raio de sol desponta por entre as nuvens. Denuncia as impurezas acumuladas na vidraça. Poeira, digitais, cinzas, segredos.

Cogita refugiar-se na lista do supermercado, nos retornos pendentes, nos cinco filmes imperdíveis, nas cantorias de infância. As rádios sintonizam uma euforia imprópria para aquele dia. Não, de maneira nenhuma, cantar está fora das possibilidades. Pedir silêncio ao mundo, talvez. Busca sintonias sem pátria, regimentos ou calendários oficiais.

O cansaço. Cavar sob o sol, puxar carroça de olhos tapados, manter a postura. O peso da Terra em seu corpo. Toneladas de ferro, a imensidão dos fios, duas horas, meia hora, segundos, quarenta minutos. Um corpo torpe vaga. Os olhos ardem e acompanham a vagariedade do mundo em marcha lenta, o brilho desigual das frutas na calçada, a sonoridade estratificada das ruas. Cansaço, cansaço, cansaço. 500 anos de escravidão, 26 milhões de toneladas de alimentos no lixo todo ano, epidemia, um bilhão de pessoas com fome, milhares de toneladas de plástico concentradas no Pacífico (JUSTINO, 2014). Tudo se agiganta e o sono não vem.

Lá está ela, desafiadora. Permanece em silêncio, contudo, não há como ignorá-la. Ostenta a impossibilidade branca dos lençóis perfumados. A superioridade do dossel inviolável. Travesseiros de pluma de ganso, intocáveis. Sufocante proximidade. A cama, ao alcance dos olhos, como o mais belo azul que se espreita da janela do avião. Em vão baixar as persianas, esticar os lençóis, desligar os telefones, fechar os olhos. A escuridão é irreproduzível.

A noite não pode ser forjada, ela acontece. Em existência própria, independe de comandos ou intenções externas. Sem finalidade, existe. Todavia, segue suas particulares leis e vocações. Um giro a mais e ela está lá, ondulante. Ondas vagas e silenciosas que se precipitam sobre o recolher-se do sol.

Escrever é tornar-se noite. Acessar seu estado de acontecer-se sem intenção. Algo está vivo e pede passagem. Algo morreu e ainda brilha. Estrelas e pirilampos insurgem como paisagem. (DEBENETTI, 2014). Anoitecer-se é pura sensação sem forma.

É deixar-se atravessar pelo raio verde que surge quando o dia não é mais dia e a noite ainda não se fez noite. O verde indicando o ponto exato de passagem, transição, transdução¹. O ponto em que o que fora fica para trás e o que está por vir ainda não é.

À noite não há como calar a dor dos gansos. A escuridão traz consigo a imponderável permeabilidade do canal auditivo. Centenas, milhões, bilhões de plumas arrancadas. Os gritos esganiçados ganham altura. Os travesseiros brancos gotejam sangue. Em vão tapar os ouvidos, aumentar o volume do rádio, cavar sob os próprios pés. O chamado da escrita é irrecusável.

¹ Não há sujeito responsável pela transdução. O sujeito de conhecimento pode ser pensado contudo como efeito da integração e diferenciação de diferentes níveis de individuação (MARASCHIN & DIEHL, 2012). De acordo com Simondon (2003, p. 112) "... a transdução é aparição correlativa de dimensões e de estruturas em um ser em estado de tensão pré-individual, isto é, em um ser que é mais que unidade e mais que identidade, e que ainda não se defasou em relação a si próprio em múltiplas dimensões". O autor (p. 113) refere ainda que "a transdução corresponde a essa existência de relações que nascem quando o ser pré-individual se individua; ela exprime a individuação e permite pensá-la, logo, é uma noção simultaneamente metafísica e lógica; aplica-se à ontogênese e é a própria ontogênese".

A escuridão esmaga a luminosidade. O sol resta reminescente em rachaduras do solo árido². Arregaça as mangas da camisa. Em seguida, a barra da calça. Percorre vãos da terra por onde ecoam os gritos dos gansos. O suor encharca suas vestes. Leva a mão ao único bolso à procura de algum documento de identificação³. Encontra a aspereza do palito de fósforo queimado, as moedas e o melecado papel de bala. Torna a caminhar obedecendo o traçado encravado aos seus pés. Perde-se pelo labirinto⁴ seco suspeitando a presença de rochas cristalinas⁵ logo ali, onde seus olhos não alcançam. A pupila se dilata, precisa mover-se na escuridão.

Está certo de que havia algo a dizer, mas, ao tentar recordar, as palavras somem. Tenta lembrar o que estava pronto para ser dito. Tenta refazer mentalmente os textos, mas tudo que havia antes do raio verde, se dissipa. Não perdeu a memória. Lembra dos fatos com exatidão. As pessoas seguem vivas - com nome próprio - em cada detalhe. Estranha a quantidade de informações armazenadas, são datas, senhas, a sequência dos livros na estante.

² Não há antecedência do autor em relação à obra. A escrita é um ato performativo em que a enunciação não tem outro conteúdo para além do próprio ato pelo qual é proferida (BARTHES, 2004).

³ A escrita enquanto ato criador é o espaço de diluição das bordas identitárias.

⁴ A linha reta é também a linha que se bifurca, como força do tempo, como labirinto do tempo. Não cessa de se bifurcar, "(...) passando por presentes impossíveis, retomando passados não necessariamente verdadeiros" (DELEUZE, 2005, p. 160).

⁵ O subsolo das regiões brasileiras de clima semi-árido é rico em rochas cristalinas.

Nada do que pode armazenar até então é palavra. Acumulou uma massa amorfa que nem sequer cheira mal. Uma massa expandida sem fermento, espessa bile negra, entupindo seus canais. Nenhuma utilidade para o que foi vivido. Desde o preciso momento em que o despertador tocou até o instante em que fechou os olhos, viveu tanto. Desde o dia do seu nascimento até o momento de sua morte, poderia escrever páginas e páginas de tudo que viu, mas não há palavras.

Desfruta o privilégio da família bem estruturada. Pai, mãe e irmãos harmoniosos. Desde cedo adquiriu o gosto pelos livros clássicos que enfeitavam a estante. O destaque em língua portuguesa veio logo. Boas notas, concurso de poesia na escola, a distinção como orador. E agora nenhuma palavra.

Sua reluzente vida de escritor calou-se. As palavras insistem em vir dos malditos gansos que não param de gritar. O silêncio seria preferível. Decide resistir diante de tamanha humilhação. Hipótese seguramente inverossímil: um grande escritor ser calado por ridículos gansos agonizantes. Mas nem as festas, melancolias, orquestras, *happenings*, cóleras, miséria humana, orgias chegavam a um mero fonema⁶.

⁶ Para Foucault (2001) o autor, enquanto indivíduo real está situado em oposição à função autor. Segundo ele “o autor não é uma fonte infinita de significados que preenchem a obra, o autor não precede as obras. É um determinado princípio funcional através do qual, em nossa cultura, se limita, se exclui, se seleciona: em uma palavra, é o princípio através do qual se criam obstáculos para a livre circulação, a livre manipulação, a livre composição, decomposição, recomposição da ficção” (p. 287-288).

Não poderia ser pior. Esses gansos se utilizam de seu vocabulário conquistado em horas e horas desperdiçadas na taciturna biblioteca. Leu com atenção tudo que havia. O dicionário sempre ao seu lado. Nenhum termo desconhecido passava despercebido. Desconfiava de palavras utilizadas fora de lugar. Para solucionar tal emboscada, um novo dicionário disputava lugar na mesa de leitura pobremente iluminada.

Diante dos clássicos em outra língua não restava outra opção. Enfrentou dicionários estrangeiros. Palavras cheias de consoantes que mal poderiam ser pronunciadas, pontuações preguiçosas. Dia após dia concentrado em sua tarefa. E agora esses estúpidos gansos.

Que uso fariam de suas palavras? Emporcalhariam suas belezas, corroeriam seu léxico com personagens comuns, descreveriam sentimentos sem retórica, disporiam *madeleines* em posição de destaque. Pior?! Expressões impuras e desgastadas, nomes sem significado, falta de nexos. Basta!

Ponto final. Pois então, que falem os gansos sem qualquer domínio do idioma. Pronunciem suas palavras banais até a exaustão. Ignorem os grandes nomes da literatura mundial. Utilizem-se do corpo deste escritor para encher o mundo de mais besteiras. Eu os desafio.

Que falem os gansos

Gansos não precisam ser originais. Poderia ouvir sua glamorosa gargalhada calando aqueles branquelas. Ah, se pudesse rir às alturas. Acha graça em pensar que não busca uma grande história para contar, dispensa a fidelidade a um estilo, ignora correspondências de editores. Nada dentro de si a ser dito, nenhum sentimento a ser expresso, nada a contar, apenas palavras a encadearem-se⁷. Escreve, assim como tantos outros já o fizeram.

Estranha o ruído da escrita. Observa suas mãos. Os dedos roídos cederam lugar às unhas longas e duras, cascos a se chocarem com as teclas. Não está morto. Está ali, sentado em sua escrivaninha, despreocupado em reconhecer-se em sua própria obra⁸.

⁷ Nas palavras de Roland Barthes, “o escritor não pode deixar de imitar um gesto sempre anterior, nunca original; o seu único poder é o de misturar as escritas, de as contrariar umas às outras, de modo a nunca se apoiar numa delas; se quisesse exprimir-se, pelo menos deveria saber que a «coisa» interior que tem a pretensão de «traduzir» não passa de um dicionário totalmente composto, cujas palavras só podem explicar-se através de outras palavras” (2004, p. 4).

⁸ A escrita acontece exatamente onde se opera o desaparecimento do autor. O sujeito que escreve está incessantemente desaparecendo, cedendo lugar à função autor (FOUCAULT, 2001). Tal função refere-se ao processo de subjetivação por meio do qual um indivíduo é identificado e constituído como autor de um determinado corpus de textos. Alçadas ao primeiro plano estarão “as condições e as formas sob as quais o sujeito pode aparecer na ordem do discurso” (AGAMBEN, 2006, p. 57).

Todo seu vivido é agora um grande vazio⁹, um álbum de fotografias em mãos de cego. Pode oferecer somente palavras, mesmo que elas não mais lhe pertençam. Não entregará sua obra prima aos gansos. Tapeará os críticos mais argutos. Em busca do anonimato, apagará sua valiosa assinatura¹⁰. Todo dito será perecível durando rumo à extinção, bolhas de sabão ao vento.

Entretanto, se escrever for inevitável, soprará suas palavras. Encherá os pulmões com o ar das ruas. Colocará para dentro de si o brio das estátuas, o mau humor dos velhos, a penugem dos morcegos, o pó de arroz das indignas, a goma das togas. Suas cavidades serão preenchidas pela respiração dos mancos, das amebas e dos cocheiros. Suas narinas serão invadidas pela umidade do deserto, dos candelabros e do *blues*. Seu sopro virá do acontecido e de todas as vidas que deixaram de acontecer para que aquele óvulo fosse fecundado por um, dentre os milhões de espermatozoides irrealizados.

Sabia-se fora de si. As unhas grotescas, o cheiro de enxofre, a insônia. Nada daquilo lhe pertencia. Habitava seu corpo como um hospedeiro. A alma em suspenso ligava-se às carnes por um fio. Aperta as unhas contra a pele como quem se agarra ao último lugar seguro na iminência do despenhadeiro. Abre os olhos para não ver a proximidade do abismo¹¹.

⁹ A desapareição do autor deixa um espaço vago a ser localizado, percorrendo a repartição das lacunas e das falhas. É preciso ainda espreitar as funções livres que a desapareição faz aparecer (FOUCAULT, 2001).

¹⁰ Para Foucault, “[...] o autor deve se apagar ou ser apagado em proveito das formas próprias ao discurso” (2001, p. 294).

¹¹ A memória é como um abismo em que o fundo nos escapa. Quanto mais tentamos chegar ao fundo mais ele nos escapa, um horizonte para o viajante (GAGNEBIN, 2014).

Deságuam as palavras

As palavras desabam como um temporal de gotas gordas ardendo contra a pele nua. Uma enxurrada impossível de ser contida arrasta imagens, musicalidades, aberrações. A magnitude da força acontecendo sem centro, dispensando meios, ignorando obstáculos (DELEUZE, 2005). Deixa-se encharcar. Deixa as palavras cravarem a pele como facas chovendo das alturas. É um hospedeiro na própria língua.

Não reconhece a própria casa. Levados pelas águas: o guarda-roupas arrumado por cores, o livro de receitas da avó, os textos esperando publicação na memória do computador. Tenta recordar a cor das paredes, agora cobertas pela lama. No criado mudo, localiza objetos de uma infância que pode não ter sido sua. Paisagens trazidas do além-mar das palavras desaguadas: notas fiscais, solturas, cartas de amor, secos e molhados, uniformes.

Distingue a voz trôpega do homem identificado por números na imagem enquadrada. Um ano, uma tipologia ou uma identificação? Cada detalhe de sua insignificante vida ganha volume. Está uniformizado. Vestes maltrapilhas colhidas ao perambular pelas ruas, cerzidos invisíveis, insuficientes para animais de estimação. Reincidentemente cheira a álcool. É o que está na imagem e o seu fora.

Detém-se nas fotografias metidas no cesto, habituado a guardar as compras da semana. Seguramente a trama de palha preferiria a calma do pão fresco, do arroz branco, do feijão bichado e dos miúdos em promoção. Nostalgicamente viu-se preenchido por outras vidas transpostas por murmúrios do tempo¹².

Demora-se no close seguinte. São traços finos e delicados poupados pelo sol. Os olhos não brilham de paixão, é a cólera que ilumina aquela face. O corpo integralmente coberto em altivez. O rosto e parte do pescoço podem ser vistos, assim como as mãos cerradas. Apesar do calor, a pele deve permanecer ofuscada por abotoaduras e plissados. Tesouras mal afiadas infringem o feminino que insiste. A câmara insufla um *punctum*.

Toma a próxima imagem nas mãos. Um homem gordo admite capturar seu perfil, resignado. Não pode esconder a vergonha dos analfabetos. Os dias grisalham os cabelos recém aparados. A placa com o número repousa conformada sob o paletó infestado por insistentes bolinhas adquiridas ao longo do uso repetido. O último botão da camisa permanece abotoado pelo frescor de mais uma manhã dedicada à entrega dos jornais.

¹² Murmúrios do Tempo (1997) compila artigos sobre a história do edifício da Cadeia e Tribunal da Relação do Porto, ensaios teóricos sobre fotografia e imagens oriundas do espólio fotográfico da Cadeia da Relação.

O homem é então fotografado de frente. A ausência de cabelos no topo da cabeça contrasta com a farta barba crescida disciplinadamente. As mãos estão manchadas com as notícias diariamente distribuídas: colheita farta para os senhores e miséria aos demais. Em suas pregas estoca a gordura dos excessos, a robustez sedentária das tiranias, a forma arredondada dos veludos.

Em preto e branco está o mesmo homem, gravado em dois quadros. Em preto e branco está seu duplo. A imagem aparentemente estática falseia borrando a continuidade do homem que pode não ser apenas um. Quantos mais? A imagem equivoca impressões digitais. Ora de perfil, ora de frente. Ora o que foi, ora o que poderia ter sido.

Já não sabe se o jornaleiro figura na história, carregada pelas águas. Sua existência pode advir, sem imagem, da ficha datilografada. Quiçá tenha escapado dos arquivos. Dentre os tantos milhões de processos quem notaria sua ausência? E se tiver sido infiltrado na imagem por aquele que a vê? Busca em suas lembranças e não encontra sinal. Vasculha seus baús. Tem boa memória, mas não localiza qualquer jornaleiro em sua árvore genealógica. Nem mesmo nos livros que consumiu, dos quais lembra com exatidão.

É uma estranha familiaridade. A história daquele jornalista gordo jorra como vulcão em erupção. A partir de cada detalhe da fotografia a vida vaza incontida. Seus hábitos, lamúrias, hostilidades e vazios escorrem como lava na iminência de tomarem forma em palavra. Palavras cristalinas potencialmente infinitas que criam e apagam o instantâneo da fotografia, dando lugar a outras palavras que contradizem, deslocam ou modificam as precedentes. As palavras que descreveriam a foto agora tomam seu lugar formando ilhas desiguais no arquipélago do atlântico norte (DELEUZE, 2005, p. 155).

O perfil comparece sem contradizer todo visível em close¹³. O analfabeto entrega jornais diariamente, uma manhã após a outra. Na operação de duplicação o personagem da foto ganha realidade. E se mais um clique houvesse, para um terceiro tempo de melhor invenção, mais realidade nele haveria. E a máquina de registrar as características definitivas de um criminoso é avariada pela própria potência fabulatória do delito de criar lendas, impossível de ser aprisionado em ato.

¹³ Na duplicação de imagens e vidas falseadas, real e imaginário, atual e virtual coexistem sem oposição (DELEUZE, 2005, p. 156).

Não é a imagem dos cabelos fartos de juventude que se duplica na imagem da cabeça lisa atual¹⁴. São os fios impregnados pela fumaça das carvoarias, das quais nunca fora escravo. A seiva dos indígenas, ausentes em seu DNA. A fenda do tiro certo que lhe antecedeu. O duplo do presente que passa é o passado que se conserva integralmente.

O presente vivido, saturado de possível, tem a morte como destino. Já o passado que se conserva contém o gérmen da vida, pois pode sempre cindir-se, diferenciar-se em ato inaugural (DELEUZE, 2005, p. 114). Um passado que não está nos arquivos, mas no ato de retirar de sua poeira esquecida o que insiste. No ato de testemunhar, que não conserva o passado, mas se entrega à dor de pari-lo.

A conservação arquivística seleciona os almejan-tes ao estatuto de histórico. Nas vitrinas permanecem os documentos que não podem desaparecer, as declarações que não devem morrer, as figuras a serem replicadas em bronze, os perfumes¹⁵ guardados em pequenos frascos. O arquivo aspira à eternidade.

¹⁴ A imagem virtual é o passado que não fica para trás, mas permanece contemporâneo ao presente na qualidade de imagem atual. “Não é na imagem-lembrança, é na lembrança pura que permanecemos contemporâneos da criança que fomos, como o crente se sente contemporâneo de Cristo” (DELEUZE, 2005, p. 114).

¹⁵ A palavra perfume do latim per fumum, que significa “através da fumaça”. <http://en.wikipedia.org/wiki/Perfume>

Mas sua barriga não está cheia de glórias. Em seu ventre, multiplicam-se insignificâncias ocas, silêncios e miudezas destinadas a perecer. Tomam corpo rastros deixados sem intenção. Pegadas do homem, dos fornos e das melodias. Por suas cavidades transita a fumaça dos corpos queimados e o cheiro fétido de gordura - de pele e de pelos incinerados - indissimuláveis pela mais adocicada fragrância.

Gravidez isenta de conformidade com o tempo reto de um balé, incorpora entidades - salta, bifurca, sobrepõe, retroage. A barriga em expansão aponta para a distância e renuncia a promessa de um futuro. Distância entre o presente e as línguas mortas em gestação. De parto sem anúncio, nasce o passado inominável que não vingou.

Gesta o que não é lembrado e que não pode ser esquecido, é ultrapassado pela força da memória. Arrastado pelo curso das águas em sua imprevisível composição com o solo e as rochas e o vento. Desagua-se em imagens inquietas.

No lugar de bebês robustos, contrações anunciam restos insepultos¹⁶. Avariando consensos linguísticos, restos tomam a língua de assalto extrapolando seus contornos e sustentam a tensão que transfigura o já dito pelo indizível.

Oferece o próprio corpo para fecundação da impossibilidade de dizer. Preenhe da materialidade do horror que subjaz a insuficiência da palavra diante do inenarrável, toca o vazio percorrido pelas cinzas dos corpos incinerados, feitos fumaça para não deixarem vestígio.

¹⁶ O túmulo é o primeiro signo escrito que surge para dizer de alguém que foi (GAGNEBIN, 2006).

Céu das palavras

Sente a terra firme sob os pés. A gravidade alinha seu corpo, enquanto as palavras deixadas para trás duram descontínuas. Não pode escapar à íntima conexão da sola dos pés com os sedimentos sob eles depositados. Neste ponto preciso permanecerá e cavará fundo, trazendo à superfície toda matéria dos tempos ali depositada.

Cavará para permanecer no ponto em que está. Não almeja mover-se na direção do que um dia fora, viajar com a roupa do corpo intacta. Seus trajes tampouco serão banhados em suor para refugiar-se em altivas profundezas. A cada nova porção de terra retirada abaixo de si ampliará seu pontilhado de conexões com a superfície.

Os pés firmes oferecem sustentação ao tronco que projeta os braços incidindo a ferramenta em mais uma porção de solo para chegar ao sem fundo. Torce a linha reta que o levaria ao centro. Escava em direção ao exterior inabitável sem pretender alcançá-lo¹⁷.

¹⁷ O exterior é aberto, sem intimidade, nem proteção ou moderação, mas à sua abertura não se pode ter acesso. Oferece-se como “a ausência que se retira para o mais longe dela mesma e se esvazia no sinal que ela faz para que se avance em direção a ela, como se fosse possível encontrá-la” (FOUCAULT, 2001, p. 227).

Enquanto os pés permanecem ligados aos sedimentos da terra, os olhos são invadidos pelo farfalhar cotidiano. Atualizando os dias, o sol desponta no horizonte, homens recolhem o lixo, crianças correm nas calçadas, cortejos fúnebres ocupam cemitérios. Todo dia uma fornada de pães franceses, decretos de prisão, pesquisas, refrãos, duelos, rebeliões.

Da fricção entre temporalidades impossíveis, tecer-se-á um manto de histórias incitadas por gansos, fumaça, cristais, noites e desertos. Lado a lado desfilarão os restos soterrados que localizam a distância entre a planta do pé ao centro da Terra da matéria orgânica colhida no frescor de cada aurora. Os restos insólitos recolhidos em tal operação comporão um manto de histórias de vidas que brotará do encontro das linhas solapadas na vertical com visadas horizontais.

Perdera as coordenadas do refúgio em que era possível escrever à luz do dia. Em que se alegrava com o brilhantismo de suas ficções¹⁸. No qual se maravilhava em ver o mundo a partir da coerência do ponto de vista de seus personagens. Em que encurtava as rédeas, mantendo o leitor à distância (BLANCHOT, 2010).

Agora não bastam mais olhos atentos. A força de nascimento das palavras advém da escuridão escavada. A plenitude do vazio até então ignorado será materializada em imagens impraticáveis. Se outrora histórias de vida foram alimentadas pelo imaginável, estas nascem agora da oca proliferação das palavras.

¹⁸ O perigo do vocabulário ficcional está em abrigar significações prontas que, no disfarce de um fora imaginado, refaz a velha trama da interioridade (FOUCAULT, 2001, p. 224).

Se estivesse em estado de escolha preferiria o calor das palavras cheias de significado. Mas não pode esquivar a nudez irremediável do gelo. Perseguido pelo branco das paisagens indis põe até mesmo de saudosismo pela vivacidade das cores. Está no branco da neve que cega sem anúncio.

A fumaça cinza dos fornos, o gris das pilhas de sapatos, o branco do frio subtraíram as cores implícitas das palavras. A fome corroe as significações possíveis das expressões singelas. Quando morrer tornou-se impossível, o mundo abstraiu-se de cor¹⁹.

Um oco sem cor, sem decomposição possível, persiste. Este oco ressoa nos comandos das fardas verde oliva. Ecoa nas galerias abarrotadas.

Do descolorimento da língua, histórias de vida serão desinventadas. Falará uma voz narrativa que se imiscui nos dados e documentos alheios, sem autorização prévia. Uma voz que se intromete na conversa sem acrescentar imagens, enredos ou memórias. Uma cor²⁰ neutra que absorve seu fora sem discriminação. Um presente sem memória que não cessa de ser contado. Uma voz que no lugar de falar, dá a ouvir (BLANCHOT, 2010).

¹⁹ Do muçulmano até a possibilidade do suicídio foi retirada.

²⁰ As cores resultam de uma percepção visual própria dos humanos e de alguns animais. Permite diferenciar os objetos do espaço que os circunda. A cor de um objeto é determinada pela não absorção dos raios correspondentes à frequência daquela cor. Ou seja, “um objeto é vermelho se absorve preferencialmente as frequências fora do vermelho”. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cor>

Contar histórias vale por seu ato, mais do que pelo que pode haver para ser dito? Está despojado de qualquer mensagem a ser transmitida. Não dispõe de segredos, lendas ou previsões que alterem o curso da história.

Escreve vidas reinstalando o esvaziamento da língua pelo inenarrável. As vidas não serão contadas por merecerem honrarias, esclarecimentos ou comprovações. Ostentarão a fratura da língua impedida de significar completudes. A grande língua, que tudo poderia dizer, atingida pelo que não cabe nas palavras, dispensará o uso de disfarces para o sangue derramado.

Posiciona-se como um invasor. Os elementos da realidade hackeados ganham autonomia para se recompor. Nenhum juízo final, apenas um princípio a mais de indeterminação. Um princípio a partir do qual não há começo ou fim, mas o vazio da fratura simultâneo à forma, “a aparência do que desapareceu”²¹.

Conta histórias para lançar-se no jogo da experimentação. Abstém-se de pretender resultados, carece de objetivos, desfazem-se as metas. Põe em cena o desconhecido que jamais se revela, os vazios que não comportam preenchimento, os gritos inauditos, as geleiras que interrompem a feliz circulação sanguínea das palavras. É um infante esvaziando o mar com seu baldinho.

No lugar de seus feitos, tem agora como matéria prima a intangível exterioridade. Um eu fora desalojado pelas línguas insepultas, ensurdecido pelos gansos, cego pelo branco. No impreciso momento “pertence ao exílio, não apenas por estar fora do mundo, mas também por se colocar fora de si” (LEVY, 2011, p. 41).

A luz, extinguida das bibliotecas, acende a noite. Apátrida, obedece aos desígnios da obra. Sabe-se por ela - detentora de caprichos próprios - rebaixado. Renunciou

²¹ BLANCHOT (2011, p. 38).

da soberania ao texto. A obra, tal qual um grande amor, não acontece quando queremos. É a obra quem nos persegue e não o contrário. Resta lhe dar passagem, acatar seus movimentos e teimosias. Que seja a narrativa, “o próprio acontecimento daquilo que relata” (LEVY, 2011, p. 69).

Distando das grandezas dos dias luminosos surpreende a intimidade para com as pupilas em permanente dilatação. Acata o ofício de nictógrafo como a baleia reconhece o canto de seu parceiro em época de acasalamento. É um lobo-guará de patas acolchoadas movendo-se silenciosamente pelas sombras da noite.

Visão noturna. O mundo sem tradução, transfigurado em um mundo particular, no outro de todos os mundos. Assim, as palavras desistem de sua função designativa, da paz da linguagem comum, para fundar sua própria realidade (BLANCHOT, 1997, p. 82).

Uma órbita particular que, no lugar de explicar o mundo externo, possibilita que o outro dos mundos seja vivível. Um exercício com o plano imaginário²² que alarga as fronteiras do aqui e agora. Nesta dilatação, os inegáveis fatos, os documentos concretos, as cicatrizes esquivam intenções totalitárias. Assim o *ou* cede lugar ao *e* em inesgotáveis composições.

Não teme acusações. Tomou gosto em não coincidir consigo mesmo. Permanecerá no ponto em que está, a menos que algo aconteça. Que digam: só as mulheres engravidam. Que digam: narrar não é mais possível. Que digam: está fora de si. Que apontem o dedo até a exaustão.

O céu estrelado das palavras é o limite.

²² Segundo Blanchot “o imaginário não é uma estranha região situada além do mundo, é o próprio mundo, mas o mundo como um conjunto, como o todo” (1997, p. 305).

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. Lisboa: Cotovia, 2006.

BARTHES. Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BLANCHOT, Maurice. **A conversa infinita. A ausência do livro**. São Paulo: Escuta, 2010.

_____. **A parte do fogo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

DEBENETTI, Carmen Inês. **Escrevendo com Clarice Lispector: Percurso de uma sensibilidade inteligente**. Tese de doutorado em Psicologia Social e Institucional. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Memória, Esquecimento, Transmissão**. Porto Alegre, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS, 2014. (Comunicação oral).

_____. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

JUSTINO, Guilherme. **O jovem que quer limpar os mares.** Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/planeta-ciencia/noticia/2014/06/jovem-holandese-criou-projeto-para-limpar-os-oceanos-4534408.html>. Acesso em: 24 de junho de 2014.

LEVY, Tatiana Salem. **A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MARASCHIN, Cleci & DIEHL, Rafael. **Transduzir.** In: FONSECA, Tania Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Livia do; MARASCHIN, Cleci. *Pesquisar na diferença. Um abecedário.* Porto Alegre: Sulina, 2012.

Murmúrios do Tempo. **Fotografias do arquivo da Cadeia da Relação do Porto.** Textos de Maria do Carmo Serén e Filomena Molder. Centro Português de Fotografia: Vila Nova de Gaia, 1997.

SIMONDON, Gilbert. **A Gênese do indivíduo.** In: PELBART, P.; COSTA, R. (Org.). *O reencantamento do concreto. Cadernos de subjetividade.* São Paulo: Hucitec. 2003.

**A MÁQUINA MAIS
IMPERFEITA DO MUNDO**

Suspender o ar

Resistirei ao enfadonho início autorreferente. Pularei toda digressão sobre a hesitação daquele que está diante da página em branco e precisa escrever. Já conhecemos a descrição dos olhos que permanecem fixos na tela e das mãos imóveis repousando levemente sobre o teclado. O papel retirado de súbito da máquina, amassado e lançado ao cesto, no qual repousam outras tantas tentativas frustradas de começar. A descrição da mudança de fonte, a tentativa de um novo estilo, o cigarro ardendo no cinzeiro. Todos, subterfúgios utilizados por aqueles que não sabem dispor das palavras. Muitos já disseram que começamos mesmo é pelo meio e voltarão a afirmar a interminabilidade de sua tarefa nas últimas páginas. Tantos já começaram assim seus textos. Nada mais tedioso.

Sucumbo ao começo fácil. Proust, Foucault e Kafka inauguraram com maestria. Giro a pequena sabendo da existência de magníficos primeiros parágrafos que fisgam o leitor, capturando-o para o fluxo incessante da obra. Desisto da obra que age desde a primeira letra, sem rodeios em busca de ritmo fácil.

Diante do fracasso incontestável, prossigo em inutilidades. Afinal o que estaria faltando para encontrar o almejado começo vibrátil? Palavras garbosas? Pequenas epifanias? Domínio dos clássicos?

Nada falta ao corpo entorpecido pelo cansaço do cotidiano. Intoxicado pela alimentação rica em sódio, pelos aromas artificiais que disfarçam o gosto de plástico presente em tudo que se pode ingerir, pela iluminação incessante das telas planas.

As ruas estão asfaltadas, as chegadas e partidas no visor dos aeroportos cobrem todos os percursos imagináveis, o domínio de qualquer idioma ao alcance de um click. Há ainda os cafés do mundo em cápsulas, a estabilidade dos concursos, airbag para todos e as piscinas de borda infinita.

Palavras de ordem enfeitam as salas de estar: *Mais amor, por favor*. Afinada segue a massa, no compasso do possível, perseguindo as promessas de aquisições, juventude e felicidade. *Gentileza, gera gentileza*. Arrebanhados, sorriem diante da vida que creem terem conquistado. O gigante acordou. Marcham uniformizados e esquadrihados. O verdadeiro fascismo, certamente colocado por Didi-Huberman (2014, p. 29), ecoando Pasolini, “é aquele que tem por alvo os valores, as almas, as linguagens, os gestos, os corpos do povo”.

Apartado do abismamento seca o pensamento impedido de fraturar-se. Estancado permanece o jorro de fluxos sem intencionalidade. Retesado levanta o corpo para mais um dia de trabalho. O bípede resignado em não ser árvore, nem onça, nem raio, mantém o passo.

Pensamento operário das conformidades. Envaidecido com seu café requentado ostenta a capacidade de repetir tudo que já foi dito, descrever o que pode ser visto, discorrer sobre aquilo que conhece. Releituras, reciclagens, DIY²³. O mesmo pensamento é seduzido pelas gloriosas pretensões da universalidade, da salvação,

²³ Do It Yourself ou Faça você mesmo.

do ineditismo. Acredita-se necessário, tem metas, prevê resultados e objetivos. Agora, conformado às leis e às regras. Dedicado aos mais variados e mirabolantes especialismos, oferece, em bandeja de prata, mais do mesmo.

Tudo é possível e somente o nada acontece, ali estou. Nem obra, nem começo, ao corpo tensionado pela escassez de fluxos. A partir desse ponto, falo. Não por considerá-lo sumamente interessante, mas por pura falta de opção. Constatado esvaziamento em normativas, ostentações, configurações e estabelecimentos, não poderei falar de outro lugar que não o do aprisionamento do pensamento.

A rota nos levaria então a tomar o pensamento como plenamente capturado pelo modo de subjetivação tecnologizado e pelas demandas do capitalismo globalizado? É preciso enfrentar ciladas simplificadoras, já que as linhas de dominação e liberação não estão totalmente apartadas. Controle e escape, mando e resistência, vida e morte, prisão e liberdade confundem-se explicitando o paradoxo em que mergulhamos (PÉLBART, 2003).

Instalo-me no aprisionamento até seus confins. Soldo as grades até o limite, pois é lá que pode advir “um avesso e a vidência de um fora” (PÉLBART, 2013, p. 19). Que o aprisionamento seja o índice de minúsculas forças em expansão. O indicativo de urgências libertárias jamais plenamente encarceráveis.

A máquina ostenta suas pretensões totalitárias. E nós nos contentamos em não lhe oferecer o sabor de vitória. Não nos damos como vencidos por completo. Pois agir como vencidos “é estarmos convencidos de que a máquina cumpre seu trabalho sem resto nem resistência. É não ver mais nada” (DIDI-HUBERMAN, 2014, p. 42).

Algo impede o natural prosseguimento, carreira, casamento, casa própria, pós-graduação, peeling, plano de aposentadoria. A sossegada previsibilidade é interrompida

pelo mendigo rastejante, pelos extermínios planejados, pelas cadeias abarrotadas. Surge enfim o pesquisador engajado, o super-herói sem disfarce que dormirá aliviado, pois está fazendo a sua parte. Mas estes sapatos não me cabem mais²⁴.

Reconheço que a miséria do mundo aturde. O horror, repellido por muitos, é um campo imantado. Sou inevitavelmente atraída pelo sufocamento, por partes despedaçadas, pela sujeira. Quanta nobreza, o humanista solidário, que crê em sua empatia com o sofrimento de seu semelhante. Militante? Cristão? Voluntário? Eu quero lutar, mas não com essa farda (IRA, 1985).

Não vivo doente, no lixo ou na prisão. Sou branca, respeitada, saudável, pós-graduada e de ficha limpa. Minhas paredes, entretanto, não me isolam das misérias, que me invadem, sem que eu esteja lá. O cheiro fétido das instituições totais me provoca a náusea que seus internos e trabalhadores neutralizados não sentem mais. Mas a náusea não vem somente dos presídios, manicômios e FASEs²⁵. O enjoo se instala na leitura do jornal, na conversa com o taxista e nos almoços de domingo. Dispensio atenuantes ao mal. A esquiva surpreende-se encurralada frente à opressão atlântica da clausura do céu em porções, folga aos domingos e ambientes climatizados. Movida pela náusea asfixiante me infiltro em espaços de confinamento em busca de palavras. "Mi paso retrocedido cuando el de ustedes avanza" (PARRA, 1966).

²⁴ Frase pichada na Rua Senhor dos Passos, centro de Porto Alegre.

²⁵ FASE, Fundação de Atendimento Sócio-Educativo do Rio Grande do Sul, "órgão responsável pela execução das medidas sócio-educativas de internação e de semi-liberdade, aplicadas aos adolescentes que cometem ato infracional" (<http://www.fase.rs.gov.br>). Em outras palavras, uma prisão para adolescentes e jovens.

Meu corpo sadio morre a cada dia, assim como o sobressalto da palavra exata. “Moribundos, todos nós o somos, a cada instante, somente por afrontar a condição temporal, a extrema fragilidade de nossos “lampejos” de vida” (DIDI-HUBERMAN, 2014, p. 139).

Palavras expelidas, ora aos borbotões, ora a conta-gotas, provêm da invisibilizada zona claudicante em que residem os emudecidos antepassados escravos, as bisavós apedrejadas, os loucos ramos vizinhos acorrentados. Sim, é da zona nua, da vida matável sem honrarias que escorrem palavras impensáveis. A porção homo sacer espalha as feridas pela superfície (AGAMBEN, 2010, p. 116).

Zoé²⁶ que é agora o fundamento da legitimidade soberana²⁷ do Estado. Como precisa Agamben,

Aquela vida nua natural que, no antigo regime, era politicamente indiferente e pertencia, como fruto da criação, a Deus, e no mundo clássico era (ao menos em aparência) claramente distinta como zoé da vida política (bios) entra agora em primeiro plano na estrutura do Estado e torna-se aliás o fundamento terreno de sua legitimidade soberana (2010, p. 134).

²⁶ Os gregos utilizavam dois termos distintos para o que queremos dizer com a denominação vida. Zoé designava a vida biológica, o simples fato de viver, comum a todos seres vivos. Já bíos exprimia o modo próprio de um indivíduo ou grupo viver, a vida política, a vida qualificada. (AGAMBEN, 2010, p. 09).

²⁷ A soberania está simultaneamente dentro e fora do ordenamento jurídico. O soberano é aquele que pode, em qualquer tempo, decretar o estado de exceção. A exceção é a estrutura da soberania, “a estrutura na qual o direito se refere à vida e a inclui em si através da própria suspensão” (AGAMBEN, 2010, p.35).

Hanseníase, Minha casa, minha vida, transtorno bipolar, impostos, wi-fi, eutanásia, guarda compartilhada, cadeira ergonômica, vacinas, balada segura, redução de IPI, Plataforma Lattes, ecobag, tornozeleira eletrônica. Reina a biopolítica, em que a vida natural do homem toma parte nos mecanismos e cálculos do poder, vertendo estados de exceção²⁸. Do “Estado territorial” ao “Estado de população” direito, violência e Estado reinam plenamente azeitados. Amplamente estiradas estão atualmente as malhas do Estado.

Como bio-poder, o Estado moderno inclui a vida biológica - tanto ao nível individual dos corpos adestrados pelas disciplinas, como no registro genérico das populações, cujos ciclos vitais de saúde e morbidez, natalidade e mortalidade, reprodução, produtividade e improdutividade, devem ser calculados em termos de previdência e assistência social. É desse modo que, com a bio-política, a antiga soberania régia (que se encarnava no poder do monarca de fazer morrer e deixar viver) se converte num poder de fazer viver e deixar morrer. Mas nem por isso aquela violência congênita ao efetivo exercício do direito de vida e de morte se encontra derogada pela bio-política e pela racionalidade do estado contemporâneo (GIACÓIA, 2008, p. 285).

A emulsão entre justiça, Estado e governabilidade atinge o apocalíptico controle dos corpos tornados nus, matáveis e insacrificáveis. O Estado exerce sua vocação nata à violência promovendo a licitude das matanças, produzindo a irrelevância política de vidas descartáveis.

Estado alicerçado na indissociabilidade entre violência e direito. Nenhuma surpresa diante do berçário

²⁸ Estado de exceção definido como “uma zona de indiscernibilidade entre lei e vida”. E o poder soberano não limita-se a mera suspensão da situação jurídica, expande-se no trânsito entre dentro e fora (AGAMBEN, 2010, p. 64).

situado em plena Penitenciária Feminina Madre Pelletier²⁹. Naquele local, mulheres cumprem pena juntamente com seus bebês até que estes completem um ano e sejam definitivamente apartados de suas mães. Ora, “um dos paradoxos do estado de exceção quer que, nele, seja impossível distinguir a transgressão da lei e a sua execução, de modo que o que está de acordo com a norma e o que a viola coincidem, nele sem resíduos” (AGAMBEN, 2010, p. 62).

Misturando cenas absorvidas no cotidiano me instalo em um mundo que não é meu. Ocupo a posição da infâmia não sendo necessariamente a pura infâmia, operação de não coincidência. O despertencimento ao mundo deste outro que me interpela explicita o quão distante estamos. Esboço aproximações inventando cenários. Crio, com as minhas próprias palavras, uma possível atmosfera. Acumulo tantas imagens que meu dorso se curva. Vejo o rosto das pessoas, o pelo dos ratos, o colorido das roupas estendidas ao sol.

Tomo nas mãos uma carta escrita na prisão. Absorvida pela textura do papel sou conduzida à luminosidade obtusa da quase-noite em que fora escrita. Intuo: nada do que está ali registrado fora programado com antecipação. Como saberia ele que teria em mãos caneta, papel e a possibilidade de fazer suas palavras chegarem ao destino?

²⁹ Localizada em Porto Alegre é destinada exclusivamente a mulheres privadas de liberdade. De acordo com um estudo do Ministério Público, realizado em 2015, das 224 apenadas 121 são mães. No total, possuem 257 filhos entre 0 e 17 anos e metade delas não recebe visita dos filhos. Ainda de acordo com o mesmo estudo 85% das crianças e adolescentes estão sendo cuidadas por pessoas que não possuem o poder de guarda definido legalmente. (ver mais em <https://www.mprs.mp.br/noticias/id39558.htm>).

Sou atirada pelos documentos, pedaços do outro que ostentam veracidade. Trechos de realidade que iludem em potencial proximidade³⁰. A reconstrução fiel de um mundo logo escapa, é desvirginada pela pulsão narrativa (GAGNEBIN, 2014) que insiste em contar mais. Dos cacos recolhidos no cotidiano, imagens tagarelam, manchando o real com toda invenção possível.

Quanto mais o mundo do outro se afasta, mais lhe falo e as minhas palavras só fazem aumentar nossa distância. A língua do outro permanece, inapreensível, em seu longínquo. E a minha língua, por sua vez, se estira na tentativa de tocar a alheia. Prolifera no choque do encontro. Da colisão com o outro experimenta a vertigem do inominável. Finda em zonas de silêncio, na enunciação³¹ impossível. Alcança o não almejado desfazimento e no limite da própria ruptura pacifica-se com as improváveis criaturas que saltam das visíveis crateras do fundo intangível da língua.

A escrita torna-se assim o espaço de guerra declarada. No lugar de esclarecer, as palavras instalam zonas noturnas de combate entre mundos antagônicos. Primam pela instalação da agonia entre o que pede expressão, mas não cabe nas palavras. Desencadeiam imagens que não visam qualquer tradução, pois traem a univocidade dos sentidos comuns.

³⁰ A percepção do mundo é sempre parcial, efeito ainda de nossas próprias memórias, de nosso passado contraído no presente, já que “aos dados imediatos e presentes de nossos sentidos misturamos milhares de detalhes de nossa experiência passada” (BERGSON, 2010, p. 30). Efetua-se por cortes em um todo impossível. Escrecha assim, a impossível completude pretendida por um modo de fazer história, oficialística, pretensamente unívoca e verdadeira.

³¹ A enunciação se refere a um puro acontecimento linguístico, ao dizível que permanece não dito. É uma função e não uma estrutura. (AGAMBEN, 2008, p. 141).

O texto que ora se apresenta não parte de uma pergunta central (LAGES e SILVA, 2012). Tampouco um determinado problema desempenhará a função de eixo estruturante. Não que perguntas e problemas sejam condenáveis, entretanto aqui se ausentam não por imprecisão ou desleixo, mas por não acontecerem. A pesquisa contenta-se em interrogar o próprio campo e assim criar uma ambiência sabidamente inabitável. Fimda na proposição inútil de um cenário sem espetáculo. São meras séries de elementos, cheiros, palavras, cores, sensações colocadas em um mesmo plano para enredarem-se sem final feliz. O deslizamento ao enquadre previsto para trabalhos acadêmicos é inevitável. Efeito do método empregado em que o texto é uma entidade viva, mesmo que o rumor do sangue correndo em suas veias permaneça inaudito.

Não estamos diante de uma investigação que se desenvolve a partir de uma questão, procurando respostas, recuperando a literatura especializada, produzindo dados. A tese que aqui se apresenta acontece na instalação de um dispositivo³² ou de uma maquinaria³³. Tal maquinaria é montada para que haja a máxima proliferação imaginativa. Para que a sensibilidade alcance sua plenitude na montagem dos cenários construídos e que a partir da experimentação a escrita aconteça e a experimentação se refaça. Para que a língua não se resuma a um

³² A utilização do conceito de dispositivo como criador e criatura não se equivale à proposição de Foucault (1998, p. 244), mas dela se avizinha. Nomeamos dispositivo o conjunto heterogêneo do próprio texto que engloba as cartas, os muros, os ditos, os fluxos, as caligrafias, as interdições e toda matéria-prima colhida no mundo que faça ver e falar, ou seja, escrever imaginativamente.

³³ Dispositivo, maquinaria e parafernália são utilizados como sinônimos.

sistema de signos amorfos, esgote o possível e abra espaços ao impossível. Prolifere em um modelo ontológico de criação de seres, esquivando à representação inerte de um mundo terminado.

Para tanto é preciso colocar o dispositivo em ação, pois ele está fadado a avarias, colapsos, falências e inoperâncias³⁴. Em desacordo com os princípios demonstrativos de pensamento, aqui desvios e deslizos da máquina cogitativa serão maximizados. Em suma, tal parafernália não propagandeia perfeição funcional, desempenho preciso ou resultados rápidos. Suas impertinências dão a ver tanto quanto sua possível produtividade. Seus emperramentos escancaram os aprisionamentos da imaginação, do delírio, da alegria, do pensamento – de tudo que, silenciosamente para uns, escandalosamente para outros, possa potencializar a existência³⁵.

Ao contrário do que vemos nos laboratórios científicos equipados com refinados medidores, animais treinados, luminosa assepsia, o dispositivo para a realização dessa pesquisa não está pronto para ser acionado. Aqui

³⁴ Agamben (2010, p. 67) pesca o conceito de inoperância em Blanchot e Jean-Luc Nancy definindo-a como “um modo de existência genérica da potência, que não se esgota”.

³⁵ A inglória tramitação pelos comitês de ética, mais um *modus operandi* da gestão da vida pelo Estado, foi incorporada à maquinaria. Após incontáveis idas e vindas, a pesquisa obteve aprovação do Comitê de Ética da Superintendência dos Serviços Penitenciários do Rio Grande do Sul (SUSEPE) para seu pleno exercício junto ao Presídio Central. O projeto de pesquisa tramitou, inclusive, e obteve aprovação para ser realizado pelo Comitê de Ética em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEP-Psico).

a parafernália toda é um compulsivo canteiro de obras. Há barulho ensurdecedor por todo lado e poeira, suor, buracos, ferrugem, carcaças e pássaro sem asas³⁶. E na medida em que o dispositivo é feito, faz-se também a tese.

E desfaz-se a tese na vitalidade do dispositivo que enlouquece a aritmética³⁷. A cada nova palavra incorporada, ao invés de somar - risca, contorce, abrevia, estufa as que a antecederam. A fixidez das palavras é mera aparência estando elas, a cada piscar de olhos, em sorrateiro movimento.

A predisposição à agonia é alvitre da pesquisa que teima em desviar-se e tem ao final pouco mais que o mapa com a trajetória de seus percursos. Mapa textual, adensado de camadas e camadas de matéria imperceptíveis a olho nu. Um texto que se faz dispositivo enguiçado, pois sem finalidade, dispõe os meios sem, contudo, visar qualquer fim. Texto que guia e faz perder o próprio autor. Aberto a encontros não-marcados, portanto, sujeito a desvios.

A intenção original de transformar o mal-estar gerado a partir do encontro com instituições, conceitos e políticas foi suplantada. A escrita não é mais um meio de exteriorizar as sensações produzidas na passagem por cenários de horror, mas meio de instalar a catástrofe em ato. A escrita é o truque para adentrar a paisagem do confinamento e lá permanecer sem o peso da condenação. A prisão, a performance que condensa temporalidades e forças hipertrofiadas em assombrosa renovação.

³⁶ Alusão ao poema O operário em Construção de Vinícius de Moraes.

³⁷ A aritmética é o segmento da matemática que se ocupa dos números e das operações possíveis entre eles. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Aritm%C3%A9tica>

Trucando como Ulisses, escondido em sua ovelha e em seu codinome Ninguém, escapa dos Ciclopes. Ele, como um Ninguém, mimetizado ao animal abre passagem. O pesquisador mimetizado aos presos, às suas cartas, faz passar algo além de uma dissimulação. Pois “haverá apenas sinais, singularidades, pedaços, brilhos passageiros, ainda que fracamente luminosos” (DIDI-HUBERMAN, 2014, p. 43). Sob pele de carneiro, passa o lobo, sob a pele de verídico, passa o falsário. Para que a passagem se concretize, há que haver a produção desse engano perceptivo ao Ciclope que, monocular, perde a profundidade da visão e enxerga menos do que a parcialidade. Enganar o Ciclope, cego em sua verdade bárbara e selvagem é dar passagem a Ninguém³⁸.

³⁸ O Ninguém de Ulisses é aqui perpassado pelo Ninguém do militante do Movimento Passe Livre que, em meio às manifestações realizadas em junho de 2013, responde a um jornalista que insiste em inquirir a identidade pessoal dos seus membros: “Anota aí: eu sou ninguém”. Ver mais em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaio/119566-quotanota-ai-eu-sou-ninguemquot.shtml>

Personagens do real³⁹

Para onde quer que meus olhos passem, encontro a poeira de um passado a tonalizar o presente. Cubro minha superfície de poeira e minha pele, agora acinzentada, guarda vaga lembrança do cobiçado bronzeado juvenil.

³⁹ Real feito de distintos, porém indiscerníveis dia e noite, claro e escuro, atual e virtual, opaco e límpido, germe e meio. Se tomado como imagem, uma imagem cristal, pois o cristal é expressão. O germe, por um lado “é a imagem virtual que fará cristalizar um meio atualmente amorfo; mas por outro, este deve ter uma estrutura virtualmente cristalizável, em relação à qual o germe desempenha o papel de imagem atual” (DELEUZE, 2005, p. 94). O real é o que extravasa a realidade percebida. Torce as formas atualizadas em nosso presente. Torna-se assim, o duplo do mundo, composto por atuais e virtuais exalando sentidos insuspeitados, efêmeros e avessos à pretensão de verdade. Na exímia condensação de Manoel de Barros (1996, p.69): “há histórias tão verdadeiras que às vezes parece que são inventadas”.

No Brasil (1964-1985), 50.000 pessoas foram presas apenas nos primeiros meses de ditadura civil-militar⁴⁰, 4.862 cassadas e 426 mortos e desaparecidos⁴¹. Os relatórios da Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos e das Comissões de Reparação⁴² informam que, somente no Rio Grande do Sul, a Comissão recebeu aproximadamente 1.650 requerimentos, dos quais 1.173 foram deferidos.

Um tempo em que falar era extremamente arriscado, já que qualquer informação poderia comprometer alguém, acarretando em prisão, tortura, morte e desaparecimento. Familiares e militantes queimaram livros, cartas, fotos, objetos para preservar a própria vida e a integridade de vizinhos e amigos. O pouco que restou, na maioria dos casos, ficou guardado em compartimentos particulares, gavetas, baús e armários. Documentos preciosos condenados a se perderem no tempo, conforme

⁴⁰ A ditadura civil-militar instaurada pelo golpe militar contra o governo de João Goulart em 1964 vigeu oficialmente até 1985. Nesse período sequestros, mortes, exílios, cassações, tortura, censura, desaparecimentos forçados tornaram-se práticas institucionalizadas pelo Estado. Ver mais em: MOURÃO, Janne Calhau (org.). *Clínica e Política 2: Subjetividade, direitos humanos e invenção de práticas clínicas*. Rio de Janeiro: Abaquare: Grupo Tortura Nunca Mais, 2009.

⁴¹ *Dossiê ditadura: mortos e desaparecidos políticos no Brasil (1964-1985)*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2009.

⁴² O resultado da luta de diversas entidades de direitos humanos, familiares de mortos e desaparecidos, militantes e alguns parlamentares foi a assinatura, em dezembro de 1995, da Lei nº 9.140/95. Ver detalhes em *Resquícios da Ditadura no Brasil*, de Cecília Maria Bouças Coimbra, <http://www.dhnet.org.br/dados/relatorios/dh/br/jglobal/jglobal2000/requiciosdaditadura.html>.

relata Márcia: “Minha mãe morreu em junho de 1994. Quando tive que dispor de suas coisas e remexer em seus papéis, deparei-me com uma série interminável de bilhetes e cartas que eu havia recebido e enviado da prisão” (MAFRA, 1997, p. 321).

Presos pelo regime ditatorial civil-militar⁴³, em todos os cantos do país, criavam e mantinham fortes laços no vai e vem das correspondências. Amigos, companheiros, casais e até mesmo desconhecidos mantinham-se

⁴³ As consagradas denominações presos políticos e presos comuns serão, nesta tese, abolidas. Tomamos como premissa que todas as condutas consideradas como crime são políticas, já que resultam e produzem campos de forças. Campos estes atravessados pela economia, cultura, natureza, moda, tecnologia, guerras. Assim, não há como sustentar tal distinção entre o comum e o político. Para resguardar as devidas diferenças e particularidades de cada momento histórico adotaremos a terminologia “presos pelo regime ditatorial civil-militar” para aqueles presos em razão da sua militância, ou por situações associadas, durante a ditadura civil-militar. Os casos que envolverem sujeitos presos pelo Estado de exceção atual serão referidos como “presos pelo Estado de exceção”. Vale ressaltar que o Estado de exceção não circunscreve a abrangência da exceção aos que estão diretamente envolvidos com o sistema penal, avança em suas refinadas estratégias de monitoramento, penas alternativas, cercamento eletrônico e inocula generalizadamente a ameaça do castigo. Para Wacquant (2011, p. 09) a penalidade, entendida como o conjunto de práticas, instituições e ditos relacionados à pena, coloca o seguinte paradoxo: “pretende remediar com um “mais Estado” policial e penitenciário o “menos Estado” econômico e social que é a própria causa da escalada generalizada da insegurança objetiva e subjetiva (...)”.

assim em contato. Tantos não tiveram a chance de escrever, foram assassinados ou detidos na condição de sequestro. Desprovidos de qualquer ilusão promovida pelo aparato jurídico, número de processo, visita de advogados ou familiares, ou um luxuoso habeas corpus. Papel e caneta estavam fora do universo de possibilidades. Aos que tiveram acesso à expressão, a escrita tornou-se vital. Nos contornos do papel em branco, um corpo para além da violência de Estado. No encontro da tinta com o papel, a invenção de si. Assim militantes e familiares recebiam e enviavam notícias, palavras de conforto e, na medida do possível, driblando a censura imposta pela repressão, denunciavam o que ocorria. Como diz Viegas, preso na Ilha Grande, para Sonia Goulart Salles no presídio Talavera Bruce, em Bangu, no Rio de Janeiro:

Você tem toda razão quando diz que ficar sem receber cartas é doído; muito chato mesmo. Na verdade, a troca de ideias é uma necessidade que, se não satisfeita, nos corrói em demasia os nervos. A gente, quando só, luta e tenta resistir contra a ausência de palavras carinhosas. Nem todos conseguem vencer a solidão. E quando isso acontece é o fim que se aproxima. É claro que, para sentirmos o sabor de uma carta e tudo que ela traz em suas linhas, não é preciso conhecer fisicamente quem a escreve. O importante mesmo é existir motivados. E entre nós os motivos são imensos, transbordantes⁴⁴.

⁴⁴ Trechos de cartas, gentilmente cedidas pelos autores ao Grupo Tortura Nunca Mais do Rio de Janeiro. Tais cartas compuseram mostras nos atos Reparação e Memória, ocorrido na Universidade Federal do Rio de Janeiro em junho de 2008 e no IV Seminário de Psicologia e Direitos Humanos, promovido pelo Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro, em parceria com o GTNM/RJ e o Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

As palavras têm vida e, por meio destes textos, somos transportados para diferentes cenários. O cheiro, a umidade e a falta de luz do presídio brotam do papel. Na atualização dos tempos, sentimos a presença de Sônia, ouvimos a voz de Viegas, jogamos batalha naval.

Ao tomar contato com estas produções, perguntamo-nos: o que hoje diriam delas seus autores e destinatários? Que outras histórias estar-lhes-iam associadas? Quem eram essas pessoas? Surgem assim nossos personagens, construídos não pela cronologia ou sequência verídica dos fatos, mas pela pluralidade de histórias dissonantes.

De lá para cá pouco mudou. As desigualdades econômicas se acirraram, a lógica do consumo se enraizou e as cadeias incharam. Como depõe Vera Malaguti Batista (2010, p. 29), “nós, que lutamos contra a ditadura militar, devemos encarar o fato que a democracia que ajudamos a construir tortura e mata mais que o ciclo militar”. Se durante a ditadura civil-militar os perigosos eram os militantes políticos, hoje negros e pobres, sem-terra, sem-teto, sem-trabalho são o alvo prioritário das denominadas políticas de segurança.

Na mesma direção afirmava Pier Paolo Pasolini. Para ele seria equivocado pensar que o fascismo dos anos 1930 e 1940 fora vencido. Recolocando o pensamento do poeta e cineasta italiano, Didi-Huberman diz “sobre as ruínas desse fascismo está atrelado o próprio fascismo, um novo terror ainda mais profundo, mais devastador aos olhos de Pasolini” (DIDI-HUBERMAN, 2014, p. 26).

Nas mesmas cadeias em que permaneceram Manoel Raimundo Soares, Frei Tito, Carlos de Ré, Jacob Gorender, estão atualmente encarcerados aproximadamente 500.000 brasileiros⁴⁵. Nesse contingente um amontoado de figuras comuns, estudantes, trabalhadores, desempregados, moradores de rua. Nelas encontramos o que há de mais trivial, nenhum destaque, sequer uma exceção. São pessoas que poderiam ser identificadas como um qualquer⁴⁶.

*

Natural de Ijuí, desde criança trabalhou na roça com a família, não foi à escola, tem a pele da cor da terra.

*

Vivia na rua, esqueceu o passado, anda em grupo, come e bebe o que não mata.

*

Tímida, caprichava na caligrafia, sonhava com o dia do casamento.

*

Aos seis anos decidiu escrever uma carta a deus, mas não sabia como entregá-la.

*

⁴⁵ Para Wacquant (2011, p. 13) o cenário prisional brasileiro é aterrador. As prisões “se parecem mais com campos de concentração para pobres, ou com empresas públicas de depósito industrial dos dejetos sociais, do que com instituições judiciárias servindo para alguma função penalógica – dissuasão, neutralização ou reinserção”.

⁴⁶ Um qualquer é aquele que comporta potências, situa-se no plano das forças e não das formas, é a mais radical singularidade, nem individual, nem tampouco universal. É a coisa enquanto tal, com todos os seus predicados. Distingue-se assim da forma de um eu identitário, com acesso garantido ao plano de visibilidades (AGAMBEN, 2013).

Os prelúdios apresentados, criados a partir de fragmentos coletados, atravessam o texto dando vida aos personagens. São vidas sem brilho enredadas nas malhas do Estado. Diz Foucault (2003, p. 207) sobre seus personagens:

Quis também que essas personagens fossem elas próprias obscuras; que nada as predispuesse a um clarão qualquer, que não fossem dotadas de nenhuma dessas grandezas estabelecidas e reconhecidas – as do nascimento, da fortuna, da santidade, do heroísmo ou do gênio; que pertencessem a esses milhares de existências destinadas a passar sem deixar rastro; que houvesse em suas desgraças, em suas paixões, em seus amores e em seus ódios alguma coisa de cinza e de comum em relação ao que se considera, em geral, digno de ser contado; que, no entanto, tivessem sido atravessadas por um certo ardor, que tivessem sido animadas por uma violência, uma energia, um excesso na malvadeza, na vilania, na baixaza, na obstinação ou no azar que lhes dava, aos olhos de seus familiares, e à proporção de sua própria mediocridade, uma espécie de grandeza assustadora ou digna de pena.

Pessoas reais, com nome e sobrenome, registro em cartório, família, vizinhos, algum bem material. Histórias permeadas por contingências, sucessões de eventos sem importância ou marcadas por uma ocasião.

Aqui, realidade e ficção não são mutuamente excluídas, estão diretamente imbricadas. Sobre a relação de seus textos com a realidade, Foucault (2003, p. 206) afirma:

Persisti para que esses textos mantivessem sempre uma relação, ou melhor, o maior número de relações possíveis com a realidade: não somente que a ela se referissem, mas que nela operassem; que fossem uma peça na dramaturgia do real, que constituíssem o instrumento de uma vingança, a arma de um ódio, um episódio em uma batalha, a gesticulação de um desespero ou de um ciúme, uma súplica ou uma ordem.

Aos personagens em questão, entretanto, não foi permitido permanecer no anonimato. Suas vidas foram atravessadas tal qual um raio pelo poder. Embaraçados nas malhas do Estado, terrorista ou democrático, engrossaram as estatísticas, figuraram em processos, viraram manchete.

No período da ditadura, no enfrentamento ao terrorismo de Estado, muitos ofereceram a própria vida pela Revolução Socialista, suportaram a tortura, a prisão, o sequestro, o exílio. Outros tantos passaram pelas mesmas experiências por possuírem um livro considerado subversivo, por perguntarem em sala de aula, ou unicamente por terem um familiar na militância. Figuras por muitos consideradas heróis com facetas e virtudes, coragem e determinação peculiar aos deuses.

Não almejamos transformar nossos personagens em grandes homens. Heróis são condenados à eternidade, congelados em lugares definidos, distanciam-se do plano comum. Desumanizados, convocam um excesso de admiração e um quê de melancolia. Adotamos a precaução de Beatriz Sarlo (2007, p.43), alertando que “uma atitude de deferência, de respeito congelado diante de alguns episódios dolorosos do passado, pode tornar menos compreensível, na esfera pública, a pesquisa que se alimenta de novas perguntas e hipóteses”.

Enquanto presos pelo regime ditatorial civil-militar são por vezes considerados heróis, já presos pelo Estado de exceção contemporâneo são invariavelmente categorizados como bandidos, vândalos, monstros, assassinos, sanguinários. Em uma pretensa totalidade, são igualmente retirados do território da humanidade. Diariamente, nas breves manchetes noticiadas, agrega-se todo um imaginário construído cotidianamente no tecido social. Afirmações de famílias desestruturadas, doenças

orgânicas, problemas de caráter, uso abusivo de drogas, rondam as asserções acerca da vida daqueles envolvidos com a lei.

A figura do mocinho não nos desperta interesse, a do bandido tampouco. Buscamos a grama rasteira que pode ser vista onde há terra, destinada a nascer e morrer sem virar história, como “um simples plural de encantos, lugar de pormenores sutis, fonte de vivos clarões romanescos, canto descontínuo de amabilidades” (CORAZZA, 2010, p. 88). Interessamo-nos pelas vidas comuns que não despertam apaixonamento por um eu. Afrontamos a ilusão de unidade dos heróis, das divas, dos ícones e dos bandidos.

Em qualquer tempo, prisões são fábricas de expressão escrita. Entre as grades, encarcerados escrevem aos familiares, juízes, professores, amigos, assistentes sociais, pastores. São cartas de amor, compromisso, tédio, encomendas, saudades, desesperança. No vai e vem de carteiros, familiares, defensores públicos, fala-se da vida passada, do cotidiano na prisão, das perspectivas de futuro. As palavras vazam os muros, escapam pelas frestas e ganham as ruas.

Nos anos de chumbo e ainda hoje, os militantes políticos eram apresentados pela mídia como bandidos, assaltantes, terroristas. Os presos de hoje estampam manchetes de jornais como delinquentes, monstros e psicopatas, cumprindo penas sem nem terem sido julgados, reduzidos ao delito e, individualizando suas condutas, a estes, resta a cadeia ou o cemitério.

Para Lucas Rosseti, 21 anos, natural de Igarapava, interior de São Paulo, as duas folhas de caderno de que dispunha não foram suficientes. Fez da caixa de cigarros suporte para sua carta. Da carceragem do 77º Distrito Policial, em Santa Cecília, no Centro de São Paulo,

escreveu: “minha principal intenção ao escrever esta, é tentar deixar claro para a sociedade que eu não sou o monstro que muitos dizem que sou”. Algumas linhas adiante diz: “existia sim dentro de mim uma ambição, a vontade de poder ter uma vida boa, mas nada que me motivasse a cometer um crime bárbaro como esse”. Para concluir, um último apelo: “peço que toda sociedade reveja os acontecimentos e procurem saber quem eu realmente sou, apenas mais um jovem sonhador” (TOMAZ, 2011).

Que outras vidas podem ser contadas destes sujeitos presos para além do suposto delito?⁴⁷ Como o aparato de segurança marca sua existência?⁴⁸

Evocamos dois tempos históricos: ditadura civil-militar (1964-1985) e democracia do século XXI. Mencionamos ainda presos pelo regime ditatorial civil-militar e presos pelo Estado de exceção. Utilizando as cartas escritas por eles na prisão, nos misturaremos às suas vidas. Suscitaremos as palavras a ganharem vida própria. A linguagem será alçada ao primeiro plano tomando os documentos e elementos colhidos no cotidiano como matéria a ser trabalhada pela força da língua em expansão. As questões mencionadas operarão como a suspensão do ar, permitindo que minúsculas partículas de origem, estruturas e composição variadas se tornem visíveis no formato de poeira.

⁴⁷ A questão se refere ao problema do biografe-
ma, problema da narrativa e da transmissão, pro-
blema do silenciamento de vidas pela infâmia que
os discursos proferem. Como contar uma vida?

⁴⁸ Com esta questão indagamos a fusão, a mi-
mese entre carne e prisão, entre ferro e carne,
ou seja, trata-se do problema da subjetivação
que se dá por agenciamentos múltiplos, em
que não mais podemos dizer de dois lados em
oposição: ambiente e indivíduo. Aqui, o sujeito
aparece como dobra de seu fora (LEVY, 2003).

Poeira da grande temporalidade que recobre presos pelo regime ditatorial civil-militar e pelo Estado de exceção. Aprisionados por não pensarem e agirem de acordo com os interesses políticos e econômicos dominantes. Ou por serem a sobra da máquina lucrativa. Lutam por um mundo igualitário, mas os perseguidos nunca terão. Almejam o tênis, um pedaço de chão, o celular, a mãe amorosa, mas os descartáveis nunca terão. Toda prisão cheira a navio negreiro⁴⁹, nessa atualidade ancestral de colonização e uniformização de corpos, condutas e pensamento.

Poeira levantada pela desafinada voz dos testemunhos que possuem a força de evidenciar o que resta a dizer dessas vidas tocadas pelo poder policial e jurídico. Assim como das conformações impostas aos chamados bandidos ou presos políticos. Seriam eles também efeito de regimes de poder-saber, de regimes de verdade vigentes? Por que, hoje, não se fazem mais “presos políticos”? Tal categoria teria sentido somente no período da ditadura civil-militar? Da mesma forma, o que seria, hoje, um criminoso social? Somente aqueles que se colocam explicitamente em contraposição ao regime socioeconômico vigente? Mas há em cada ladrão e em cada assassino, um pedaço de seu social que é, afinal, de todos. Afinal alguém mata sua mãe ou pai, ou rouba e mata por posse de um automóvel apenas porque está no circuito do jogo do capital e de suas regras (quem pode mais, leva mais). Estilhaçamento do comum, individualizações crescentes, concorrência como o signo do jogo dos campeões.

⁴⁹ Alusão a canção Todo Camburão Tem Um Pouco de Navio Negreiro. O RAPP (1994).

Além das barras de ferro

O cenário está delimitado: muros altos, barras de ferro, umidade, cheiro de gente confinada. Fortalezas de isolamento datadas de um passado recente, profundamente sedimentadas, a ponto de parecerem naturais como rochas ou vulcões. A partir do século XIX, o foco da pena não se centraliza mais no corpo do condenado, nos suplícios convertidos em espetáculos públicos, mas na privação da liberdade. Em nome do bem comum e da defesa social, estrutura-se o sistema carcerário.

O desaparecimento da punição física como grande espetáculo não implica, contudo, que punições corporais tenham desaparecido. A prisão “nos seus dispositivos mais explícitos, sempre aplicou certas medidas de sofrimento físico” (FOUCAULT, 2010, p. 18).

Em pleno absolutismo monárquico (século XVII), o suplício não se destinava à reparação moral, mas a, cerimoniosamente, demonstrar o poder soberano. O delito, por sua vez, “devia ser considerado como um desafio à soberania do monarca: ele perturbava a ordem de seu poder sobre os indivíduos e as coisas” (FOUCAULT, 2010, p. 153).

Seria todo empenho em superar os modos de punição vigentes, centrados em práticas voltadas aos corpos, benfeitoria aos condenados? É preciso lembrar que a era industrial demandava força de trabalho, corpos-operários fabricados nas creches, escolas, exércitos. A ameaça estava posta: “ou bem você vai para a usina ou bem você encalha na prisão ou no asilo de alienados” (MOTTA, 2010, p. XXV)⁵⁰.

⁵⁰ Vera Malaguti Batista lembra ainda que no Brasil o disciplinamento não substituiu o suplício. Ver mais em <https://www.youtube.com/watch?v=GI7oxz6aOhw>.

Há tempos assistimos o fortalecimento da política de encarceramento⁵¹. Enganam-se aqueles que afirmam que a prisão não deu certo. Para Foucault, (1987, p. 230), “o sucesso é tal que, depois de meio século de ‘fracasso’, a prisão continua a existir, produzindo os mesmos efeitos”. Não está restrita a efeitos repressivos, é repleta de positivities que visa induzir, atinge seus objetivos “na medida em que suscita no meio das outras uma forma particular de ilegalidade, que ela permite separar, pôr em plena luz e organizar como um meio relativamente fechado, mas penetrável” (FOUCAULT, 1987, p. 230).

⁵¹ Para Massimo Pavarini (2010, p. 295) poderíamos estimar o encarceramento mundial na assustadora cifra de 15 milhões de indivíduos legalmente privados de liberdade. Não resta dúvidas de que esse número está muito aquém da realidade, considerando que grande parte dos estados não fornece estatísticas atualizadas a esse respeito. Ainda de acordo com o estudioso italiano entre 30 e 50 milhões de pessoas experimentam uma experiência detentiva no mundo. “Se 30 milhões de homens fossem de mãos dadas, criariam uma fila longa, com quase 60 mil quilômetros, o que equivale dar a volta ao mundo quase duas vezes na altura da linha do equador. Se a essa fila ainda forem somados aqueles que estão penalmente limitados na liberdade, ela poderia abraçar cinco, seis vezes a Terra”.

Criada para transformar os indivíduos, promete, por meio da privação da liberdade - bem jurídico das sociedades modernas, a um só tempo, o pagamento da dívida com a sociedade e a correção do infrator⁵². Aparentemente a forma mais civilizada de todas as penas criou raízes profundas. Tem a incumbência de abranger o indivíduo na sua totalidade, sem exteriores ou lacunas. Com um modo de operação particular, tem códigos próprios, mecanismos internos de repressão e castigo, “organiza silenciosamente um campo de objetividade em que o castigo poderá funcionar em plena luz como terapêutica, e a sentença se inscrever entre os discursos do saber” (FOUCAULT, 1987, p. 230).

Atualmente as matérias jornalísticas denunciando o horror dos presídios superlotados, nos quais falta comida, água, cama, remédios e ar para os presos, instigam falas sobre a necessidade de reformas, investimentos, criação de vagas. É preciso lembrar, contudo, que nas prisões o ímpeto reformista não surge a partir das constatações de seu fracasso: está colocado desde sua invenção. Como parte de um programa, desde o início, a prisão se engaja “numa série de mecanismos de acompanhamento, que aparentemente devem corrigi-la, mas que parecem fazer parte de seu próprio funcionamento” (FOUCAULT, 1987, p. 197).

Na atualidade a prisão não perde seu fôlego, torna-se uma peça a mais em novos arranjos. A disciplina não fora abandonada, mas o controle refina-se operando a céu aberto. Como aponta Passetti (2006, p. 88),

⁵² Wacquant (2011, p. 14) é contundente, estudos mostram que não existe nenhuma correlação entre nível de crime e nível de encarceramento.

Na sociedade de controle, o corpo não é prioritariamente o alvo produtivo e obediente; nela importam fluxos, importam inteligências. E estas nem sempre se acomodam em corpos a serem disciplinados. Passamos da era da mecânica dos corpos para a era dos fractais, quanta, genomas, células, as invisibilidades de bactérias e vírus. Nesta sociedade pune-se mais, e a prisão deixa de ser o lugar preferencial destinado ao infrator, em decorrência da diversificação do direito penal. Os usos das penas para comportamentos desviantes também se desdobram, e aparecem possibilidades de justiça punitivas de Estado sem aprisionamentos. Entretanto, isso não significa que a substituição da prisão por dispositivos a céu aberto funcione pelo deslocamento. Na maioria das vezes, ainda que os reformadores tentem justificar controles a céu aberto — como liberdade assistida, semiliberdade, prestação de serviços à comunidade, disseminação de tribunais de pequenas causas, leis de penas alternativas, justiça restaurativa... — como redutores ou supressores da prisão, estes acabam somados à continuidade do encarceramento (...).

Muito pode ser contado e analisado, ao longo de aproximadamente dois séculos de existência, sobre a prisão, instituição totalitária, passagem da punição à vigilância, meio escola, um tanto quartel. Sabemos de seus métodos de vigilância, do esquadrinhamento, da produção de categorias como a delinquência. Todavia, ela não será tomada em relações de causa e efeito. Purgatório para alguns, fim da linha para outros ou ainda “uma vitória por ter sobrevivido às torturas, ao desaparecimento, à morte” (CANDIDO, 1997, p. 15).

Para Passetti (2006, p. 111),

Enquanto as periferias das grandes cidades se consolidam como prisões a céu aberto, a antiga prisão no interior deste espaço funciona tanto como dispositivo de sociabilidade de miseráveis quanto como acionista de negócios ilegais. Não há mais lugar ou legitimidade para rebeliões; vivemos uma era de reformas tamanhas, que a continuidade da prisão passou a ser um modo lucrativo de vida, defendido pela hierarquia empresarial superior dos encarcerados. Num piscar de olhos tudo parece integrado no vaivém da lei pelos ilegalismos.

A prisão é mais um elemento da maquinaria poética⁵³, não um lugar acessório. É o contexto constitutivo de enunciação ao qual tais cartas estão invariavelmente atreladas. A prisão é mais uma das vozes presentes nestes textos. Não que as cartas necessariamente descrevam, denunciem ou façam menção à situação prisional. É a prisão que murmura em meio à voz daqueles que escrevem, ainda que eles não se apercebam (AMORIM, 2004, p. 115).

⁵³ A poética é ontológica, já que implica na criação de formas, incessante fazimento. É o elemento que desregula a máquina de suas funções habituais. Acostumada a visar o melhor desempenho pela reprodução, precisão, exatidão, agora a máquina, associada à poiese perde funcionalidade, pois cria formas sempre díspares, imprevisíveis e inúteis.

Uma escrita repleta de particularidades, uma experiência-limite⁵⁴ que permeia cada palavra carregada de noite. O que podem as palavras para o homem trancafiado na noite que não finda? Privado de si e do contato com as paisagens mundanas, escreve. No papel ou na própria pele⁵⁵ imprime sua caligrafia. Nesta paisagem compulsória, o trânsito do corpo e do dizível resta circunscrito. A condenação toma as rédeas de um tempo indócil.

Passando de boca em boca, de um contexto a outro, de geração em geração, a palavra não esquece seus trajetos, carrega seus adereços e penduricalhos acumulados em vida (AMORIM, 2004, p.133). As palavras registradas no papel arrastam todo seu cenário. Apartado de sua casa poderá o condenado fazer de uma cela um lar? Seja ela imunda e abarrotada ou, asséptica tal qual sala de cirurgia, poderá tornar-se uma morada? De seus pertences também ficará alijado. Sem fotos, revistas, roupas, armas, santinhas, celular, antídotos, livros, comida preferida, que homem restará por entre as grades?

⁵⁴ “A experiência é essa exigência, ela é apenas enquanto exigência e é tal que não se dá jamais por consumada, já que nenhuma lembrança seria capaz de confirmá-la, já que ela ultrapassa toda memória e que somente o esquecimento acha-se à sua medida, o imenso esquecimento que leva a palavra” (BLANCHOT, 2007, p. 195).

⁵⁵ A impressão da palavra na própria pele remete ao trabalho da artista plástica Rosângela Rennó intitulado Cicatriz (1996). Para realização do trabalho em questão ela realiza uma operação de salvamento dos 15 mil negativos em vidro dos arquivos da Penitenciária do Estado de São Paulo. Até o momento de sua intervenção, o material estava apodrecendo em caixas de papelão amontoadas no sótão da Penitenciária do Carandirú (RENNÓ, 2003).

Se puder conciliar o sono, dormirá na companhia de estranhos. E assim também serão as refeições, as disputas, o banho, o terror, o sol, o sexo. Família, amigos, antigos colegas, parceiros, filhos, somente no dia de visita, se houver. Separado dos seus, vigiado, acuado e confinado, resta um fio de homem.

Um fio de homem silenciado e premido por razões de sobrevivência. Homem que escreve cartas para pedir uma escova de dente, bermudas, canetas, alguma condição de humanidade. Na veemência por coisinhas miúdas e corriqueiras ao cotidiano de qualquer um, o apelo para resistir aos ardores das prisões que desumanizam e fabricam os muçulmanos⁵⁶. Corpos emudecidos frente às agruras de seus desconfortos impensáveis. Tornaram-se públicas as evacuações das fezes e urina, já não dormem em individualidade, perderam o básico do homem - seus gostos e modos -, perderam os seus, já estão na vala comum dos corpos, enterrados vivos, nos excrementos e nos cheiros insuportáveis. A prisão fabrica

⁵⁶ Os chamados muçulmanos eram os mortos-vivos que vagavam pelos campos de concentração. Presos destituídos de qualquer esperança, abandonados pelos companheiros, sem discernimento entre bem e mal, um punhado de funções físicas em agonia. Como explicita Agamben (p. 62) “o muçulmano é não só, e nem tanto, um limite entre a vida e a morte; ele marca, muito mais, o limiar entre o homem e o não-homem”. De acordo com Jeanne Marie Gagnebin, a etimologia do termo muçulmano é obscura e contém “uma certa desforra de caráter racista na boca das vítimas do antissemitismo” (2008, p. 13).

o homem não mais humanizado. Deixa-o no reles chão do solo de uma vida *zoé*⁵⁷, rumo à câmara de gás e a incineração. Fadada ao esfumaçado esquecimento marcha a massa silenciada. Silenciamento sem memória, sem transmissão possível. O sistema dos *lager* está bem próximo.

Um fio liga Maria do Socorro Nobre a Frans Krajcberg. O último, de origem polonesa, perdera toda família em 1940 durante a ocupação da Polônia pela Alemanha nazista. Ela, mãe de três filhos, cumpre pena no Presídio Feminino em Salvador. Ele torna-se artista plástico e migra para o Brasil aos 27 anos. Vê nos restos das florestas queimadas árvores retorcidas e calcinadas os corpos que vira na guerra. Frans adentrou as matas, extirpado das possibilidades de tolerar o contato com os homens. Maria do Socorro, espoliada de sua vida, escreve uma carta ao artista sem esperar resposta. Ele encontra a vida na natureza, nas árvores, no mar e dança. Ela, condenada a 21 anos e 04 meses de reclusão, sonha criar suas próprias galinhas (SALLES, 1995).

Na linguagem discursiva, plena de acontecimentos, aquela que já cumpriu quatro anos e nove meses de pena torna-se remetente e Frans destinatário, um em relação ao outro, posições sem possível precedência à enunciação. Nesta particular correspondência, Frans é o destinatário real, a quem o texto é endereçado. Em meio às cinzas das queimadas ele terá agora a caligrafia dela.

⁵⁷ Os gregos utilizavam dois termos distintos para o que queremos dizer com a denominação vida. *Zoé* designava a vida biológica, o simples fato de viver, comum a todos seres vivos. Já *bíos* exprimia o modo próprio de um indivíduo ou grupo viver, a vida política, a vida qualificada. (AGAMBEN, 2010, p. 09).

Se há nas produções em questão um destinatário real, há ainda um segundo. Um destinatário suposto, interior ao texto da remetente, que nele atua em coautoria do enunciado, já que a estrutura do discurso se organiza também em razão de sua destinação. O destinatário suposto é aquele que torna audível a voz do contexto de origem, fazendo dele um texto de lugar e tempo (AMORIM, 2002, p. 09).

O fio que conecta Socorro Nobre e Frans Krajcberg é a palavra que resta. Mas o que resta não é o que sobra, aquilo que permanece dos terríveis acontecimentos, algo a ser lembrado em exaustivas disposições arquivísticas. O resto funda a língua do testemunho⁵⁸ indicando um vazio, um hiato, uma lacuna, uma distância essencial. Desestabilizando a própria língua, o resto pode ser entendido “como aquilo que, no testemunho, solapa a própria eficácia do dizer e, por isso mesmo, institui a verdade de sua fala” (GAGNEBIN, 2008, p. 11).

Fundando uma peculiar correspondência, quando Socorro Nobre escreve ela não se dirige apenas a Frans Krajcberg. A escrita de uma carta não se confina ao dualismo remetente-destinatário. Se afinarmos nossos ouvidos poderemos distinguir um conjunto de vozes interagindo e coexistindo além de um duplo. A polifonia distingue-se de uma conversa entre várias pessoas, já que seu acontecimento está sediado na tensão própria à palavra. Há uma multidão para além do humano a tagarelar.

⁵⁸ Os conceitos de arquivo e testemunho serão ampliados no capítulo seguinte, intitulado: Testemunhos por um fio: caligrafias embaralham códigos postais.

Nestas cartas suspeitamos mais do que os incontestáveis ditos grafados nas páginas em branco. Quando escrevem, remetentes instalam sua posição de testemunho, pois sabem que o que dizem situa-se aquém da linguagem. “Não enunciável, não arquivável é a língua na qual o autor consegue dar testemunho da sua incapacidade de falar. Nela coincide uma língua que sobrevive aos sujeitos que a falam com um falante que fica aquém da linguagem” (AGAMBEN, 2008, p. 161).

Assim a palavra da testemunha, além de fundar sua posição, funda sua própria realidade. Há um infinito que impulsiona a palavra criadora. Um sobredestinatário que libera o texto das imposições de seu tempo e de seu meio lançando-o na grande temporalidade. Há uma vida futura prometida para toda obra, na medida em que ela transgride as fronteiras de seu tempo (AMORIM, 2004, p. 191).

As cartas escritas em tais condições importam não só pelo que dizem, como se grafada estivesse uma verdade unívoca. Importam no que interrogam, na barulhenta polifonia⁵⁹ de discursos que comportam em sua aparente unidade. Não importam porque falam da prisão, mas por instalarem o plano íntimo e inacessível do homem que resta em séculos de aprisionamento. Pelo seu potencial para entrarem em choque com outras palavras, ruídos e silêncios, materializando em novos rumores aquilo que suspeitamos ter desaparecido.

⁵⁹ A polissemia como virtualidade anônima diz respeito à língua. A polifonia por sua vez concerne ao enunciado, “como acontecimento em que as vozes portam nomes” (AMORIM, 2004, p.145).

Vidas inventadas

Em estado de paz meramente aparente, o camuflado bombardeio tornou-se diário. A explosão de palavras e imagens esvaziadas de qualquer intensidade rapidamente se renova em manchetes atualizáveis minuto a minuto. As imagens que cotidianamente nos chegam da prisão a soterram em território do já conhecido. Na direção avessa ao jornalismo, olhamos a matéria a partir de uma perspectiva arqueológica, já que “arqueológico é comparar o que vemos no presente, o que sobreviveu, com o que sabemos ter desaparecido” (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 117). Na contramão de uma pedagogia da memória explicativa, lógica e cumulativa, trabalhamos a partir de acontecimentos que cortam as análises vigentes, não para conscientizar, ensinar ou adjetivar a dor, mas para colocarmo-nos em abismamento diante do que pune.

Nesse sentido, a prisão se torna um arquivamento dos enunciados da infâmia, sobrevivente pela insistência dos ditos que buscam totalizar as vidas encarceradas. Como efeito da justiça dos homens, aparece como um caco histórico arraigado nos afetos de vingança e punição dos homens em relação aos homens. Em nome da lei social, ao apartar do convívio aqueles considerados perigosos e desviados, torna-se, por fim, a permanência do ressentimento e da má consciência sob o codinome de justiça.

Escolhemos uma paisagem de concreto, clausura, dureza e esquadramento. De lá, voam palavras escritas em guardanapos, com carvão, no papel amassado. Um papel em branco é um corpo, um espaço de expressão, um território. A caligrafia, uma particularidade, um reconhecimento, matéria expressiva. A palavra escolhida, a extensão do texto, o ritmo da composição. Uma vida.

Desse arquivo discursivo, de onde partem os raios da chamada grande luz dos poderes, dessa paisagem que faz o homem sobreviver para que morra o que possui de humano, voam palavras escritas. Nesses momentos de correspondências entre o dentro da prisão e seu fora, apontamos para as fissuras moleculares que persistem, ainda que sob controle. Assim, as cartas, se tornam elementos expressivos inequivocamente submetidos ao controle, uma vez que seus remetentes conhecem o sistema da censura que paira sobre suas linhas. Trata-se, agora, de uma dupla muralha: a dos muros da prisão, propriamente ditos, e das muralhas da censura a que sofrem as ações, os escritos e os possíveis dos apenados. São inúmeras as formas de censura realizadas em relação às cartas remetidas. Trechos cortados, recomendações pouco sutis sobre o que pode ou não ser dito e até mesmo a promessa não cumprida de postagem sussurram em meio à caligrafia visível. Sussurro que nenhum muro pode conter. Cartas, aqui, tornam-se, também um vai e vem aparente, revelador da insuficiência da palavra. Insuficiência que evidencia a inegável lacuna entre o que se passa e o que é possível de ser relatado.

As cartas escritas na prisão, em sua profusão de sentidos, são disparadoras dos textos a serem criados através do corpo da pesquisadora. Os biografemas apresentados nutrem-se das cartas dos chamados presos políticos e presos comuns. Interpelar as naturalizadas categorias de presos políticos e presos comuns, eis uma ambição. Sustentar a interrogação: há ainda alguma narração possível⁶⁰?, eis uma sina.

O conceito de biografema, cunhado por Roland Barthes, será um dos operadores da pesquisa. Interferindo nos modos vigentes de biografar, o autor engendra registros fragmentários de sujeito, contrapondo a pretensão de totalidade comum às biografias correntes. Nas palavras de Barthes (1979, p.14):

Se fosse escritor, e morto, como gostaria que a minha vida se reduzisse, pelos cuidados de um amigável e desvolto biógrafo, a alguns pormenores, a alguns gostos, a algumas inflexões, digamos: 'biografemas', em que a distinção e a mobilidade poderiam deambular fora de qualquer destino e virem contagiar, como átomos voluptuosos, algum corpo futuro, destinado à mesma dispersão!; em suma, uma vida com espaços vazios, como Proust soube escrever a sua, ou então um filme, à moda antiga, onde não há palavras e em que o fluxo das imagens (esse flumen orationis, em que talvez consista a 'porcaria' da escrita) é entrecortado, como salutareos soluços, pelo rápido escrito negro do intertítulo, a irrupção desenvolvida de um outro significante.

⁶⁰ Jeanne Marie Gagnebin (2008, p.16) afirma, para nosso desassossego, que o testemunho do sobrevivente assenta-se "sobre a consciência aguda de que aquilo que pode – e deve – ser narrado não é essencial, pois o essencial não pode ser dito".

De pronto, destacamos algumas questões que localizam o território de ação: presos pelo Regime Ditatorial e presos pelo Estado de exceção podem conviver em um plano comum de uma tese? Outras histórias podem ser germinadas do que fora impossível em suas vidas? O gênero epistolar tem alguma particularidade?

A partir dessas questões, desejamos colocar duas categorias em um mesmo plano, experimentando regimes de visibilidade mutantes, concebendo esta operação como “deslocar-se de nível, dirigir-se a um nível que até então não era historicamente pertinente, que não tinha nenhuma valorização, nem moral, nem estética, nem política, nem histórica” (FOUCAULT, 2010, p. 171). Assim perguntamos: nossa fraturada língua comporta ainda alguma narração possível?

A pesquisadora, que pretende grafar a própria pele, estará diretamente atravessada pelos procedimentos acionados. Nas palavras de Clarice Lispector, “[eu] disse uma vez que escrever é uma maldição. Não me lembro por que exatamente eu o disse, e com sinceridade. Hoje repito: é uma maldição, mas uma maldição que salva” (apud GULLAR; PEREGRINO, 2008, p. 28).

Uma maldição que salva o corpo do próprio confinamento excedendo as fronteiras previamente estabelecidas ao pensamento. Pensamento que não poderá mais contentar-se com a corriqueira geografia, já que, ao ser atravessado por forças estrangeiras, o imprevisível exigirá passagem. O sangue da própria pesquisadora não será poupado ao encarnar a palavra que resta. Operação de risco em que não há definição prévia de distância regulamentar e segura. Assim, a dilatação de fronteiras poderá resultar em expansão imaginativa ou, em caso de imprudência, estilhaçamento do contorno mínimo no contato íntimo com as forças desconhecidas do fora.

Insurgências

Biógrafos pretendem contar a história de uma vida. Buscam documentos, dados, fatos concretos. Entrevistam preenchendo lacunas. Assim, apresentam o personagem desde a infância, em sequência cronológica. O biógrafo de carteirinha acredita que seu texto retratará o personagem em questão. “[Quem] quiser crer numa mensagem sagrada, sempre encontrará algo a ser decifrado” (GAGNEBIN, 2006, p. 139).

Nessa pesquisa, o autor epistolar é concebido como obra inacabada, não há ilusão de totalidade, perseguição por coerência, “nada é verdadeiramente antagonista, tudo é plural” (BARTHES, 1973, p. 72). Em um sistema aberto, plural e potencialmente em transformação, a pesquisa recolhe cacos, “a partir daquilo que é disperso e que, ao ser colocado num plano de escritura, retorna com nuances estrangeiras” (COSTA, 2010a, p. 126). Como catadores, recolheremos elementos até então desprezados, deslocaremos blocos fixos de seus lugares naturalizados.

Interessamo-nos por pequeninos acontecimentos, uma rachadura qualquer, não os grandes feitos. Detalhes de um cotidiano que passam facilmente despercebidos, “toda e qualquer intervenção desta matéria baixa que costuma ser desprezada na escritura de uma vida” (COSTA, 2010a, p. 124).

A escrita que não está orientada pela bússola da verdade é necessariamente aberta para invenção. Não há preocupação exclusiva em registrar fatos, preencher lacunas, respaldar-se em constatações. A imaginação opera dando corpo aos fragmentos, juntando percepções e afecções, registros, dados, devires, “é o que acrescento à foto e que, todavia, já está nela” (BARTHES, 1984, p. 85).

A pesquisa sustenta-se no próprio corpo-pesquisador. Neste percurso, enquanto catalizador de fluxos, o pesquisador oferta o próprio corpo para sediar procedimentos imaginativos, sacrifício carnal em nome da potência vital, nutrida de suas próprias transformações. Um caminho sem retorno ao ponto de origem, “uma experimentação que torna o corpo e a linguagem passagens de um virtual para um atual e, assim, permite que inventemos tanto o mundo quanto a nós mesmos” (FARINA; FONSECA, 2010, p. 319).

Navegar no plano imaginário é um modo de atualização. Colocamo-nos em diagonal, possibilitando o surgimento de perspectivas improváveis. Trapeiros, fabricamos uma vida a partir de fragmentos captados em resquícios. Contrariando a tendência reconstitutiva, o fragmento não é uma parte de um todo, “não diz respeito apenas à fragmentação de uma realidade já existente, ou seja, de uma fração de disposições de elementos já estabelecidos” (PINHEIRO, 2012, p. 93). O fragmento, não é mera parte de um todo, mas um todo em si, traz consigo mundos inteiros. Sua descontinuidade abre fissuras para jorros inconclusos de tempos não conciliados.

Desafiando lógicas identitárias, concebemos outras vidas possíveis aos sujeitos. Em um texto que produz, inventa, interfere, a construção de histórias é experimentada enquanto exercício de liberdade. Notoriamente “experimentar é produzir atos cujo efeito se desconhece” (FARINA; FONSECA, 2010, p. 319).

Mergulhando as vidas biografemadas na noite da escrita⁶¹, corroboramos que esses se instalem no lugar do real e do não real. Uma certa virtualidade em que

[não] se trata simplesmente de escrever sobre o que supostamente não teria existido, mas de fazer viver o que ainda não se sabe de um vivido, de atribuir-lhe uma forma – no caso de uma biografia, uma forma escritural, uma flutuante grafia que se autoriza como tal na medida em que se apresenta como marca ou registro dessas vidas cambaleantes. O real de uma biografia é o registro da vida que atravessa o vivido, que o extrapola, o ponto onde não há mais sentido apoiar-se na distinção ficção ou realidade. (COSTA, 2010b, p. 51).

Estética dos vestígios⁶² em que a biografia da incompletude não faz memória monumental. Em sua escritura, convoca à rememoração que, “em vez de repetir aquilo de que se lembra, abre-se aos brancos, aos buracos, ao esquecido” (GAGNEBIN, 2006, p. 55). Avesa aos mandatos de conservação eternizadores de heróis, opera em transmutação.

Virtualidade da memória que permite coexistências: passado-presente-futuro. Uma convivência não tão pacífica, na medida em que “a memória vive essa tensão entre a presença e a ausência, presença do presente que se lembra do passado desaparecido que faz sua irrupção em um presente evanescente” (GAGNEBIN, 2006, p. 44). Persequimos rastros em vidas na simultaneidade da presença do ausente e da ausência da presença.

⁶¹ A noite não está em oposição ao dia. Ela é outra dela mesma, dá acesso ao que não dorme e oferece condições ao impossível.

⁶² Sutis pegadas para novos caminhos. Algo tateante, como um “poderia ter sido”, um “ainda não acontecido”, mas que reside translúcido ao acontecimento aguardando pacientemente a oportunidade de aparição.

Como ofertar um corpo em sacrifício

Um corpo aprisionado lançado em um campo de experimentação. Mais do que produzir páginas, falasções inéditas ou floreios conceituais. São postas à parte ambições acadêmicas, láureas e honorárias. Para tanto há de se fazer um método consonante, uma prática implicada em “fornecer energia vital àquele Pensador que a experimentar” (CORAZZA, 2010, p. 90).

O método empregado é cortado em quatro platôs de experimentação sendo que um não será necessariamente consequência do anterior. Em movimentos não sucessivos, a ocupação dos platôs poderá ser paralela, simultânea ou disjuntiva. Considerando que um platô de experimentação não pode ser previamente definido, caberá ao curso dos acontecimentos determinar o arranjo das coisas.

Platô 1 ou Pesquisador-leitor: levantamento de cartas escritas na prisão; cartas nas mãos, sentir a textura do papel, deslizar entre as palavras, sonorizar os tons, impregnar-se das caligrafias, empoeirar os dedos. “A vidência do Fotógrafo não consiste em ‘ver’, mas em estar lá” (BARTHES, 1984, p. 76).

O pesquisador recusa dogmáticas vigentes e põem-se em movimento. Antes de afirmar o desaparecimento dos vaga-lumes dispõe-se a procurar o melhor lugar para vê-los. Adentra a escuridão aguardando a ocasião propícia ao acasalamento. Somente nessa hora exata se verá seus lampejos.

Sem jaleco, cronômetro ou doce lar, invade a mata desavisada. Sussurraram: “para conhecer os vaga-lumes, é preciso observá-los no presente de sua sobrevivência: é preciso vê-los dançar vivos no meio da noite, ainda que essa noite seja varrida por alguns ferozes projetores. Ainda que por pouco tempo” (DIDI-HUBERMAN, 2014, p. 52).

Repleto de razões para desacreditar, mete os dois pés na areia movediça. O pessimismo não o sugará aos confins da Terra, pois “é necessário abrir os olhos na noite, se deslocar sem descanso, voltar a procurar os vagalumes” (DIDI-HUBERMAN, 2014, p. 49).

Intui as pegadas dos povos exteriores ao foco das grandes lentes. Margear. Por meio de “um território infinitamente mais extenso, caminham inúmeros povos sobre os quais sabemos muito pouco” (DIDI-HUBERMAN, 2014, p. 155).

Esfarrapa perspectivas. Os fios exibidos à mostra embaralham direito e avesso. O corpo embebido de floresta, sagaz, em busca da presa. A semente ignora a espera pela primavera. A escuridão flagra a fragilidade do segundo em que a estrela cadente risca os céus. A imagem é resto ou fissura, um acidente do tempo que a torna por hora visível ou legível. Intermitente, frágil, intervalada em aparições, desaparecimentos, reaparições, desaparecimentos incessantes (DIDI-HUBERMAN, 2014, p. 86). Seus cacos fraturados não formam qualquer todo.

Noturno, o pesquisador-leitor refina a alergia ao aroma conhecido dos lençóis diários.

Para mim, não me sinto viver e pensar senão num quarto onde tudo é a criação e a linguagem de vidas profundamente diferentes da minha, de um gosto oposto ao meu, onde eu não reencontre nada de meu pensamento consciente, onde minha imaginação se exalte e sinta mergulhada no seio do não-eu [...] (PROUST, 2003, p. 19).

A leitura é sua grande saúde, “na medida em que a leitura é para nós a iniciadora cujas chaves mágicas abrem no fundo de nós mesmos a porta das moradas onde não saberíamos penetrar, seu papel na nossa vida é salutar” (PROUST, 2003, p. 35).

Platô 2 ou Pesquisador-relâmpago: seleção dos autores a serem biografados; ou ser por eles selecionado, como relâmpagos que se cruzam no céu atordoado; ampliação do campo sensitivo, canais abertos para o imperceptível; apaixonar-se pelos textos. Critérios práticos, objetivos, matemáticos serão desprezados. O rastreamento por produções impessoais exige um, dois, três, quatro ou mais sentidos. “Se gosto de uma foto, se ela me perturba, demoro-me com ela” (BARTHES, 1984, p. 147). A luz rasga a noite.

Nenhum ou pouco interesse pela fotografia como objeto, mas como gesto, como relâmpago instantâneo. Habitar um tempo kairós, da oportunidade em plena escuridão. Estar pronto para aquilo que escapa ao controle e escorrega, caso não seja pego na ocasião. Da brevidade da afecção fazê-la duração. No clarão, fazer o tempo visível, conjugando a força do passado com a pulsação do presente. Alongar as intermitências tornando-as linhas, fazendo do relâmpago uma espécie de dia, que faça ver algo mais, das vidas sombrias e apenas enclausuradas em ditos encastelados.

Embriaga a métrica. Os muros centenários da prisão cintilam a um passo de distância. Escravos, loucos, leprosos, contestadores, adúlteras, diante de nós, inseridos na hora presente. No céu habitam planetas dos mais magníficos tempos relampejantes.

Em torno das colunas rosas voltadas para os seus grandes capitéis, os dias se agitam e zumbem. Mas neles interpostas, elas os afastam, preservando de sua fina espessura o lugar inviolável do passado: — do Passado surgido familiarmente no meio do presente, com esta cor um pouco irreal das coisas que uma espécie de ilusão nos faz ver a alguns passos, e que, na verdade, estão a séculos de distância; orientando-se em todo seu aspecto um pouco diretamente demais ao espírito, exaltando-o um pouco como, sem surpresa, um espectro de um tempo sepultado; no entanto, ali, no meio de nós, próximo, tangível, palpável, imóvel, ao sol (PROUST, 2003, p.51).

Platô 3 ou Pesquisador-esponja: mergulhar no universo de cada um; entrar com o corpo todo, molhar até o último fio de cabelo, absorver; vasculhar, desarquivar, perguntar, ouvir, fotografar, degustar, perguntar de novo. Ler à moda antiga o que nunca fora escrito, interrogando os sentidos possíveis das palavras. Uma leitura “anterior a toda língua- a leitura das vísceras, das estrelas ou das danças” (BENJAMIN, 1971, p. 170).

Contrariar a tendência a perseguir identidades com o desconhecido. Avivar as distâncias que separam o pesquisador do objeto. Abandonar as empatias com sua arrogante aspiração a colocar-se no lugar do outro. Abandonar ainda o ímpeto anatomístico, extremamente útil na dissecação dos mortos esgotáveis. Interrogar o essencialismo imobilizador de todas as coisas. Fotografar a língua beijando a coisa designada. Traçar seus apartamentos. Tomar a distância necessária ao incidente da palavra.

Abrir os olhos sob a água. Ver os rios que correm simultâneos em cada palavra. Trazer para superfície sentidos esquecidos. Pacificar resolutos oponentes. Tornar a comunicação inútil. Riscar o fósforo. Acender, da vida vivida, outras tantas apagadas pelo vento.

Tomado de paixão não se conformará com a derradeira palavra registrada ao pé de cada carta. O fogo ardente

torna a sede insaciável. As bifurcações de cada história ganharão a robustez dos caminhos há muito abertos e povoados. Para o pesquisador-esponja os personagens não são suplantados no momento em que mais um livro se inicia deixando o vencido para trás. Ele sempre quer saber mais, conduzir a cena pelos percursos abandonados, tomar o ponto de vista do coadjuvante, alcançar a velhice dos recém concebidos.

Tal obsessão não deve ser confundida com qualquer busca por completude. A dívida impagável que assola o pesquisador-esponja é o que dele cobra o mergulho na leitura. “Este é o preço da leitura e esta é a sua insuficiência. É dar um papel muito grande ao que não é mais que uma iniciação para uma disciplina. A leitura está no limiar da vida espiritual; ela pode nela nos introduzir, mas não a constitui” (PROUST, 2003, p. 32).

Platô 4 ou Pesquisador-autor: escrever; pôr em palavras, lavar a alma, entranhar, misturar-se; produzir sentidos, exteriorizar, tornar visível, abandonar os esconderijos. Entra em cena o autor, que toma a palavra, interferindo com sua produção. Nessa qualidade figura não como um observador passivo, “o autor da biografia não é a testemunha de uma vida a ser grafada por ele, mas o ator mesmo de uma escrita” (COSTA, 2011, p. 124).

Recorrer ao *nonsense* biografemático após a exaustão do bom senso. Inventar vidas a partir dos rastros deixados sem intenção. Suspeitar que sem transmissão não haja o que inventariar. Perder-se no fluxo das palavras. Admitir olvidar a importância histórica dos fatos dedicando-se à história dos imagináveis. Afinal “a imaginação é política” (DIDI-HUBERMAN, 2014, p. 61).

Habilitar a imaginação, máquina produtora de imagens para o pensamento. É a imaginação que “nos mostra o modo pelo qual o Outrora encontra, aí, o nosso Agora para se liberarem constelações ricas de futuro,

então podemos compreender a que ponto esse encontro dos tempos é decisivo, essa colisão de um presente ativo com seu passado reminiscente” (DIDI-HUBERMAN, 2014, p. 61).

Lustrar os túmulos. Narrar não para imortalidade - ora, os imortais prescindem da contação de histórias – mas para pacificar-se com o perecer inevitável dos possíveis de seu tempo. Em pleno delírio inventivo fazer imagens para criar um território propício ao acausalamento, iscas que atraíam seres brilhantes ameaçados de desaparecimento. De modo que “seria ainda preciso reconhecer a essencial vitalidade das sobrevivências e da memória em geral quando ela encontra as formas justas de sua transmissão” (DIDI-HUERMAN, 2014, p. 153).

Colecionar histórias. Retirá-las de sua função originária exibindo-as em paisagens insólitas. Tomar posse das vivências alheias. Latifundiar territórios estrangeiros. Fazer-se colecionador. Que “a posse seja a mais íntima relação que se pode ter com as coisas: não que elas estejam vivas dentro dele; é ele que vive dentro delas” (BENJAMIN, 1987).

Estimar as sobrevivências que se sabem

[...] apenas lampejos passando nas trevas, em nenhum caso o acontecimento de uma grande “luz de toda luz”. Porque elas nos ensinam que a destruição nunca é absoluta – mesmo que fosse ela contínua -, as sobrevivências nos dispensam justamente da crença de que uma “última” revelação ou salvação “final” sejam necessárias à nossa liberdade. (DIDI-HUBERMAN, 2014, p. 84).

Nebulosa

A escrita tem a potência de oferecer passagem aos fluxos, sensações e intensidades. Para tanto é preciso lançar-se ao prazer do texto, permitir “o momento em que meu corpo vai seguir as suas próprias ideias – pois o meu corpo não tem as mesmas ideias que eu” (BARTHES, 1973, p.53). Ocasão em que o eu, em sua racionalidade conscienciosa, com sua gramática ortodoxa, será mero espectador.

O desafio está em criar condições para a emergência de um texto pulsante que em suas agitações permita choques, encontros e fusões. Como um tecido vivo, “o texto se faz, se trabalha através de um entrelaçamento perpétuo; perdido neste tecido – nessa textura o sujeito desfaz-se, como uma aranha que dissolvesse a si própria nas secreções construtivas da sua teia” (BARTHES, 1973, p.112).

A escrita não será a representação de um conteúdo em que basta encontrar a forma de expressão para o outrora concebido. Em princípio, enunciar para, a seguir, ver e ouvir por meio da linguagem. Será necessário ir até as últimas consequências, suspender a hegemonia da frase, rasgar sua perpétua hierarquia. Para exercitar a liberdade, será preciso desestabilizar pactos linguísticos, contestar a frase como modelo do texto, fazer jato com as palavras (BARTHES, 1973).

Esta pesquisa poderia pretender fazer história, documentar ou analisar, entretanto, ambições desta ordem adquirem status acessório. A proposta aqui apresentada tem como principal finalidade viabilizar a criação, esboçando vidas possíveis e experimentando assim um modo de existência criador. É esse o fio condutor da empreitada, tendo por premissa que “um modo de existência criador é o único capaz de problematizar a si próprio e viver a existência como problema e o pensamento como intensidade” (FARINA; FONSECA, 2010, p. 321).

Elegemos este caminho por necessidade. Certamente há outros, mais curtos, simples, econômicos. Para empoeirar-se não basta qualquer escrita, é preciso dispor o corpo todo. Como diz Clarice Lispector: “Não, não estou falando em procurar escrever bem: isso vem por si mesmo. Estou falando em procurar em si próprio a nebulosa que aos poucos se condensa, aos poucos se concretiza, aos poucos sobe à tona – até vir como parto a primeira palavra que a exprima” (apud GULLAR; PE-REGRINO, 2008, p.19).

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)**. São Paulo: Boitempo, 2008.

_____. **A comunidade que vem**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

_____. **Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro. Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa Editorial, 2004.

_____. **Vozes e Silêncio no texto de pesquisa e ciências humanas**. Cad. Pesqui. [online]. 2002, n.116, p. 07-19.

BARROS, Manoel de. **Livro Sobre nada**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

BARTHES, Roland. **Sade, Fourier, Loyola**. Lisboa: Edições 70, 1979.

_____. **O prazer do texto**. Lisboa: Edições 70, 1973.

_____. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BATISTA, Vera Malaguti. **Depois do grande encarceramento**. In: Pedro Vieira Abramovay & Vera Malaguti Batista (org.). Depois do grande encarceramento. Rio de Janeiro: Renavan, 2010.

BENJAMIN, Walter. **Angelus Novus**. Barcelona: Edhasa, 1971.

_____. **Rua de mão única**. In: Obras escolhidas, Volume 2. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. **A conversa infinita 2: a experiência limite**. São Paulo: Editora Escuta, 2007.

CANDIDO, Antonio. O purgatório. In: Freire, Alípio; Almada, Izaías; Ponce J. A. de Granville (orgs.). **Tiradentes: um presídio da ditadura**. São Paulo: Scipione, 1997.

COSTA, Luciano. Bedin da. **Biografema como estratégia biográfica. Escrever uma vida com Nietzsche, Deleuze, Barthes e Henry Miller**. Tese de Doutorado em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010a.

_____. **O destino não pode esperar ou o que dizer de uma vida**. In: FONSECA, Tania Mara Galli; COSTA, Luciano Bedin da. (orgs.). *Vidas do fora: habitantes do silêncio*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2010b.

_____. **Estratégias biográficas: o biografema com Barthes, Deleuze, Nietzsche e Henry Miller**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

CORAZZA, Sandra Mara. **Introdução ao método biografemático**. In: FONSECA, Tania Mara Galli; COSTA, Luciano Bedin da. (orgs.). *Vidas do fora: habitantes do silêncio*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

_____. Cascas. In: *Revista Serrote*, no. 13, 2012.

FARINA, Juliane Tagliari.; Fonseca, Tania Mara Galli. **Fantasma do futuro: a clínica do virtual**. In: *Estudos e Pesquisas em Psicologia (Online)*, v. 10, p. 1-16, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **A vida dos homens infames**. In: _____. Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. **Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

_____. **Apresentação**. In: AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)**. São Paulo: Boitempo, 2008.

_____. **Memória, Esquecimento, Transmissão**. Porto Alegre, Programa de Pós Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS, 2014. (Comunicação oral).

GIACÓIA, Oswaldo. **Sobre direitos humanos na era da bio-política**. **Kriterion**. Belo Horizonte vol.49 no. 118, p. 267 – 308, dez. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S-0100-512X2008000200002. Acesso em 01jan. 2015.

GULLAR, Ferreira; PEREGRINO, Julia. **Clarice Lispector: a hora da estrela**. Catálogo de Exposição. Rio de Janeiro, 2008.

IRA. **Núcleo Base**. In: Mudança de Comportamento. Rio de Janeiro: Warner, 1985. (Disco).

LAGES E SILVA, Rodrigo. **Vidas belas sobre cidades vivas: Uma leitura para o confinamento do presente**. Tese de Doutorado em Psicologia: Estudos da Subjetividade. Universidade Federal Fluminense, 2012.

LEVY, Tatiana Salem. **A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

MAFRA, Márcia. **O mundinho, o mundão e seus (des) encontros.** In: Freire, Alípio; Almada, Izaías; Ponce J. A. de Granville (orgs.). *Tiradentes: um presídio da ditadura.* São Paulo: Scipione, 1997.

MOTTA, Manoel Barros. **Apresentação.** In: Foucault, Michel. *Ditos e Escritos IV.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

MOURÃO, Janne Calhau (org.). **Clínica e Política 2: Subjetividade, direitos humanos e invenção de práticas clínicas.** Rio de Janeiro: Abaquar: Grupo Tortura Nunca Mais, 2009.

O RAPPÀ. **O RAPPÀ.** Rio de Janeiro: Sony, 1994. (Disco).

PARRA, Violeta. **Volver a los 17.** In: *Las Ultimas Composiciones.* Nova York: RCA, 1966. (Disco).

PASSETTI, Edson. **Ensaio sobre um abolicionismo penal.** In: *Revista Verve.* São Paulo: Nu-sol, 2006, PP. 83 – 114, vol. 9.

PAVARINI, Massimo. **O encarceramento de massa.** In: ABRAMOVAY, Pedro Vieira & BATISTA, Vera Malaguti. *Depois do Grande Encarceramento.* Rio de Janeiro: Revan, 2010.

PELBÁRT, Peter Pál. **Vida Capital.** São Paulo: Iluminuras, 2003.

_____. **O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento.** São Paulo: N-1 Edições, 2013.

PINHEIRO, Diego Arthur Lima. **Contribuições do pensamento blanchotiano aos estudos da subjetividade – como criar regiões de silêncio e solidão.** Dissertação de Mestrado em Psicologia: Estudos da Subjetividade. Universidade Federal Fluminense, 2012.

PROUST, Marcel. **Sobre a leitura.** Campinas: Pontes, 2003.

RENNÓ, Rosângela. **O arquivo universal e outros arquivos.** São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

SALLES, Walter. **Socorro Nobre.** 1995. (Filme).

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Palavra e imagem em Walter Benjamin: escritura como crítica do logos.** Revista Estudos de Cinema, 1998.

TOMAZ, Kleber. **“Não sou o monstro que dizem que sou”, diz suspeito da Oscar Freire.** <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/09/nao-sou-o-monstro-que-dizem-que-sou-diz-suspeito-da-oscar-freire.html>. Acesso em: 09 set. 2011.

WACQUANT, Loïc. **As prisões da miséria.** Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

Site

<http://www.fase.rs.gov.br>. Consulta realizada em 10 de julho de 2016.

<https://www.mprs.mp.br/noticias/id39558.htm>. Consulta realizada em 15 de julho de 2016.

**TESTEMUNHOS POR UM FIO:
CALIGRAFIAS EMBARALHAM
CÓDIGOS POSTAIS**

A operação da linguagem ora plena de códigos e regras, ora rasgada por testemunhos, pela arte e pela loucura, faz do outrora infante, homem falante. Deslizando entre o grande arquivo e o gesto testemunhal, homens empunham papel e caneta, envelopes e selos, seja como remetentes ou como destinatários do que ainda resta ser dito.

Infância e Linguagem

O início de qualquer vestígio de vida vem acompanhado de sonoridade constante. A circulação do sangue, o intestino e o bombeamento do coração da mãe promovem uma sinfonia de ruídos para o embrião. A música do mundo também ultrapassa as barreiras placentárias e o minúsculo ser humano em desenvolvimento é atingido certamente pelo estalar do casco de cavalos puxando carruagens ou pelas buzinas descompassadas das metrópoles. “O silêncio foi a primeira coisa que existiu. O silêncio que ninguém ouviu” (ANTUNES, 1997). A vida, para o ser humano, é incompatível com o silêncio, já que seu próprio organismo é uma incessante orquestra. O ruído do mundo não se equivale, contudo, à linguagem e para que esta aconteça uma trama mais complexa precisará ser engendrada.

Ainda nas primeiras semanas de vida do embrião, o desenvolvimento do cérebro e do sistema nervoso já pode ser observado. Entretanto, se a precisão tecnológica dos exames pré-natais atuais nos permite datar o momento exato em que o coração de um embrião começa a bater, o mesmo não pode ser feito com a linguagem.

Sabemos que desde seu nascimento o bebê reconhece a voz da mãe e relaxa em locais que simulam o ambiente uterino, reagindo de modo distinto aos estímulos. Seu choro, vocalizado a partir do momento em que deixa o corpo materno e passa a respirar, também será modulado de acordo com as experiências vividas indicando fome, cólica ou saudades.

O acontecer da linguagem não está vinculado ao mero condicionamento ou à existência de um ou outro órgão anatômico, não pode ter seu surgimento demarcado por exames laboratoriais, nem tampouco reduzido à primeira pronúncia de mama-papa-auau. Será por meio da interação entre um infante, em permanente transformação, e sua rede de relações, que esboços expressivos ganham espaço indicando que a memória do vivido se encontra em plena inscrição. Há uma infância que precisará ser suspensa no homem enquanto sujeito porvir.

No homem, a aquisição da linguagem é consequência direta desta interação com um campo de forças. Não se trata de uma capacidade inata garantida pelas leis da natureza. A linguagem diferencia o homem dos demais animais, fazendo dele, conforme as palavras de Agamben, não “o animal que possui linguagem, mas sim o animal que dela é desprovido e que deve, portanto, recebê-la de fora” (2005, p.73).

Se a conquista da linguagem pode diferenciar o homem do restante dos animais, ela contém em si um processo ainda mais radical: a diferenciação do homem e do não-homem. A torção de uma infância, experiência muda, tempo de pura intensidade, em linguagem, expõe, por meio de sua operação, a crua nudez do acontecimento homem que, arrancado do plano da pura intensidade, torna-se sujeito da palavra.

O humano será assim definido por sua intrínseca relação com a linguagem, tomando sua aquisição não como

incorporação passiva, mas como invenção de si. Feito da materialidade do barro está aberto a fissuras e, ao entrar em contato com a água, ao barro retorna, podendo tornar-se outro. Nesse sentido, não há desenvolvimentismo possível, perspectiva na qual a aquisição da linguagem implicaria na instantânea cessação da infância. Não se trata de deixar uma etapa menor para trás e do alto de sua suposta hombridade afirmar solenemente: foi-se a infância, aqui está o eu-homem.

A linguagem é uma aquisição descontínua, podendo em qualquer tempo ser subtraída devolvendo-nos à infância. Fora da cronologia não há regressão, apenas fluxo sobre fluxo. Salta de seu estágio atual para outros tempos anacrônicos, quando tudo se fazia mudez e impossibilidade de dizer. No sentido da involução, salta do atual para o virtual da linguagem, arrancando dos lençóis de um passado puro as potências de um novo dizer. Assim, a infância não deixa de existir para expressar-se na palavra, paraíso perdido que “em um determinado momento abandonamos para sempre a fim de falar, mas coexiste originalmente com a linguagem, constitui-se, aliás, ela mesma na expropriação que a linguagem dela efetua, produzindo a cada vez o homem como sujeito” (AGAMBEN, 2005, p.59).

Impreciso seria nomear uma infância humana, pois é no próprio acontecimento da linguagem que suspendemos o infante em nós para nos tornarmos homens. E, se não há homem antes de seu acontecimento linguístico nem tampouco depois, “a origem de um tal ente não pode ser historicizada, porque é ela mesma historicizante, é ela mesma a fundar a possibilidade de que exista algo como uma história” (AGAMBEN, 2005, p.61).

A aquisição da linguagem não requer o abandono da constitutiva animalidade. O rebento homem não estará livre de sua animalidade, nem tampouco de seus devires vegetais e minerais tornados matéria expressiva

em sua recém-incorporada língua. As potências animais, vegetais e minerais constituem a natureza que, pelos golpes biopolíticos, torna-se cultivada, socializada, domesticada, mas nunca transcende ao seu plano fundante, à sua gênese material e imaterial. O homem sempre feito pelo seu negativo, pelo seu não ser, pois abriga o silêncio dos sentidos por vir. Homem e não-homem, comunicáveis, mas barrados pelas forças coercitivas dos poderes biopolíticos da governabilidade.

Não se pode fazer a história do homem, pois seu próprio acontecimento é historicizante. Em outras palavras, não é o homem que faz a história, mas o inverso, a possibilidade de historicizar é que faz o homem. O outrora infante faz-se em ato, em uma língua repleta de ruídos, deslizos, interferências e mal-entendidos, universalmente inviável. A impossibilidade da ocorrência da linguagem como totalidade e verdade é estabelecida pela própria existência da infância enquanto limite transcendental da linguagem. Portanto, “se não houvesse uma infância do homem, certamente a língua seria um jogo, cuja verdade coincidiria com o seu uso correto segundo regras lógico-gramaticais” (AGAMBEN, 2005, p.62).

Linguagem, arquivo e testemunho

Passeando pelos jardins da linguagem nos departamentos com um universo de possibilidades. Um elástico que se esgarça ao ponto do quase ilimitado. Abarca repetições cíclicas com seu retumbar do mesmo e irrupções inusitadas em insuspeitadas novidades.

A heterogeneidade qualitativa de nossas percepções sucessivas do universo deve-se ao fato de que cada uma dessas percepções estende-se, ela própria, sobre uma certa espessura de duração, ao fato de que a memória condensa aí uma multiplicidade enorme de estímulos que nos aparecem juntos, embora sucessivos (BERGSON, 2010, p. 74).

A ausência de uma data que marque o surgimento da linguagem retrata sua processualidade e ainda sua dimensão temporal não linear inscrita enquanto contemporaneidade. Escreve-se no presente em sua dimensão de origem que não se remete apenas ao passado cronológico, “é contemporânea ao devir histórico e não cessa de operar neste, como o embrião continua a agir nos tecidos do organismo maduro e a criança na vida psíquica do adulto” (AGAMBEN, 2009, p.69).

Tempo sem linha reta, labiríntico, que vai, volta e dura, alheio à sequência passado-presente-futuro. Em que a produção de diferença não visa pontos de unificação ou sequências sucessivas e lógicas, mas coexistências impossíveis de linhas que não cessam de se bifurcar. Um tempo de simultaneidades improváveis. Como pensa Deleuze,

Nunca um presente passaria se ele não fosse “ao mesmo tempo” passado e presente; nunca um passado se constituiria se ele não tivesse sido constituído “ao mesmo tempo” em que foi presente. Aí está o primeiro paradoxo: o da contemporaneidade do passado com o presente que ele foi (1988, p.144).

Tomar a linguagem como representação, domínio de acesso à diferença assimilada a um signo, bloqueia o acesso às variações do mundo. A tão sonhada paz de espírito é, para muitos, encontrada na linguagem enquanto representação. A paz do mundo em suposto consenso, ordenado, em que as variações “são entendidas como ocorrências contingentes, irrelevantes para o conhecimento ou são subordinadas à unidade, à identidade do conceito”. Tal posição não coaduna com nossas premissas. Afirmamos a linguagem enquanto fabricante de mundos, sendo tanto efeito como produtora de acontecimentos. Refratária ao destino de retratar os conteúdos que lhe antecederam, a palavra ganha autonomia, refuga determinações prévias e põe-se a criar⁶³.

No plano da linguagem situamos o arquivo, da ordem dos saberes, abarca o sistema de relações entre dito e não-dito, visto e não-visto: regime de dizibilidade e de visibilidade e suas possibilidades em dadas circunstâncias históricas. Refere-se ao conjunto de regras que define os acontecimentos de discurso, situa-se entre a língua e as frases possíveis.

Adotando o pressuposto não universalizante da linguagem, admitimos necessariamente a existência de um fora da linguagem. Um plano não-linguístico que “permite à palavra pôr-se em variação contínua, colar na diferença sem dobrar-se à identidade de categorias sintáticas do linguístico ou às ressonâncias discursivas das formações históricas” (TEDESCO, 2012, p.26). Avizinhamos deste plano o testemunho, com seus modos de funcionamento próprios, princípios inventados e provisórios. Em oposição ao arquivo, diz respeito ao sujeito, ao sistema de relações entre o dentro e o fora de toda língua, o dizível e o indizível, entre uma possibilidade e uma impossibilidade.

⁶³ (TEDESCO, p. 06, 2012).

Arquivo e testemunho são simultaneamente opostos e coexistentes. Vagamos indistintos e submersos na imensidão do mar do grande arquivo até nos fazermos homens na superfície em que o discurso insurge. Não cabe optar por um ou outro, mas entrar no movimento que permite a emergência de um, a passagem para outro. Suportar o mistério rarefeito do que lampeja e não pode ser plenamente capturado, já que “somente por um instante, como os golfinhos, a linguagem humana põe a cabeça para fora do mar semiótico da natureza. Mas o humano propriamente nada mais é que esta passagem da pura língua ao discurso; porém este trânsito, este instante, é a história” (AGAMBEN, 2005, p.68).

Arquivo e testemunho não são tampouco essencializáveis. Seu ruído é constante, seja na aparente calma da sedimentação dos discursos, seja na violência das novas composições, efeito dos choques da contundência de acontecimentos como a Shoah⁶⁴. Choque que abalou a estrutura da linguagem e assim “(...) o testemunho se tornou uma modalidade crucial de nossa relação com os acontecimentos de nosso tempo – com o trauma da história contemporânea” (SELIGMANN-SILVA, 2000, p.87).

Como significar o que ultrapassa qualquer capacidade de imaginação? A experiência traumática⁶⁵ vivida nos campos de concentração é excessiva a tal ponto que escapa

⁶⁴ Termo Ídiche que significa catástrofe, utilizado no lugar de holocausto já que o último tem seu significado relacionado à prática sacrificial a Deus, expiação de pecados por meio da incineração.

⁶⁵ O conceito de traumático empregado distancia-se de abordagens que associam o trauma a eventos que incidem no indivíduo tomando este como alheio às forças políticas, históricas, econômicas e culturais.

a qualquer possibilidade de representação. O nazismo foi pernicioso a ponto de atingir uma amplitude que transcende a materialidade dos corpos. O totalitarismo alcança todas as esferas da vida e mais além, deixando em seu rastro algo que escapa à representação. Uma alma destituída de corpo permanece a vagar.

O arquivo ignora sua parcialidade, mas em sua dimensão do dito e do não-dito contém uma exterioridade. Uma borda que pode recobrir o testemunho em potencial, silenciado pela poeira, aguardando o momento de ser alçado à sua legítima condição. Lembra Agamben (2008, p.157), “o testemunho não garante a verdade fátual do enunciado conservado no arquivo, mas a sua não-arquivabilidade, a sua exterioridade com respeito ao arquivo”. A ruptura com pretensões universalizantes das esferas de arquivo é inevitável. No ponto de intercessão entre o que precisa ser dito, mas que está fora de toda representação possível pelo excesso de realidade que comporta, insurge o testemunho desestabilizando códigos linguísticos vigentes com o que resta ainda não enunciado.

Há uma zona exterior ao arquivo plena do que não pode ser visto nem dito. Zona de atrito permanente entre forças alheias ao plano da forma, na qual as palavras e as imagens só podem habitar até o instante em que tomam forma e ao fora não mais pertencem. Um avesso que não se limita à permanência imóvel do outro lado. Força, ainda que sem intenção, seu lado direito a se bifurcar.

O arquivo tem pleno assento na linguagem. Com sua coleção de ditos permite que o sujeito seja colocado entre parênteses, já que o ato de tomar a palavra está prontamente realizado. O testemunho, por seu turno, envolve alta dose de tensão constitutiva. Toca o fora habitando o fio de navalha da possibilidade/impossibilidade de falar. Produz-se assim a fissura no já sedimentado fazendo jorrar lava fertilizante na própria linguagem.

Testemunhos do terror: vidas por um fio

Testemunhar é um acontecimento forçado que excede as próprias forças, não um ato de vontade⁶⁶. Para tanto, é preciso habitar uma zona de fragilidade fora da compassada marcha comum. Desertar das zonas recrutadas.

Os passos estão se tornando mais nítidos. Um pouco mais próximos. Agora soam quase perto. Ainda mais. Agora mais perto do que poderiam estar de mim. No entanto continuam a se aproximar. Agora não estão mais perto, estão em mim. Vão me ultrapassar e prosseguir? É a minha esperança. Não sei mais com que sentido percebo distâncias. É que os passos agora não estão apenas próximos e pesados. Já não estão apenas em mim. Eu marcho com eles (LISPECTOR, 1999, p.84).

Se no caso dos literatos sua saúde fraca é devida à enxurrada de vida que escorre pelo seu corpo, o caso do terror é outro: são usinas a fio d'água. No limite deste fio escasso, a transparência, somada à miudez da água, embaralha a visão e o observador põe-se em dúvida: estaria a correr algum fio de vida naquele corpo?

O fio pode ser escasso, mas a água, por mais exígua que seja, segue dotada da máxima potência. *Há os que viram algo grande demais e não foram capazes de suportá-lo*, adoeceram para a morte, enlouqueceram, suicidaram-se. *Há coisas que se consegue ver e das quais não se pode mais voltar* e assim outros tantos escreveram (DELEUZE, 1988-89).

⁶⁶ Assim como a verdade em Proust não é o resultado de uma boa vontade prévia, mas o efeito de uma violência sobre o pensamento (DELEUZE, 1987, p. 15).

O químico Primo Levi (1919-1987), que ganhou notoriedade na literatura, foi um visionário. Membro de família judia, fazia parte de um grupo de resistência na Itália e foi capturado pelas milícias fascistas. Em 1944, aos 24 anos, foi deportado para Auschwitz, onde, em sua permanência, viu demais.

Um dos poucos sobreviventes do campo que exterminou milhões de judeus, negros, deficientes, homossexuais e ciganos, tornou-se escritor pela necessidade de contar o que viveu, inaugurando assim, a chamada literatura de testemunho. Sua saúde tornou-se frágil e teve uma morte cercada de mistérios. Sabemos que caiu do alto da escadaria de seu prédio. Suicídio, acidente, assassinato? Jamais saberemos o que de fato aconteceu, mas as hipóteses levantadas dizem da vida de quem viu demais.

Passados quase 70 anos de Auschwitz, inúmeros depoimentos foram coletados em livros, filmes e fotografias. A história segue sendo contada em filmes de ficção e por meio dos relatos dos poucos sobreviventes espalhados mundo afora, mas há ainda algo que resta.

Dentre os mais diversos efeitos, a fratura da experiência sem representação possível conecta o vetor desterritorializante impelindo muitos à errância por novas terras. Na América Latina, encontraram algum contorno, praias tropicais, comidas apimentadas e o típico calor latino. Fizeram do Brasil, Argentina, Chile e Uruguai seu novo lar e, alguns anos depois, estiveram diante da gigantesca onda de terrorismo de Estado que cobriu a terra, o mar e o ar.

Para o terror não existem fronteiras. As ditaduras latino-americanas também implementaram em seus Estados terroristas a tortura, o extermínio em massa, trabalhos forçados, sequestro, desaparecimento e roubo de bebês, mas disso, ainda hoje, poucos sabem. A vastidão dos arquivos do holocausto com seus museus, filmes e livros, contrasta com o minguado já-dito a partir da ditadura em nosso chão.

A profusão exclusivamente arquivística de relatos, estátuas e memoriais não garante, entretanto, que um trabalho efetivo de elaboração esteja em curso. O preenchimento de todas as lacunas impede tanto a imaginação como a reflexão sobre os acontecimentos. A exposição pornográfica do terror não promove qualquer partilha, mas o efeito inverso produzindo uma aura maior de ficção que de realidade, impossibilitando um “autêntico trabalho de rememoração e reintegração da cena traumática” (SELIGMANN-SILVA, 2000, p.94).

Aos exilados que se veem diante do terror irrepresentável só existem opções limítrofes: a loucura, a morte e o testemunho. Enfrentando as finalidades do totalitarismo muitos escreveram. Empunharam canetas, penas, lápis, como se armas fossem, encenando o gesto incisivo de entrada no discurso.

Em meio às notícias de vida e morte, juras de amor, relatos das condições de saúde e doença, preces, algo mais pede passagem. Algo mais exigirá expressão entre linhas insípidas, aparentemente banais, pedantes, apelativas, descritivas. Aqueles que escrevem não o fazem em nome próprio, colecionando trivialidades, o fazem com o sangue derramado de outrem.

Os campos de concentração provaram ainda mais uma radicalidade: existência do não-homem no homem. Sem passado, nem futuro, a morte não assombra o prisioneiro, apenas a busca por alguma casca de batata podre no lixo. Entregue à animalidade farejadora da sobrevivência instantânea, sem perspectiva de morte, está o não-homem, sem pátria e sem língua. Seu corpo não morreu, mas sua alma perdeu a morada.

A própria sorte tornava-se tão indiferente que já não se queria mais nada e em paz se esperava a morte. Não se tinha mais nem a vontade de lutar pela sobrevivência cotidiana; nos bastava o hoje, a gente se contentava com a ração ou com o que encontrasse no lixo... (TALIK, apud AGAMBEN, 2008).

Em nome destes corpos mudos, a escrita se faz testemunho. Para que estas almas silenciadas pela morte insepulta ou pela expropriação de qualquer vestígio de humanidade encontrem abrigo, é preciso inventar uma língua. Tomar a linguagem de assalto, fazê-la fugir, arrastá-la para seu próprio limite “a fim de lhe descobrir o Fora, silêncio ou música (DELEUZE, 1997, p. 96).

Gestos testemunhais: o gênero epistolar

A escrita de uma carta em tais condições é o gesto testemunhal que aponta para o lugar do sujeito. Sujeito entendido como “o campo de forças sempre já atravessado pelas correntes incandescentes e historicamente determinadas da potência e da impotência, do poder não ser e do não poder não ser” (AGAMBEN, 2008, p.148).

Afirmar que o testemunho diz respeito ao sujeito não significa que estejamos em solo de personalidades, em meio a casos particulares de indivíduos. O lugar vazio do sujeito ganha aqui o primeiro plano. Enquanto a dimensão arquivística toma como pressuposto deixar o sujeito de lado, diminuído à mera função ou a uma posição vazia e o seu desaparecimento situado no rumor anônimo dos enunciados, “no testemunho a questão decisiva se torna o lugar vazio do sujeito” (AGAMBEN, 2008, p. 146).

Assim, o sujeito resta situado na separação entre uma possibilidade e uma impossibilidade de dizer e o testemunho alçado ao corte da contingência. Como refere Agamben (2008, p.147), “o testemunho é a relação entre uma possibilidade de dizer e o fato de ter lugar, ele só pode acontecer por meio da relação com uma impossibilidade de dizer, ou seja, unicamente como *contingência*, como um poder não-ser”.

Uma escrita psicográfica em que o autor deixa de ser o centro da experiência. Corpos de passagem, mais próximos “do sentido do qualquer que da cristalizada noção de individualidade e dos correlatos conceitos de autoria, propriedade e representação” (SEDLMAYER, 2007, p. 15).

Tomamos o gênero epistolar não em seu aspecto literário, mas em seu potencial narrativo. Uma ode ao gesto da escrita que extrapola o âmbito do vivido mergulhando o sujeito na esfera da experiência. Experiência inserida no campo da linguagem e, portanto, partilhável, “que repousa sobre a possibilidade de uma tradição compartilhada por uma comunidade humana” (GAGNEBIN, 2006 p. 50). O pertencimento da escrita ao universo linguístico não significa, contudo, que a experiência possa ser integralmente representada. Há sempre algo que resta e que não será plenamente capturado. Neste ponto exato se faz a experiência, entre o que pede passagem, mas não cabe na língua, lá onde os fluxos transbordam as palavras e a língua gagueja.

Uma carta pode ser um meio para expressar a soberania do conteúdo. Declarações de amor, pedidos de perdão, relatos de viagem que, independentemente da forma, chegam assim ao destinatário. Uma carta consente ainda mais. Um procedimento em si.

Invenções técnicas, como o carro, o avião e o navio visam à aproximação restaurando relações naturais. Outras instalam o fantasmático entre os homens. O fax, o telégrafo, o correio, engendram a presença incorpórea, avessa às formas previamente definidas. No lugar de tentar aproximar, levam a insaciável sede vital do fantasma à desforra. O fantasma planta e colhe os fluxos dos quais se alimenta. A distância e a fidelidade, daqueles que se mantêm encarnados, estáticos e escrevendo, são o sangue de que se alimenta o vampirismo epistolar (DELEUZE & GUATTARI, 2003).

Uma carta, em seu movimento, opera o traçado de um percurso. Seu corpo está disposto a estampar os mais variados selos. Sejam eles comemorativos, ordinários ou temáticos. Distintos pela tiragem limitada, prazo de circulação indefinido ou celebração de loquazes batalhas/heróis/personalidades. Filatelistas por excelência, envelopes postais ostentam selos conexos ao conteúdo resguardado em seu interior. Por meio do pagamento do selo outorga-se a garantia do movimento, ainda que ultime com um retorno ao ponto de partida, diante da impossibilidade de localização do destinatário.

Um selo em estado puro expõe bandeiras, pessoas consideráveis e festividades. A composição com um carimbo postal lhe afiança, todavia, a certeza da circulação. Um selo carimbado é o desígnio de itinerário único. Data, local de origem e destino podem ser vistos a olhos nus. Símbolos que compactam a antologia visível de suas

passagens. Não se contentam, entretanto com sua função de localizar, demarcando tempo e espaço. Por suas frestas, invade a alegoria dos notáveis. Ícones da maioria assenhoram-se no universo das generalidades normalizadoras, identificatórias e classificatórias (DELEUZE & GUATTARI, 2003).

No domínio do arquivo, selos e carimbos celebram datas, heróis e eventos marcados no calendário oficial. Sua fina superfície abriga a sobreposição de camadas historicamente acumuladas tal qual uma pintura que contém tanto o primeiro rabisco marcando o tecido, como as camadas e camadas de tinta que engrossam a tela. Ainda que o corriqueiro olhar bidimensional nada possa ver.

Imagens representativas ordenam e amortizam as diferenças e variações do mundo. Ali estão fatos narrados em aparente regularidade, resguardando sentidos previamente definidos. Enquanto o gesto de pintar cria imagens, o de carimbar repete autômato a marcação inúmeras vezes idêntica sobre o envelope (TEDESCO, 2012).

Autores e destinatários, com os pés fincados no chão, instauram o movimento fictício das cartas que vêm e vão. Alcançam seu destino carregadas de rastros imemoriais sem qualquer pretensão utilitarista (DELEUZE, 1979). Da atendente dos correios, para o repartidor, que encaminha ao empacotador, que por sua vez entrega ao transportador. De mãos em mãos arrastam uma coleção

de impressões digitais sobrepostas até que, enfim, passam do carteiro à caixa de correspondência. Misturadas às outras tomam para si fragrâncias alheias. A cola que reveste cada envelope não impede o vazamento dos aromas sorvidos pelos papéis ali depositados. O respingo de café vagorosamente degustado durante a escrita, o marcante perfume do punho da dama, a tinta fresca da caneta instalam-se sorratamente e, em silêncio, avançam contagiando envelopes que se avizinham. Soterradas na imensidão sufocam a gramatura original de acordo com a posição casualmente ocupada na pilha de correspondências. Nas dependências das agências postais, apagadas de qualquer singularidade, cada carta torna-se uma qualquer.

No âmbito das inutilidades, embaralham-se nacionalidades. Delimitações fronteiriças não impedem o trânsito permanente de línguas desencontradas, derramando acentos improváveis. Um inusitado procedimento linguístico em que nada está em xeque. Uma carta em trânsito reinventa a geografia das distâncias. Como baleias sem apetite que se alimentam de cardumes enquanto nadam em velocidade. Um nado de mandíbulas abertas que permite a entrada de krill, botas, peixes, garrafas pet, lagostas e naufragos, habitantes das fendas triplicadas a cada quilômetro percorrido horizontalmente.

O corte transversal no estômago testemunha solidão, batalhas, invenções, cotidianos, guerras e futuros inviabilizados. Há um mundo sem selos, envelopes lacrados

ou carimbos em que cartas deslocam sua atribuição inicial de comunicar apartadas das tradicionais estruturas postais. Há um enxame zozzo de autores e destinatários - presos, loucos, perseguidos, drogados - excluídos da rota dos carteiros.

Do lado de cá do oceano, em plena ditadura civil-militar, sob a ameaça da morte o ato da escrita anuncia a vida. Como diz Alberto para Auxiliadora, no Rio de Janeiro em 01 de outubro de 1970, um mês após sua prisão:

Fico cada vez mais satisfeito em saber que sua saúde está bem, particularmente sua gravidez. Você não avalia como é tranquilizador para mim conhecer que o feto desenvolve-se normalmente, que sua pressão está boa, etc. Isso é uma vitória nossa, de todos, e particularmente sua sobre a adversidade do momento. E as coisas têm que continuar assim, você sabe, para que tenhamos uma criança sadia.

Neste fragmento, Alberto fala em vitória. Vitória sobre a possibilidade de ser assassinado, já que na tortura e na prisão não há quem não sinta o hálito quente da morte, mas, neste caso, seus genes não findarão com seu corpo. Há ainda a aposta no triunfo de uma geração futura, salva da violência de Estado, anunciada na gravidez de Auxiliadora.

Sem falsos arrebatamentos ambos sabem que seu bebê não está sendo embalado por Garota de Ipanema⁶⁷, mas tem como parte de sua pequena orquestra o ranger das grades e o estalar do cadeado fechando-se às costas de Alberto. Não podem ignorar que seu primeiro choro não terá a presença do pai e que o risco está à espreita.

⁶⁷ A canção Garota de Ipanema, ícone da bossa nova, foi composta em 1962 por Vinícius de Moraes e Antônio Carlos Jobim.

O testemunho de Alberto sublinha o que o ventre crescente de Auxiliadora não permite negar: se o Estado detém o poder de matar, seja no sentido literal, subjetivo ou político, é porque há vida. Neste ponto exato sempre haverá a possibilidade de que reste alguém para testemunhar em nome das esfumaçadas testemunhas integrais, liberando o passado de sua terrível presença e literalidade (SELIGMANN-SILVA, 2000). Que reste alguma infância suficientemente encharcada de fluxos ativos a propiciar o acontecimento homem na reinvenção da linguagem.

E onde quer que haja qualquer vestígio de vida haverá a possibilidade de que alguma criança sadia sobreviva. Nas palavras de Agamben (2008, p.152), “o que pode ser infinitamente destruído é o que pode sobreviver infinitamente a si mesmo”.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)**. São Paulo: Boitempo, 2008.

_____. **O que é o contemporâneo e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.

_____. **Infância e História: Destruição da experiência e origem da história**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

ANTUNES, Arnaldo. **O Silêncio**. Gravadora BMG, 1997.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: Ed.34, 1997.

_____. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **O Esgotado**. São Paulo: Zahar, 1979.

_____. **O Abecedário de Gilles Deleuze**. Descrição de entrevista realizada por Claire Parnet, direção de Pierre-André Boutang, 1988-89. Disponível em <http://claudioulpiano.org.br/>. Acesso em 28 de agosto de 2012.

_____. **Proust e os signos**. Rio: Forense-Universitária, 1987

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Kafka: para uma literatura menor**. Lisboa: Editora Minuit, 2003.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, escrever, esquecer.** São Paulo: Editora 34, 2006.

JOBIM, Antônio Carlos & MORAES, Vinícius de. Getz/Gilberto. Gravadora Verve, 1964. **LEVI, Primo. É isto um homem?** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1988.

LISPECTOR, Clarice. **Para não esquecer.** Rio de Janeiro: Rocco 1999.

SEDLMAYER, Sabrina. **Recados de vida, cartas sem destinatário: Bartleby e companhia.** In: O comum e a experiência da linguagem. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Catástrofe e representação.** São Paulo: Escuta, 2000.

TALIK, Karol. Apud: AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III).** São Paulo: Boitempo, 2008.

TEDESCO, Silvia Helena. **Pensando a ética da Clínica das drogas: linguagem, Subjetivação e a Experiência das Drogas.** Tese para o Concurso de Prof. Titular/Niterói/UFF, 2012. Inédito.

ENTRE QUATRO

Mandíbulas cerradas. A mínima mobilização da musculatura evita o estático. Nada escapa à visão. Respira equilibrando as permanências. A brisa dos pulmões alonga a brevidade do intransponível. Flutua contrariando as leis⁶⁸. Vibra ostentando os quatro cantos conquistados. Quanto potencial até então desperdiçado. Agora sim desfrutaria de espaço. Tentava em vão frear a alegria. O riso corria frouxo na medida em que se via esticando as pernas enquanto os braços avançavam incontidos. As cambalhotas esquecidas na infância seriam desfrutadas diariamente, ou talvez guardadas para os finais de semana. Flutuando alcança o teto.

⁶⁸ Na relação de exceção a suspensão da regra dá lugar à exceção fazendo-se assim a própria regra. A relação da regra com a exceção mantém-se. O vigor da lei reside na capacidade de manter-se em relação com uma exterioridade (AGAMBEN, 2010, p.25).

A exploração de cada detalhe daquelas esquinas ocultas lhe proporcionava o deslumbramento da fruta colhida do pé. Um universo de cabelos, fios de roupa, migalhas secas de pão e patas de aranha. Tudo pacientemente agrupado pela poeira úmida dos cantos. E melhor, aquele maravilhoso universo ainda não explorado pelo homem ampliava-se em quatro novos recantos. O trabalho nas esquinas junto ao chão estava concluído. Agora, liberto da prisão ao solo, ganhara os ares e brumava panorâmico. Não seria surpreendido pela escassez de numerosidades. Sabia que os cantos do teto não seriam tão ricos em quantidade de espécimes já que o efeito da gravidade se impunha. Entretanto lhe aguçava a investigação a respeito de seus pares, alheios aos mandamentos universais.

Ah, o dia em que descobriu o primeiro cantinho. Não desconhece que quem tem o dia a dia de ir e vir não se atém a certos detalhes. Os pormenores das arestas de uma peça são facilmente negligenciados. Rastilhos distraídos são silenciosos e escapam à precisão eficiente das vassouras. Panos úmidos contentam-se com os resultados obtidos em sua limpeza das passagens distinguidas pelas maiorias, afinal quem se importará com coisas tão pequenas? Quem olhará com tamanho ardor para o encontro de duas paredes? Quem se deterá a contemplar o que ali durou? O encontro das pedras com o mar, da árvore com o solo, dos pampas com o horizonte, enchem os olhos. Com os passares repetidos seu olhar desacostumou das belezas que aparecem nos andamentos.

O belo é o que remedia o tempo. Quanto frescor naquela minuciosa pesquisa. Iniciara olhando atentamente o conjunto da obra. Sabia que era preciso preservar aquela impactante imagem na memória. Em seguida agrupou as ferramentas necessárias: palito de dentes, tubo de caneta bic, saco plástico. Espera não ser julgado pelo amadorismo inicial, fruto do compreensível

entusiasmo. O profissionalismo foi um caminho natural. Orgulha-se de dispor de equipamentos técnicos. As fichas de catalogação, as luvas e a lâmpada de 100 watts foram fáceis de conseguir. A pinça exigiu maior colaboração externa. E finalmente, a tão sonhada lupa, confeccionada a partir de uma lente de óculos rachada.

Saboreou cada um dos quatro cantos com a mesma dedicação. Não pode evitar, contudo, a acinzentada nostalgia que sobre ele abateu-se enquanto trabalhava no último. Seguramente o mais trabalhoso. Teria sido o mais volumoso deles? Talvez. Não resta dúvida, com a apuração da técnica nenhum detalhe teria passado despercebido.

Concluído trabalho naquele longínquo. Havia ainda muito a fazer. O material coletado vinha sendo guardado sob o colchão. As deformações da espuma de início pareceram perfeitas para tal função. Cada precisidade pinçada ocupava os fastios esburacados. Mas logo tudo se inverteu. As espumas apareciam no chão sistematicamente. Bastava baixar os olhos e o montinho se refazia. Por mais que assoprasse, varresse, escovasse. Somente agora entendia, a cada piscadela, novos orifícios. Ao menos vento não havia ali. As dores nas costas estavam explicadas, aquele retângulo no qual se deitava, já exaurido, guardava pouca semelhança com um colchão. Era a toupeira a fuçar subsolos.

Percorreria cada túnel, um a um, reavendo cada pequeno achado. Pressentia a possibilidade de perder-se naquela cidadela recém descoberta. Agrupavam-se os instantâneos em que não sabia se estava dentro ou fora. Não estava perdido, apenas desistira de refazer seus caminhos. Retornar ao ponto de origem, de dentro para fora, de Fora para dentro, caíra em desuso. As minúcias de seus registros esqueceram o propósito sem perecer. Cada movimento vinha impelido de palavras a serem registradas.

Restava agora o armazenamento. Tudo precisava ser cuidadosamente guardado em condições propícias de iluminação e temperatura. Estava diante de um problema a menos. Excesso de luz não haveria. Em contrapartida, a umidade precisaria ser controlada. Os danos seriam irreparáveis. Bolor, fungos, manchas poderiam colocar tudo a perder. Os extremos de frio e calor seriam inócuos se comparados ao poder de destruição da umidade. O isopor usualmente utilizado para alimentação resolveria. Guardaria tudo no isopor. Não pretende pular etapas. Primeiro a catalogação. Regozijava-se com a miragem das fichas em branco. Carecia tanto de porvires que a virgindade do papel poderia fazer-lhe brotar água nas vistas. Desviava a enxurrada olhando reto na direção do preenchedor de dias. Enfrentara em curta existência tromba d'água, barriga vazia, dragão⁶⁹ alado. E, por curioso que pareça, batismo verídico vinha em idade tardia.

Caprichava na caligrafia da primeira letra disfarçando o alfabeto adquirido pelas esquinas. Exibia toda coleção em mente com os mínimos pormenores. A visão de cada um dos cantos, no plano geral e em detalhes. Poderia repassar, em voz baixa, cada exemplar encontrado, a posição em que repousava, a data da coleta, com a mesma exatidão que descreveria o almoço de todo dia. Os primeiros dias foram de repulsa com a visão daquela

⁶⁹ Revólver, na gíria utilizada por detentos. Ver mais em http://www.mpce.mp.br/orgaos/CAO-CRIM/legislacao/grupogestordeunidades/girias_detentos.pdf.

papa informe. Gradualmente passou a perceber pequenas nuances. A predominância insossa do arroz era por vezes acompanhada por inócuos grãos de feijão insistentemente pretos. Cenoura, batata e aipim não raro poderiam ser notados, ora pela cor, ora pela consistência, aquém do tempo de cozimento. Naquele local, a primazia da falta de equilíbrio saltava aos olhos de primeira, para em seguida cair na vala comum. Ainda que o cozinheiro fosse um deles, mesmo que chegasse o tão aguardado dia em que mãos habilidosas empunhariam as desmedidas colheres, o cheiro do almoço tinha o poder de aniquilar com o apetite de qualquer ser vivente. A limpeza da cozinha exigia pouco, nem os ratos se aproximavam daqueles panelões. Felizmente o almoço está a algumas horas de distância. Pode dedicar-se pelo tempo que resta a fazeres mais significantes.

Disponha das informações necessárias para preencher suas fichas, e a descrição iniciava-se pelo grupo dos insetos. Cabeças de formiga, asas de cupim e olhos de mosca. Utilizara a caneta preta para dissertar sobre o local em que cada um havia sido encontrado e suas condições na ocasião. Esboçou alguns desenhos para certificar-se de que não havia deixado passar nada.

Findo levantamento dos insetos encontrados poderia iniciar um novo grupo. O próximo seria Restos de comida, mas recém havia começado e gastara um terço das fichas, isso somente com os insetos. A partir de agora seria necessário maior planejamento na utilização dos espaços em branco, ou ficaria sem material de trabalho. O burburinho com a troca de direção colocara em dúvida as possibilidades de aquisição de subsídios pelas vias habituais. Qualquer entrada e saída envolveria uma série de procedimentos. Não, não queria as luzes dos holofotes lançadas sobre si no presente momento.

Convicto de que seria sumamente contraindicado elevar o estoque de fichas, decide planejar a ocupação do espaço que dispõe. Se até então se deixara levar pela fluidez da escrita, a próxima fase de catalogação convinha ser antecipadamente delineada. Nenhuma brecha ao improvisado. A começar pelas categorias por vir, essas seriam metodicamente regulamentadas. Restos de comida, sobras de sonhos, toda sorte de poeira, partes falecidas dos convivas, relíquias tão bem esquecidas, pegadas de atalhos para saída de si, papéis variados, farelos do cotidiano sem surpresas. O problema da finitude estaria assim resolvido. Todavia, não cedia a conspiração para que o sossego morasse em terra dos que nunca chegam.

Com certa facilidade avolumava um grupo a mais e, ainda assim o inclassificável se interpunha. Na mesma velocidade em que gotejavam novas categorias, mais algum item apontava para o lado de fora. Delibera aceitar o incontornável. Conviverá com a contrariedade de produzir um catálogo sem finalidade. Escolhe palavras rechonchudas, com frestas e ranhuras, afeitas ao andar na fronteira com o lado de fora. Vencer a teimosia daqueles que recusam as classificações não vale tanto esforço. Está decidido, os inclassificáveis terão lugar em seu compêndio.

Perder de chofre

Os dentes trincam deixando escapar a padecida linhagem. Principia a falação desenfreada interrompendo séculos de nulo rumor. Há algo de caseiro ainda que não compreenda o significado de tantas palavras. Reduz ainda mais a precipitação pulmonar em busca do ancestral comum. Distingue alguém que não fala ao fundo. O guincho não vem de fora. Está lá, ao fundo da fissura. O ancestral comum a todos e a ninguém. Em seus dentes guincha o ancestral inumano.

Vira o vento. Afasta o quebranto. No movimento incessante avança em altitudes. Arrasta tudo em que poderia ter esbarrado: bermuda sintética à prova do tempo, cadáveres mumificados sorrindo por sob a terra, sopa remexida no panelão. A velocidade amplifica o confinante. Roda, roda, roda. Ofegante renova o ar até o próximo tombamento.

Está agora rodeado pela numerologia. Custo mensal ao sistema? R\$ 2.800,00⁷⁰. Custo mensal na escola pública? R\$ 191, 66. Custo para o Bolsa Família,

⁷⁰ As palavras certeiras de Cecília Coimbra, Lília Lobo e Maria Lúvia Nascimento (2008, p. 97-98) dispensam acréscimos e impedem supressões. Para elas, “hoje as subjetividades estão mergulhadas no tempo das reformas, ou seja, da permanência aperfeiçoada das mesmas instituições, consideradas em si necessárias, definitivas, imprescindíveis ao progresso da humanidade. Hoje se criou toda uma máquina jurídica: da hipo-suficiência, da vulnerabilidade, da vitimização, das deficiências. Estas seriam compensadas pela máquina estatal e judiciária como um poder de soberania – de soberanos vitalícios que são os juízes, promotores nos tribunais, os chamados na contemporaneidade operadores de direito e do Ministério Público – para manter o equilíbrio instável do paradoxo capitalístico, capital e miséria. Para isso é preciso criar o mínimo, que seria o mínimo necessário ao consumo, que sempre produzirá o balanceamento entre a falta e o gozo, entre o pedido e o favor. Nunca o máximo, a completude do incabimento, a razão de ser da própria liberdade e da vida. Sempre o mínimo: o salário mínimo para “proteger” o trabalhador, a bolsa mínima para “reparar” o dano da miséria; ou seja, os diferentes programas assistenciais compensatórios. Para haver reparação, recuperação, reabilitação, restabelecimento é preciso instaurar o dano e produzir a vulnerabilidade, assim como os especialistas da insuficiência que acreditam em todas essas “ilusões re”. Daí o medo da insegurança, não mais do que pode acontecer no futuro, mas no presente, o medo que nos acossa a cada momento, obrigando-nos a buscar abrigo na esperança de dias melhores, aplacando a potência de agir e de inventar, através da obediência e do conformismo”.

se estivesse com as vacinas em dia⁷¹? R\$ 35,00⁷². Não distingue o aberto e o fechado.

Uma breve distração bastara para perder todo seu trabalho. O material coletado nos quatro cantos daquele buraco fétido e cuidadosamente armazenado está perdido para sempre, ou até o fim de sua permanência. As fichas com a catalogação dos despezos e de tudo que viera junto - opressões do peito, palavras, canções da infância ao lado - também se foram.

⁷¹ Sempre que se promove a remoção do Estado da esfera econômica, valorizando a responsabilidade individual na maximização do bem-estar, o Direito Penal ganha destaque como o primordial instrumento da política criminal (ABRAMOVAY, 2010, p. 25).

⁷² Como afirma Nilo Batista, a diminuição nos vergonhosos níveis históricos de desigualdade não impactaram a curva ascendente do encarceramento, nem tampouco na sangrenta demanda da mídia por repressão punitiva. “Não há fronteiras para essa insaciável criminalização dos conflitos sociais e das estratégias de sobrevivência da pobreza, dos deserdados da corrida tecnológica, desempregados e irremediavelmente “inempregáveis”, mesmo quando essa estratégia se reduz à migração para o centro em busca de trabalho. É proibido falar da tragédia da classe social tornada descartável pela nova economia; só podemos referir-nos a ela reduzindo-a às representações jurídico-penais, pelas quais a polícia e a mídia aprendem seus movimentos. É um bom lugar para esconder a política, atrás da legislação penal e de um senso comum criminológico positivista reverenciado diariamente pelos âncoras da televisão” (BATISTA, 2010, p. 07).

Tudo confiscado pelos piolhos⁷³ à sua volta. Eles se multiplicam sem descanso. Uma manhã esteve seguro de que sua população declinava⁷⁴. Mesmo sem acesso às planilhas de contagens diárias, era visível a diminuição da massa que, outrora informe, adquiria agora contornos particulares.

O ziguezaguear à sua volta comprova o engano. O ambiente atingiu as condições ideais para proliferação das lêndeas. A cada dia um punhado de ovos maduros é deixado para trás pelos novatos rastejantes. Poderiam morrer na casca, mas eles brotam sem hesitar em plena escuridão gotejante. A indiferença perdura enquanto ignoram seu destino. Tolos, sentindo-se apertados no ainda ovo, nem sequer antecipam o que lhes aguarda⁷⁵.

Em breve não haverá mais espaço para se mover e os novatos serão escorraçados. Nuvens químicas

⁷³ Segundo Hitler os hebreus foram exterminados “como piolhos”, como vida nua na Shoá. Naquele contexto, a matabilidade era inerente à sua condição (AGAMBEN, 2010, p. 113).

⁷⁴ A prisão é hoje o grande instrumento de política criminal no mundo. O esperado declínio da pena de prisão, unanimemente apontado pelos teóricos da política criminal nos anos 70, não adveio. Inversamente, testemunhamos a erupção incontida do Estado de exceção manifesto no “grande encarceramento que se abateu sobre o planeta a partir da década de 1980” (ABRAMOVAY, 2010, p. 10).

⁷⁵ Para Vera Malaguti Batista (2010) não resta dúvida a respeito da urgência que envolve a questão penal. É necessário “repensar os efeitos do capitalismo, nesse simulacro de democracia em que os jovens negros e os pobres em geral se encontram cada dia mais nas garras do sistema penal e dos grupos de extermínio. O que o pensamento crítico vai propor depois do grande encarceramento parece ser a principal questão política dos novos tempos” (p. 34).

esbranquiçadas, fogo, cães para aglomeração acuada. Se houvesse uma brevidade qualquer de silêncio as ideias o visitariam. Lembraria das idas e vindas, dos desafetos, das paragens e de não conhecer saudades. Notaria que as crianças encolheram nos adultos, que as ruas barulham, que terra não dá mais de comer⁷⁶.

Mesmo que o silêncio conviesse à piolhada não saberia como calar a gritaria de seus interiores. Não saberia como aplacar a vontade doentia de correr em linha reta até o corpo não aguentar mais. Não saberia como distrair a sede ou as extravagâncias do termômetro.

Naquele dia, esmagar formigas não bastaria. Disponha de um bocado delas, engarrafadas para emergências, mesmo sabendo que elas nunca faltariam. As miúdas circulavam despercebidas e as graúdas também. Era sua sexta-feira treze⁷⁷ e a infestação de gatos pretos perseguia seu olhar⁷⁸. Por sorte as bichas estavam fora de alcance⁷⁹. A ira vinha com toda gula. Uma mina terrestre indiferente ao avanço da multidão.

⁷⁶ Abramovay (2010) reforça que o sistema econômico e a política criminal são duas faces da mesma moeda. Ele aponta ainda que “movimentos críticos ao modelo econômico que reinvidicam o aumento do poder punitivo, reconhecendo a necessidade do Direito Penal como elemento central da política criminal, estarão apenas reforçando o modelo neoliberal” (p. 27).

⁷⁷ Na sexta-feira treze gatos pretos são comumente vítimas de maus tratos. Os felinos eram tidos como animais de estimação das bruxas na idade média e ainda hoje são associados à superstição que envolve a data.

⁷⁸ A violência estrutural de nossa sociedade contra os afrodescendentes é atestada reiteradamente pelas estatísticas (BATISTA, Vera Malaguti, 2010).

⁷⁹ O Presídio Central de Porto Alegre conta com uma galeria exclusiva para homossexuais.

O pior está por vir. Todos sabem que o crime de distrair o tempo é severamente condenado⁸⁰. Há casos em que tal conduta não será considerada delituosa pelo Código Penal vigente. Contemplar longínquos, frequentar altas rodas, banhar-se nas mais belas e consagradas artes, enfim, toda sorte de atitudes regadas pelo requinte estarão fora do rol de suspeições⁸¹.

Para si não há atenuantes ou foro privilegiado. Sua pena será agravada pela reincidência. Mais um tomo será preenchido. Todos os averiguados estão no papel. Interrogam se o parto foi normal, se o pai azedava a mãe, se conhecia inconsciências e envolvimento. Querem saber das crendices, dos irmãos, das boletas, da caderneta de amizades. Não basta responder que já está tudo registrado no hospital, na escola, no conselho tutelar, no posto de saúde e na prisão. E lá vamos nós contar tudo outra vez.

Um dia, por cansaço de si, ou por falta de memória mesmo, resolvera contar de um tudo um pouquinho diferente. Aqueles enredos de pai, mãe e vizinhos foram se perfumando. A escola arruinada virou uma cidade grande iluminada e as dores de criança pediram lágrimas. E foi se apegando àquela história inventada de si mesmo e daqueles que nem conhecera. E quando soube que dispunha de caneta e retalhos de papel foi a eles que endereçara as primeiras palavras.

⁸⁰ Será preciso chover no molhado até que o fali-do mundo penal seja plenamente inundado. Até que as prisões e os castigos sejam cidades submersas ocupadas pelos peixes, algas e corais. Quantos precisarão ainda afirmar que “a criminalização de comportamentos, em maior ou menor quantidade, depende das épocas e das forças sociais em confronto”? (PASSETTI, 2006, p. 83).

⁸¹ O sistema penal brasileiro caracteriza-se pela seletividade, “seus alvos principais se ampliam ou se concentram a partir das populações pobres e miseráveis, das pessoas que atentam contra a moral e dos rebeldes contestadores do conformismo” (PASSETTI, 2006, p. 91).

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Pedro Vieira. O grande encarceramento como produto da ideologia (neo) liberal. In: ABRAMOVAY, Pedro Vieira & BATISTA, Vera Malaguti. **Depois do Grande Encarceramento**. Rio de Janeiro: Revan, 2010.

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

BATISTA, Nilo. Introdução. In: ABRAMOVAY, Pedro Vieira & BATISTA, Vera Malaguti. **Depois do Grande Encarceramento**. Rio de Janeiro: Revan, 2010.

BATISTA, Vera Malaguti. Depois do grande encarceramento. In: ABRAMOVAY, Pedro Vieira & BATISTA, Vera Malaguti. **Depois do Grande Encarceramento**. Rio de Janeiro: Revan, 2010.

COIMBRA, Cecília Maria Bouças; LOBO, Lília Ferreira & NASCIMENTO, Maria Livia do. Invenção Ética dos Direitos Humanos. In: **Psicologia Clínica**. Rio de Janeiro, VOL.20, N.2, p.89 – 102, 2008.

PASSETTI, Edson. Ensaio sobre um abolicionismo penal. In: **Revista Verve**. São Paulo: Nu-sol, 2006, PP. 83 – 114, vol. 9.

BIOGRAFERNÁLIA

de Alberto

para Quirida Auxilia

Rio, 16 de setembro de 1970.

Meu bem.

Logo após escrever para você e para minha mãe, ontem, recebi os objetos mandados por você. Não preciso dizer que me causaram muita alegria. Mais uma vez me emocionei ao ler suas notícias. É bom saber que você tenha menos tranqüilidade. Porém, alegre mesmo fiquei ao ler sobre o neném e seus movimentos. Parecia até que era o primeiro filho! Isto me parece, também, sintoma de que sua gravidez desenvolve-se normalmente. Quanto à Maria... Ah!, a nossa filha me causa tanta alegria, só proporcional à saudade que tenho dela. Excelente a ideia de enviar-me a garatujas que ela fez. Parece mesmo um biscoito. E fico muito satisfeito em saber que todos as assistem, a você e a ela.

Quanto a enviar-me os estágios dos alunos de Petrópolis, sugiro que você telefone para a Secretaria da Universidade Católica, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, para saber se alguma providência foi tomada. Se for o caso, envie os trabalhos para cá, talvez não haja problemas para que eu os corrija e as notas sejam enviadas a Petrópolis e, assim, os alunos não fiquem prejudicados. Sua ideia foi muito boa.

Sobre o desconto para o INPS, francamente, não sei. Fale com o advogado sobre isso. Talvez o diretor do Carvalho de Mendonça possa orientá-la também. Desculpe-me por não ter pensado nisso antes.

2

Ontem, à noite, fui transferido de cela. Agora ~~estou~~ não estou mais solitário, pois convivo com mais 3 pessoas. Aqui pelo menos, ao que informam 2 deles (o 3º entrou depois), poderei ver o Sol, não hoje que está chovendo. Animo, minha estada aqui talvez fique menos dura. O regime aqui é muito duro e não se recebe visitas aqui. Aliás, você já deve saber disso.

Agradeço a remessa dos livros. Serão muito úteis. Até então, só havia lido ^{folhas de} os jornais em que vieram as bananas. Eles me ajudaram muito. Lia cada notícia todo dia, para prolongar o interesse; não os li de uma vez só. E depois reli-as.

Agora, os pedidos. Preciso de toalha, papel higiênico, sabonete e pasta dentifíca. Não sei se entra fio dental. O cortador de unhas foi recolhido: nada costante pode ficar com os presos. Também ^{esponjática} mais bloco de papel vou precisar. Quanto a livros, não sei. Tenho idéia de pedir livros de História, mas vou aguardar mais um pouco. Ainda entram coisas: faca de plástico, copo de plástico (grande), dradorante, cigarros.

Envio-lhe, junto, mais 2 cartas: uma para você e outra para mamãe. Que bom que minhas notícias a tenham reconfortado. Na carta para ela procuro animá-la e aos meus irmãos. Envio também, umas notas que fiz, uma espécie de diário; isto lhe ajudará na idéia que procura fazer de minha vida nestes dias.

Mando também um desenho e as coisas que fiz nas 2 primeiras semanas, com papel. Querio entregá-las, eu mesmo, à minha filhinha. Mas mando-as logo. Têm apenas, um valor sentimental: são um testemunho de minha vida aqui.

Aguardo ardentemente o momento de rever todos, em especial você e Maria. Sei que esse instante virá, pois tudo tem um começo e um fim. Cuide bem de sua saúde.

De seu
Alberto.

→

Folhas esvoaçantes de um calendário

Quando Getúlio Vargas, em 04 de abril de 1939, fundou a Faculdade Nacional de Filosofia (FNFI) não poderia imaginar que acontecimentos seriam ali protagonizados. Na época, seu fundador afirmara: ela “representa sem dúvida um dos mais seguros e decisivos passos, tentados em nosso país, para o fim de dar à educação e à cultura nacionais solidez e elevação”⁸². Solidez e elevação, palavras a vagar junto à memória da Faculdade, extinta em 1968, pela ditadura civil-militar. E as lembranças dos acontecimentos vividos na plenitude de um campus universitário podem por decreto ser extintas?

⁸² Ver mais em <http://www.fe.ufrj.br/proedes/arquivo/fnfi.htm>. Acesso em 04 de dezembro de 2013.

Alberto sente saudades da FNFI como de um amigo querido, levado sem aviso prévio, sem adeus, sequestrado sem que ele pudesse ter tentado evitar. Os prédios continuam lá, agora dando lugar à renomada Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Portarias determinam a restauração da pintura da fachada, a contratação de professores e a adesão às cotas. Indeterminada, paira a memória da saudosa Faculdade Nacional de Filosofia. Viva nas reminiscências como um desaparecido, sem rito, sem lápide, sem corpo a ser velado.

Curioso, diz para si mesmo, perdera o registro da data em que estabelecera a rotineira caminhada pela Praia Vermelha. Sem pensar, o mesmo trajeto diário. Conhecia os benefícios de caminhar, a elevação dos níveis do bom colesterol, a prevenção da depressão e do câncer de intestino, a oxigenação do cérebro. Entretanto, andava para refletir, avaliar a semana ou solucionar algum problema. Contudo, a interrupção do trânsito para a celebração da virada do milênio, naquela manhã, obrigou-o a mudar a direção, margeando o arborizado campus da UFRJ. De súbito, a mudança de percurso carregara seu pensamento. A brisa suave e inesperada daquela manhã o deixara desprevenido. Sem perceber, diminuía o passo diante da pintura descascada do portão principal.

Não pôde evitar a invasão do frio, gelando a espinha, daquela madrugada de 31 de agosto, quando fora levado por agentes da repressão fortemente armados. Nada disseram. Ficara o registro petrificado de Auxiliadora, com as mãos cobrindo o ventre, como se assim pudesse proteger o minúsculo bebê do terror por vir.

Oitenta dias de prisão, transferências, interrogatórios, salas de tortura, expectativas frustradas de visita. Doze semanas, o embrião vira feto, desenvolve a audição, os enjoos cessam, as unhas crescem. Não ouve a voz do pai.

Incomunicável, Alberto tenta respirar profundamente enquanto escreve. Não quer que a caligrafia contenha seu tremor. Em meio ao burburinho, procura palavras e o silêncio⁸³. Conta os dias. Fora da prisão o calendário segue em movimento, feriados, aniversários e a primavera. O chocalho devolve Alberto ao Dia da Fraternidade Universal. Um grupo de jovens, ainda em festa, entoava a canção com desproporcional alegria:

Beije a boca
De quem não devia
Peguei na mão
De quem não conhecia
Dancei um samba
Em traje de maiô
E o tal do mundo
Não se acabou....⁸⁴

⁸³ Silêncio não como ausência de palavras, um não falar, mas silere, “como silêncio de criação em que as coisas se afirmam como ainda não formatadas”. (PINHEIRO, 2012, p. 85)

⁸⁴ Trecho da canção É o mundo não se acabou, de Assis Valente.

Não é afeito a superstições, crenças, promessas ou orações. Estranhamente, o primeiro dia do novo milênio vem discrepante. Em meio a oferendas, panfletos, rolhas e pombas, olha absorto para o portão de entrada da desaparecida Faculdade Nacional de Filosofia e percebe que se passaram 30 anos de sua prisão.

É chegada a hora. Maria saberá que seus 10 anos não foram comemorados com festa, porque o papai estava sequestrado no DOI-CODI, que funcionava no quartel da Polícia do Exército (PE) localizado na Rua Barão de Mesquita. André ouvirá do próprio pai que, pela mesma razão, ele, à época incomunicável, não pôde sentir seus primeiros chutes dentro da barriga da mãe. Encontrará palavras para dizer aos filhos que, a cada amanhecer daqueles 80 dias em que esteve preso, andou em círculos orando por um reencontro com vida.

Rio, 15/9/70.

Meu bem.

Essa é nossa hora e nossa vez. Nossa hora e nossa vez de resistirmos à provação e nessa resistência alicerçarmos nosso respeito mútuo e nosso amor.

A permanência aqui é dolorosa principalmente pela ausência dos entes queridos. Não fora isso , a falta do que fazer e outros problemas seriam, quando menos, toleráveis. Os objetos e as cartas que você enviou mitigam um pouco esse sofrimento. Um pouco, não; muito. Eu o toco e as leio com bastante calor. São a manifestação de que não estou só.

Como não poderia deixar de ser, li com sofreguidão sua carta de sexta-feira. Desculpe-me pelo "insubstituível". Apenas quis ~~de~~ trazer a aquela consciência que tenho de minha falta aí. Apreciei bastante as notícias sobre a Maria. Uma das coisas mais difíceis para mim é lembrar-me dela sem me emocionar. Eu não sabia que minha filha tem uma presença e um significado tão grande em minha vida. Suponho que é por que sei a falta que faz um pai na ~~na~~ formação de uma criança, além também do natural afeto paternal. Melhor dizendo, o afeto paternal, inverso, é ampliado pelo que sei da presença de um pai na vida das pessoas. E também já me sinto tão responsável pelo bebê que virá...

Precisamos que ele venha bem, se possível tão sadio e forte quanto a Maria. Por isso, relembro os cuidados que deve ter com ^{essa} ~~essa~~ gravidez. Não fique zangada se insistir nisso; estou apenas querendo

Remetente: Alberto José Barros da Graça

Destinatária: Auxiliadora da Paz

Confiscaram as palavras

Enquanto as primas corriam pelas calçadas, agitavam os bambolês e ninavam suas bonecas, Auxiliadora entretinha-se de outro modo. A letra miúda preenchia folhas e folhas do diário. A proximidade das festas de final de ano a animava. Imaginava o conjunto de páginas sequencialmente datadas, as sutis cores das novas linhas, o estalido do cadeado. O professor de literatura ensinara que os grandes escritores, como Kafka, também mantinham seus diários⁸⁵.

⁸⁵ O diário, com seu fluxo linear do tempo e ode à realidade cotidiana é a salvaguarda do escritor que intui a inevitável metamorfose a que está exposto. O diário opera assim como âncora garantindo um laço com o porto seguro de si mesmo (BLANCHOT, 2011).

A maleta -com os antigos diários- permanecia intacta há anos. A alergia respiratória impunha severas restrições, nada de cortinas, bichos de pelúcia, cigarro, gatos e fogueiras em noites de luar. Auxiliadora evitara, até então, o contato com a poeira das palavras. Tomada pelos afazeres diários, uma grande paixão, o trabalho, as travessuras de Maria, havia abandonado o hábito de registrá-los.

Observa as próprias mãos. Percebe que os dedos se tornaram longos. As unhas, entretanto, seguem roídas. As pernas, agora esguias, balançam freneticamente sem descanso. Vê-se novamente diante do rechonchudo bloco de folhas em branco.

Desembaça os óculos. Retira os anéis dos dedos, acreditando que assim será possível começar. Os últimos acontecimentos teimavam em lhe ocupar a mente. A invasão da casa em plena madrugada por agentes da repressão fortemente armados, o início das buscas, o bebê crescendo em sua barriga.

Não tinha pistas para começar. Sabia que não pediria auxílio. Não colocaria outros em perigo. Percorreu sem sucesso delegacias e presídios. Diariamente, o chacoalhar do ônibus em direção à Avenida Presidente Vargas. Por teimosia, dirigia as mesmas perguntas a quem encontrasse nos departamentos do Ministério da Guerra. Recusou-se a procurar pelo marido no Instituto Médico Legal, contrariando a orientação do Major.

Nada disso poderia estar na carta que escreveria para Alberto. As linhas que se seguiriam guardariam pouca ou nenhuma semelhança com os diários da juventude. Precisava ausentar-se dela mesma e encontrar algo que pudesse ser dito sem revelar. Precisava ainda calar tantas perguntas, era a terra a lhe sugar. Precisava fazer falar o vácuo das palavras.

Pensava na última carta que de Alberto recebera. Era evidente, ele tentava mostrar otimismo, força, preocupação com as despesas do lar. O amor agudo pela filha vazava pelas bordas do papel. A alegria diante da carta evanesceu, contudo, ao deparar-se com o rastro das palavras confiscadas pelo terrorismo de Estado. Dizia ele:

A permanência aqui é dolorosa principalmente pela ausência dos entes queridos. Não fora isso,

a falta do que fazer e outros problemas seriam, quando menos, toleráveis.

O trecho silenciado a afligia. Tentava preencher a forçada lacuna. Teria ele escrito algo perigoso a ponto de ser censurado? Uma denúncia de maus tratos, doença ou um pedido de socorro?

Saber que suas palavras passariam pelas mãos sujas dos torturadores antes de chegarem ao seu marido lhe produzia uma incômoda impressão de nudez. Poderia resistir, mas entrega-se. Sucumbe à sensação de ter sido violada e finalmente compreende: os diários haviam ficado para trás. Estava agora diante de um jogo de risco. Decidir⁸⁶ se tomaria parte ou não era o que lhe cabia. De início, nada estava dado. O imprevisível final descortinava-se. As regras seriam estabelecidas em ato. A sorte estava lançada.

⁸⁶ Privado de destino, essência ou vocação insiste o homem. “Somente por isso algo como uma ética pode existir: pois é claro que se o homem fosse ou tivesse que ser esta ou aquela substância, este ou aquele destino, não haveria nenhuma experiência ética possível – haveria apenas tarefas a realizar” (AGAMBEN, 2013, p. 45).

de Dindarvan Soares dos Santos

Para Sidnei José Barwka

Porto Alegre 07/08/2015

Ofício 01/15

Ilmo Srº

V. Excelência Srº Doutor Juiz de Direito desta Unidade Judiciária

Sidnei José Barzila

Pedido: Autorização para entrada de visita

Vossa Excelência, eu, Anderson Soares dos Santos, RG

apartado e Trabalhador na Casa Prisional Presídio ^{opt}

Comunidade do Porto Alegre - RS, eu, não possuo nenhum envolvimento com nenhuma atividade ilícita ou facção, eu apuro durante os dois anos e três meses de reclusão nesta, possuindo um bom comportamento e de caráter impecável e exemplar, como pode-se verificar em meu histórico prisional e pelo tempo técnico e oficial desta casa prisional, como é também por envolvimento de Vossa Excelência as atividades humanas e sociais empregadas por este apartado na palmeira com o nome Alagados.

Quo não desde da organização de atendimento, oficinas e ciclos de atividades culturais prisional. Mesmo assim lamentando por não possuir nenhum atendimento familiar, meus pais são falecidos, e possuo dois irmãos mais velhos, mas, residentes nas cidades de Londrina e Campo Mourão - PR, Trabalhadores e pais de família, quando "um" veio para uma visita no mês de agosto de 2013, foi impossibilitado sua entrada.

Pela minha condição de informação, recursos, assistência social, higiene pessoal, contato familiar e formação de valores, venho através desta solicitação conforme a Lei de Execução Penal nº 7.210 de 11 de julho de 1984 - seção II dos direitos - Art. 41 letra X que constitui o direito do preso:

"A visita do conjugal, da companheira (o), de parentes e amigos em dias determinados".

Vossa Excelência, venho humildemente solicitar a permissão do Srº Edinei Borges, se amman como minha visita, se mesmo é brasileiro, imigrado, de caráter seguro, foi apartado desta casa prisional, ex - Trabalhador no Setor do AVH - Alpinaria conforme decisão de Vossa Excelência, se mesmo não possui nenhum desapuro, eu atividades na produção de dentro do sistema prisional e também possui boas referências através do corpo técnico e oficial desta instituição.

02/15

O Srº Eromei era apontado da família 3ª H desde o mês de novembro 2013, sempre ao meu lado, além de mantermos juntos, TINA. Unimos e participamos de todas as atividades juntos em comunidade.

Por ser o mesmo, o único "elo" entre minha família no Paraná e o mesmo também fazer parte da minha família, por possuirmos um laço afetivo que vai além do companheirismo, o mesmo irá dar-me um todas as respostas para o meu regresso.

Vossa Excelência, peço sua compreensão humana, e por ser uma pessoa aberta aos diálogos, peço o deferimento do bem mais precioso para o preso, "que é a presença de um ente querido", por o Srº Eromei Borges, ser muito além de um companheiro, tanto que ele é hoje a família constituída por mim -

Peço a Vossa Excelência a autorização do pedido aqui apresentado, e explico neste breve resumo explicar, minha condição social, e que Vossa Excelência possa autorizar a entrada do Srº Eromei Borges vir me visitar e me trazer conforto e tranquilidade que um ser humano necessita.

Se desejar mais informações, estou a disposição, e me unirei de sempre reforçar o pedido.

Assim, cito uma frase da atriz "Zuzusinha P. Lherminier".

"Na vida sempre existe uma janela... Si, você não pode chegar até a sua ao menos da janela você pode vê-la."

Atenciosamente.

Danielson Soares dos Santos.

Porto Alegre 10/09/2013.

Para:
Seu Everaldo.

Tio, aqui é o Márcio, estou preso de novo, mas estou aqui no Central (Presídio Central em Porto Alegre), Sei que o Senhor não aceita muito o meu jeito de ser, é o fato de eu querer ser mulher, mas Vou melhorar, pedi pra estudar aqui dentro, e quando sair melhorar, para de usar drogas, procurar um emprego, mas é difícil pois ninguém me dá trabalho, por causa da minha aparência, o meu jeito eu mesmo já mudar, mas não tem como mudar meu corpo. Estou frequentando o culto que tem aqui dentro, e estou mais próximo de Deus.

Pelo ao Senhor um apoio, preciso de shampoos, Sabonão, Barbadeador, escova de dente, creme dental, e sabão em pó, não quero dinheiro, pra não usar drogas aqui dentro, quero só material de higiene, estou aqui há mais de 5 meses, o presídio não dá isso.

Sei que o Senhor não pode entrar aqui, ou talvez não queira por causa da humilhação, se puder me ajudar, quando sair eu devolvo ao que o Srº passou.

Se o Senhor puder deixar com uma visita, o material e a Dona Maria (mãe de outro preso) é uma Senhora de idade mas sempre ajuda outros

Abraços

Márcio Solismari Rodrigues de Moraes.
(márciinha).

Carta redigida por Anderson a pedido de apenados analfabetos

Amigo ~~meu~~ só conta para os amigos que me dão a maior felicidade deste mundo.

Meus queridos filhos, gostaria estar perto de ^{Você} ~~meus~~, Elisei, Camille, Erik, Edson e meu pequeno primo Herman Eduardo, e dizer o quanto ~~os amo~~ ^{os amo}, o amor que sinto por cada um é imenso. Lembro de todos os momentos que estive com todos, desde os nascimentos até os momentos que tive que ficar longe ~~de todos~~.

Sei que não é fácil para vocês, e pra mim está sendo uma tortura cada dia que passa, sei embora quando chega a data de cada aniversário, seu dia especial, como dias dos pais, páscoa, e o fim de todos o natal, é quando o meu coração fica mais angustiado e partido de saudade. Chega a doer.

Quando adormeco é quando eu me acalmo, mas mesmo ~~em sonhos~~ ^{dominando sonhos com todos} ~~sempre estou presente~~, os rezes dou

sempre rezinho, lembrando dos brincadeiras que fazíamos juntos, as vezes quando eu tinha que sair pra trabalhar e todos vocês estavam lá comigo, sinto falta de vocês.

Queria muito mais tempo que estive longe de vocês de ter participado de cada momento, ter ajuda na vida

Muito os vizinhos de vocês, tenham de como se eu estivesse
ai, penso que todos abraçariam ele, e continuamos fazendo
as coisas certas, nada de fazer coisa errada, continuamos a ensinar
educados e as crianças abraçadas por vocês não, eu
peço a vós Eduardo como sendo o mais velho, sendo
dos seus irmãos, ensinando a eles a não fazer nada
de errado, e a repetir, eu, o pai ~~de~~ irei
voltar para ^{ficar do lado de cada um} ~~os~~, eu penso que ~~os~~ pensam que o
pai ~~de~~ tem que fazer uma viagem demorada, mas
que logo logo estará de volta para ajudar ^{amigos} ~~os~~, abraça-os
e todos os dias dizer o quanto os amo.

Todos os dias eu rezo por todos, peço a Deus
para ajudar a ^{Todos} ~~os~~ e que se tornem a cada dia
crianças mais felizes do mundo, porque vocês são
os meus mais importantes do mundo.

Feliz Natal, Elvira, Camilo, Erick, Edson e

Ponte Alegre 20/06/2011.

Pena:

Dama Francisca da Luz

Mãe, mais querida, peço-te
paz por nós e por ai com a senhora
durante estes anos todos, fiz uma
sema muito enxada e por isso eu
tenho que pagar.

Sócio por a Senhora me
enviou tudo de bom e até
por uma penca de pagar.

Mãezinha, hoje eu tenho
45 anos, e estou aprendendo a
por a todo lado de novo sem o
meu carinho, de um jeito mais
duro, por isso hoje todos os
dias pra Deus abençoar a
senhora e meus irmãos, logo
logo eu vou ai com você, não
se preocupe comigo mãezinha
eu estou bem, só por a senhora

meio sabe ler, mas pelo seu futuro
então lendo está certa, diga a mim
imagina que a "Amor solista",
peço tua atenção.

Seu filho.

Roberto Toledo.

C. MOURÃO - 2310512014

Oi CARIBE! TUDO BEM, IMAGINO QUE PODEMOS ESTAR MELHOR SE VOCÊ ESTIVER AQUI COM A GENTE, MAS AGORA VOCÊ TEM QUE SER FORTE PARA SUPERAR ISTO, AQUI EU ESTOU TENTANDO JUNTO COM O ANDERSON ADVOGADO TENTAR LIVRAR VOCÊ DESTA ENRABECADA.

O ADVOGADO PEDIU 10 SALÁRIOS PARA CONTINUAR MEXENDO NO CASO EU ASSUMI ESTE VALOR COM ELE E VOU PAGANDO PARCELADO, EU QUERO QUE VOCÊ ENTENDA QUE ATÉ ONDE EU PUDER TE AJUDAR EU VOU AJUDAR. TÔ MANDANDO TAMBÉM 50 REAIS PARA VOCÊ E O ELIÉZ TÁ MANDANDO 100.

AQUI ESTAMOS TODOS REZANDO POR VOCÊ, REZE VOCÊ TAMBÉM

UM ABRAÇO DE TODO MUNDO AQUI

FIQUE COM DEUS

TENO

OZHC NO VERSO

Remetente: irmão

Destinatário: Anderson

Clampo Mourão 16/05/14

1 / 1

Olá Anderson espero que você esteja bem na medida do possível

Anderson ainda estamos triste

pois perdemos a dona Marizete ela

teve câncer de mama e operou

mas depois de uns seis meses ela

faleceu mas morais estamos

mas eu menos estamos com

gandade de você aqui vai

meu abraço e da vida até um

dia se Deus quiser estou te

mandando com reais

Remetente: amigo

Destinatário: Anderson

OÍ ANDERSON ESPERO QUE ESTAS POUCAS
LINHA VA ENCONTRAR VOCE COM MUITA
SAUDE E MUITA PAZ EU ELIELE ACIDA
DESVEJAMO FELIS NATAL E UM ANO NOVO
COM MUITA SAUDE E REALISAÇÕES ESTE
SÃO NOSSOS VOTO MUITA FÉ EM DEUS QUE
TUDO DA SERTO ELIEL

Remetente: amigo

Destinatário: Anderson

CARIACA, TUDO BEM AI, ESPERO QUE SIM
ESTOU ENVIANDO RHUOAO COM REAIS, VOU VER
SE BONDIGO FALAR COM ADOGADO PRA VER
LAUO ANDAM OS COISAS NO PROCESSO, MAS
POR ENQUANTO A JUSTIÇA AINDA NEM
CHAMOU A PESSOAL QUE VAI ~~DEPOR~~
TESTEMUNHAR A SEU FAVOR aqui em
MUNDO MODIÃO MESMO, AS COISAS AQUI
É UM POUCO LENTO MESMO, TENHA FÉ EM
DEUS, ASSIM QUE CONSEGUIR FALAR COM
O ADOGADO VOU PEDIR PRA ELE VER O
QUE PODE AGILIZAR, TODOS AQUI ESTÃO
REZANDO E FIZENDO O POSSIVEL POR VOCÊ

Um abraço TENO

Remetente: irmão

Destinatário: Anderson

Casarão das bonecas⁸⁷

À luz do alvorecer, mamãe falava manso para não perturbar o sono do gari que roncava no banco ao lado. À frente o ambulante tentava sem sucesso acomodar a cabeça junto à janela, mas os solavancos lançavam seu corpo de encontro ao ombro do vizinho. O auxiliar de padeiro tentava esquivar-se fingindo naturalidade ao deslizar o dedo pela tela do celular.

A linha 42 desperta a cidade. À noite rodavam anônimas as impurezas na janela do ônibus. Com a chegada da claridade tornavam-se evidentes, mesmo que não para todos os passageiros. No seu caso, era atraído pelos resíduos urbanos apegados à janela. Bastava a primeira aparição para fixar seu pensamento. Elaborava o planejamento dos produtos que utilizaria para limpar as vidraças. Listava os equipamentos necessários. Rodo, vassoura, panos, esponjas. Conhecia cada passo a ser dado e a alegria com a transparência final. Suspirava ao lembrar o ranger do jornal amassado contra o vidro. Quantos horóscopos diários poliram janelas deixando um brilho reluzente.

Hoje não há vidros, passageiros, transparências ou horóscopo do dia.

⁸⁷ Designação informal de policiais militares à galeria do Presídio Central em que Anderson cumpre pena.

Em outro tempo, quando a luz do sol banhava o coletivo, anunciando mais um dia de temperaturas extremas, subiam as morenas, como mamãe, que limpavam as imundices alheias. Eram a encarnação do entusiasmo sem um porquê. Até que alguém proferisse uma mísera palavra que fizesse lembrar, mesmo que vagamente, o clima. A raiva espalhava-se como o fogo em palha. Torcia para que tivesse havido uma tormenta, um último capítulo de novela, algo grandioso que desviasse a atenção daquelas mulheres do calor que enfrentariam em mais um dia de trabalho.

Dia de homenagear a rainha das águas lavando a louça demoradamente. As roupas mergulhariam diversas vezes até branquearem por completo. Os baldes seriam todos aproveitados. Eles vinham em variedades de cores, tamanhos e formatos. Não escondia a preferência pelos translúcidos. Observava o relaxamento do tecido no completo mergulho após vencer a resistência das mangas, barras e botões flutuando secos. A expansão das tramas, no choque com a água, propiciava a navegação dos restos aprisionados ao tecido. Poeira, gentilezas, migalhas, suor, ciúmes, viajavam amplificados pelos raios solares que cortavam a água. Levezas subiam à superfície. Em direção ao fundo, pouco a pouco, decantavam consumadas amarguras.

As escadarias seriam lavadas aos litros que - ao carregarem a terra, a opressão, os minúsculos cacos de cristais estilhaçados misturados ao sabão - formariam graciosas ondas de espuma. Estaria de prontidão para aproveitar a ausência dos patrões e alguma distração da mãe para um banho refrescante, sob o pretexto de ajudá-la segurando a mangueira. Que mais poderia querer da vida?

O banho de chuva viria ao final do expediente. Com sorte, já estariam no ônibus, assistindo do alto o trânsito parar. Já antecipava a sensação do vento quente iniciando bruscamente. Os grânulos de areia atordoando os olhos diante da urgência de chegar ao ponto do ônibus. Sentia o cheiro da multidão aglomerada sob o exíguo abrigo nos dias de céu negro e ventania desértica. Naqueles dias o céu não era o mesmo para todos. Em substanciosa vantagem estavam aqueles que conseguiam um canto debaixo do teto do ponto. Na disposição central posicionavam-se aqueles que escolhiam menos ar, a serem, pouco a pouco, molhados pela chuva lateral. Mas nada pior que ser encharcado pelas grandes ondas esgotadas.

O cotidiano transcorria sem esforço, sem se deixar apanhar. O robusto molho de chaves permanecia junto ao corpo de mamãe nos dias de sol ou chuva, familiar e estranho. Casa grande e viçosa a esmagar seus olhos escuros. Mausoléus dignos de perder-se por seus labirintos. Por horas a fio o pano rodando em círculos, a cera agarrando o piso, o cantarolar lustrando o destino final. As vidraças ganhando transparência e a mãe, cansaço.

Anderson herdou de batismo a masculinidade. As bonecas vieram com a vida. Chegaram com o amanhecer, dissipando o negrume do horizonte. Ignorava a proveniência de titubeantes caixas de papelão barato. Ignorava, sobretudo, suas privações e que lá permaneciam imobilizadas, atadas pelos punhos, cintura e tornozelos. Seria demasiado chocante saber que eram produzidas aos montes. Que Jéssicas, Stéffanys, Chayenis saíam de máquinas, deslizavam em esteiras até serem encaixotadas por mãos velozes e olhos puxados. Aos seus olhos elas existiam majestosas, em trajas e mobílias de rainha, amparadas em seus dramas por dedicados empregados.

A cada nova casa, a esperança de vê-las. Sabia que bastava uma única criança, uma única menina, na casa para encontrá-las. Acariciava a seda de suas vestes. Escovava seus cabelos macios a desenredarem-se em um coque, uma trança ou pregador. O frescor da pele intacta a ser inscrita com rastros luxuosos em plena calma.

Nada obstante o cabelo obediente de outrora não tardou a lhe contrair. Mudou de escova, mas, como resultado, obteve um balão espigado. A composição do condicionador de cabelos com o amaciante de roupas resolveria, pensou, nutrido de inócua esperança. Ao menos os ingredientes estavam à sua disposição. Mas nada de alívio. Os fios bem engomados saltavam do suave conjunto espantando a efêmera harmonia. Ignoravam a ordem e saltavam eriçados. O que servia aos pretos não serviria aos brancos, já era tempo de sabê-lo.

Os olhos sorvidos de veneno esbugalharam-se. Não piscavam nem desviavam o olhar. Cintilavam ameaçadores em plena escuridão.

Não descobre respostas. Para onde escapara o aroma de pele fresca? Encontra apenas o interminável tuti-fruti em cada dobra. Os poros anulados na homogeneidade plastificada. As veias sumidas no oco interior.

Estará seu destino selado naquelas bonecas desvairadas? Não alimentava saudades daquele passado esdrúxulo. Se fosse desenrolar a infância, começaria escolhendo o fio mais promissor. Então puxaria. Fatalmente emperraria em algum nó impossível de ser desfeito. Diante do impasse seria obrigado a utilizar uma tesoura, ou os dentes. Os fios ficariam assim abertos e esfarrapados, ao menos aqueles estraçalhados pelos dentes pontudos. Prosseguiria puxando e abrindo. Talvez não

tolerasse a visão. A irreversível transformação da bola compacta na extensão de fios soltos e fragmentados. Era tempo de talhar os tocos, esculpir seus reinados, abolir o plástico e cravar a madeira. Tempo não lhe faltava, estava preso.

Era pura recusa. Escorregava em seus avessos. Tramava seus descontínuos, ora demasiado soltos a ponto de esgarçarem, ora sufocantes, sem folga. Agora dispunha de algo valioso: o horóscopo. Estar com um jornal nas mãos já era a demonstração de que os astros estavam ao seu lado, mesmo que a previsão estivesse para lá de vencida. Começava sempre por Capricórnio - das tonalidades escuras, como o preto - essencialmente ausência de toda e qualquer cor. Seguido por Aquário, soldados revolucionários, os magos do futuro. Nunca entendeu bem o porquê de Peixes. Sempre lhe pareceu tedioso. Peixes segue Aquário. Peixes, elemento água, tão previsível.

Naquele dia não acordaria com os carrinhos do café da manhã. A noite agitada não permitirá conciliar o sono. Já estava habituado aos cães. Eles latiam incessantemente, dia e noite. Diziam que o estresse os levava a ganir sem parar. Estavam confinados nos seus cubículos de tela. Andavam de um lado a outro. Os recém-chegados, com pulmões frescos, uivavam em constante promessa. Acenou a ninguém agradecendo sua porção e voltou ao horóscopo.

Os arianos estarão um pouco tensos e impacientes para enfrentar as dificuldades imediatas. A Lua em Capricórnio se une a Plutão e faz um tenso aspecto com Urano. Mantenha a calma. Amigos cães mantenham a calma.

Precede a insistência do olhar. Os monstros não cansam de cravar os olhos. O zodíaco é longínquo. Reina a anomalia sem sobressaltos. Quisera estar entre peixes, leões, capricórnios e escorpiões.

Busca com afinco a concentração do Touro. É o símbolo da persistência e produtividade. Apegado a resultados, é lento e decidido. A regência de Vênus dá aos taurinos afetividade, sensualidade e uma certa indolência. O elemento terra o faz muito atento às sensações físicas.

Não há concentração que resista ao ranger das grades. Era Marcinha. Sabia que sua chegada anunciava a escrita de mais uma carta. Ouviria a amiga contar uma vez mais seus atos inglórios, indignos de nota, e as promessas refeitas.

Talvez ela não compreenda sua necessidade de passar a carta a limpo. Melhor não dizer nada. Lutava para encontrar as palavras exatas, a melhor grafia, o justo equilíbrio entre o que havia para ser dito e a carga devida a cada destinatário. Breve batalha, posto que cada palavra acabada é mais exata que a outra. - Se precisas de shampoo, sabonete, barbeador, escova de dente, creme dental e sabão em pó, não assuste o homem, dizia a ela. - Não, Marcinha, nada de dizer ao tio que estás desesperada. - Melhor assinares como Márcio. Batom?! Como vou pedir batom pra travesti no Central, Marcinha?! Não, batom nem pensar. Talvez na próxima.

Precisaria de um tempo para colocar a carta em letra alinhada. A caneta ainda dava serviço, mas pensava melhor em movimento. Estar ocupado atraía as ideias. Elas chegavam e sumiam como vagalumes. Mover o corpo era a única forma de distrair a mente e, por mais estranho que pareça, era aí que as ocorrências vinham ao mundo. Não que o corpo se apartasse da mente. Era apenas uma questão de proveniência. Certas ideias eram oriundas da inteligência corporal.

Havia uma razão bem simples para que suas coisas estivessem sempre excessivamente arrumadas. Os piolhos comentavam que fazia de tudo para agradar e, por isso, refestelavam-se em colocar tudo de pernas para o ar. Estavam certos de que assim o provocariam. Nessas situações, nem tão incomuns, sua alegria brotava calada por dentro. A desordem atiçava sua gana pela arrumação e teria uma gorda, fresca e apetitosa isca para os pensamentos. A fragilidade era sua maior força.

Urgências do dia: encontrar o local menos úmido para secar as roupas, reservar parte do almoço para negociação, cansar-se ao máximo. A ausência de forças seria dedicada ao sono, oferecida aos deuses com pompa e circunstância. Como recompensa teria direito ao frescor do despertar quando conviesse ao corpo. Nada de cadeados batendo, pastores pregando ou carrinhos de café da manhã. O justo e exato despertar do corpo.

Tudo estava calmo. Eis a oportunidade de voltar ao horóscopo onde encontrava plena adesão à realidade. Não poderia queixar-se da memória. Jamais lembrava alguém apartado do signo. Confrontado com a má impressão causada pelo hábito de indagar a data do nascimento antes mesmo do nome próprio em princípio de conversa, optou por inverter a ordem. A angústia só aumentava quando, após a apresentação costumeira, algo sucedia e a ocasião de introduzir a pergunta essencial não se colocava. Tornava a encontrar-se na calma ao constatar que nada se encerraria antes de sabê-lo. A posição dos astros, quando do nascimento, era definitiva.

Até que um dia foi procurado por Roberto para uma escrita. O amigo sentenciou com toda tranquilidade, desconhecia aniversários. Não poderia ser. A ruína do mundo não tardava em nomes e fisionomias.

O assobio começou a se espalhar lá fora cortando seus pensamentos. Tentou desviar a atenção para as roupas de molho na bacia. Sabia que seria preciso esfregar e devolvê-las ao molho, esfregar e devolvê-las ao molho. Se houvesse sol para quará-las, recuperariam num instante a antiga forma. Não guardariam sequer lembrança do suor absorvido em suas tramas. O respingo de azeite ordinário não teria deixado uma mancha de tonalidade difusa, na parte mais visível da peça. Usuariam de um grande varal para dançarem ao sabor do vento. E seriam dobradas conservando o frescor dos movimentos, o aconchego solar e a conversa animada dos transeuntes.

Ao assobio juntam-se relâmpagos e trovões. O temporal se anunciava. Perdeu a calma daqueles que acreditam que a chuva vai passar. Dormem em paz convictos de que, no dia seguinte, já terá chovido o suficiente, as nuvens terão se dissipado e o sol voltará a brilhar. O barulho da chuva em seus telhados é o abrigo para o sono mais profundo. Para ele, porém, sempre haverá mais um dia de chuva e outro e outro. A chuva incessante, contudo, não causava transbordamentos. Os rios seguiam em seus níveis costumeiros para a temporada, as ruas não alagavam, nenhum desabrigado sequer. Para todos os efeitos, apenas mais um dia consecutivo de chuva sem conseqüências.

Havia algo a ser dito e por isso tornou-se um procurado. De início, tremia diante da anunciação futura. Com o passar do escrever foi compreendendo que redigir cartas seguia os mesmos preceitos da limpeza de janelas. Era preciso lavar bem todas as impurezas, utilizar os produtos corretos para dissolver as gorduras e lustrar com afinco. Assim, tudo ficava claro e transparente. Sabia o que uma mãe esperava ouvir de um filho no cárcere. O que um pai preso deveria dizer ao filho. Palavras são utilidades assim como as flanelas.

Transparência nunca alcançada para com os seus, que não compreendiam suas linhas. Ante respostas minguadas, suas palavras embaçaram. Vieram hesitantes, ocas, tímidas até a última gota. Que perdera a capacidade de nomear as coisas não era algo a ser compreendido, apenas constatado. Que escrevia com gosto e calma em nome que não o seu, poderia parecer um tanto excêntrico, mas não estava no mais estranho dos mundos?

Não encontrava palavras para decifrar mundo próprio. As palavras da nossa língua existem aos montes. Se adicionarmos outros idiomas, mergulhamos no infinito dos oceanos. Então não eram as palavras que lhe faltavam. O que lhe faltava era mundo. E sem mundo não havia mais proximidade nem distância, nem tampouco língua partilhável.

Agora, como escritor da mensagem alheia, passa satisfeito. Tem o silêncio a preencher seus baldes vazios de futuro. E a janela para ver a rua por entre as grades.

de Jorge A Murto

para Eduardo Manó

Buenos Aires, 16 de março de 1976.

Querido meu:

recebi tua carta e me alegrei bastante. Não pensei que decidis de escrever porque não me lembrei de você. Tudo pelo contrário. Como sempre, gostaria poder conversar contigo, mas o problema é a distância. Por isso aproveito a oportunidade para te fazer chegar dois livros, cujo conteúdo expressa muitas ~~as~~ coisas que me te dizem pessoalmente como o irmão mais velho com uma pouca de experiência em alguns aspectos da vida.

Um dos livros, é a história de Romênis, um sofista rebelde que ganhou uma guerra contra o imperador. Foi escrito por um dos nossos bastante inteligente e de muito bom gosto. É uma pequena obra de arte dirigida às crianças e adolescentes, e mesmo a pessoas mais velhas, sempre que elas sabem ler e entender, não somente a forma, mas o sentido mesmo da obra. Sendo em livro me lembrei que "foto Donalds", "Roy Rogers", etc., e te confesso com toda sinceridade que perdi muito tempo. Além do mais, parece que nessa época não era muito fácil encontrar esse tipo de livro.

O outro, "A idade de Ouro" é uma pequena coleção de 4 números, de um jornal feito para crianças no ano 1889, isto é, fazem 87 anos que foi escrito. O autor é um cubano, José Martí, que morreu pouco antes de terminar o século passado, lutando pela independência da sua pátria contra o domínio colo-

mial espanhol. O grande ideal de José Martí era
ver o seu povo libertado e a América latina torna-
da na "Pátria Grande Latinoamericana". O pri-
meiro que Martí aspirava é hoje uma realidade:
Cuba é o primeiro país livre da América latina.
O segundo, "La Pátria Grande", será uma realidade
de, provavelmente, antes de que termine este sécu-
lo. Quando tu tens 35 anos, seguramente, ya
não seremos "brasileiros", "argentinos", "uruguayo"
etc., seremos simplesmente latinoamericanos.

É possível que encontres alguns difi-
culdades para entender perfeitamente o espanhol
Mas isso pode-se solucionar facilmente, pois a
mãe e a Adriana o entendem muito bem. Tam-
bém podes conseguir-te um dicionário Espanhol-
Português. Além do mais aponeitas para melhorar
o teu espanhol.

Bom, espero receber a tua opinião
sobre essas leituras e que me contes as novidades
dessa terra e dessa família. Me interessa muito
falo que andas pensando e pensando, porisso não
para como eu, e escreve.

Uma abraço para ti, beijos para
a mãe e a Adriana.

Joze J. Murto

- P.S. - Como vai a lecturinha? Deve se sentir um
pouco enfiado no apartamento, não?
- Não esquece a minha vitropia e gramática.
Lembra-te que fazem 3 anos que prometei
não escrever em português, e a mãe ainda não
me mandou o prometido dicionário.
- Lembra os livros para o Flávio ler também.
- Vão alguns selos.

Canta latino américa

Jorge Alberto Basso figura duplamente na lista de desaparecidos políticos, tanto no Brasil, como na Argentina. Nascido em Buenos Aires veio ainda criança para Porto Alegre, juntamente com sua família. Nesta cidade iniciou o percurso de sua formação política. Jovem, de traços marcantes, estudou e fez amigos no Colégio Estadual Júlio de Castilhos. Foi militante do Movimento Secundarista e dirigente da União Metropolitana dos Estudantes Secundários de Porto Alegre- UMESPA.

Membros do Partido Operário Comunista (POC) relatam seu intenso engajamento. Para ele, o chão de fábrica é mais que um conceito. Vestiu o macacão, contou estrelas à espera de condução e ansiou pelo arroz com feijão morno da marmitta.

Leitor voraz, apreciador de música, estudioso convicto. Escreveu cartas a contragosto. De sua abreviada existência sabemos que esteve no Chile e desapareceu na Argentina. De seus sonhos, a supressão das fronteiras, a Pátria Grande Latino Americana. Dos trabalhadores, operários e miseráveis, irmãos. Do ritmo, campo vibrátil para seus encarcerados afetos.

Da América Latina fez pátria e língua. No Chile, militou ativamente. Nas ruas, tomadas de um burburinho incessante, Jorge Alberto era um qualquer⁸⁸. Ativistas

⁸⁸ Um homem qualquer não é o solúvel, mas aquele que migra do comum ao próprio, da potência ao ato, da língua à fala. Movimento “nos dois sentidos segundo uma linha de cintilação alternante na qual natureza comum e singularidade, potência e ato trocam de papéis e se penetram reciprocamente. O ser que se gera nessa linha é o ser qualquer e a maneira na qual ele passa do comum ao próprio e do próprio ao comum se chama uso – ou seja, ethos” (AGAMBEN, 2013, p.28).

de todas as cores agitavam suas bandeiras. A contagiante efervescência de Santiago propiciava a insônia. Como dormir diante de comícios, bares canceiros, e calçadas aglomeradas?

Extenuado o mundo, a noite esquivava-se a ser preenchida com alegrias, tarefas, embriaguez ou almas penadas. À luz das estrelas, seus olhos abriam-se ao mistério, ao vertiginoso, fora posicionando ambos os pés nas bordas do precipício.

Chegou, no entanto, uma esfumaçada terça-feira em que os bares fecharam suas portas, as universidades abateram-se pelo silêncio e as ruas mancharam-se de verde oliva. 11 de setembro de 1973, incessante tormenta. Era preciso deixar La Moneda para a História.

Novamente o êxodo em busca de abrigo, luta, amores e liberdade. Face a face com o risco, cruzar fronteiras e perder: amigos, trajetos e a possibilidade de rever Dona Sara e o pequenino irmão, Luís. Leva poucos pertences, as mãos precisam estar livres, duas mudas de roupa, documentos, as cartas.

Natural de Buenos Aires é para lá que sua bússola aponta. Na residência do vovô Victor, compartilha gostos, quimeras e o idioma. A cidade em que vivera seus primeiros cinco anos, ofertada, agora, à redescoberta.

Diante de seus olhos azuis, não estão apenas os belos parques inundados pelas flores, monumentos imponentes e recheadas cafeterias. Jorge Alberto é o povo apartado das belezas perfumadas. Suas pupilas secam com o duro esquadramento da cidade. Sabe-se distante da liberdade de circulação proporcionada, para poucos, pelo capital. Sua mais profunda inquietação, entretanto, é a sombra do pássaro que acompanha seus

passos. Intui sua presença pelas ruas. Curiosamente a sombra está lá nos dias de sol e de chuva. Uma noite reconhece seu contorno, o pescoço branco, é Condor⁸⁹, pássaro que se alimenta de restos mortais. Naquele instante soube que “o irremediável tinha acontecido”⁹⁰

Nome de guerra: Felipe. Dentre seus incipientes prazeres, os livros, um café, os selos e o tabaco. Enrola cada um como se o último fosse. Cerra os olhos. Índigena, sorve seu aroma. O peso metálico da enxada verga suas costas. Fecha os olhos novamente. A fumaça preenche o vazio de seus pulmões. Primeiro o direito, em seguida, o esquerdo. A despeito da aparente juventude, pelas entranhas, os vinte e cinco centímetros de brônquios retintos testemunham as impurezas do mundo. Inspira. A branca fumaça carrega a mestiçagem das cores. Breve e distraído silêncio. Ouve-se o canto. De início, um murmúrio indiscernível. Pouco a pouco adivinha uma palavra, e outra mais. Está completo. A condição para a felicidade e a liberdade de um é a felicidade e a liberdade de todos. De sua caixa torácica canta a Latino América. E seu canto ecoa, ignorando fronteiras, para além de seu corpo insepulto.

⁸⁹ Aliança político-militar entre os países do Cone Sul, apoiada pelo governo norte-americano, implementada nas décadas de 70 e 80, para violentamente sufocar a resistência às ditaduras civil-militar no Brasil, Chile, Argentina, Bolívia, Paraguai e Uruguai. Estima-se que o saldo de assassinatos, desaparecimentos forçados e torturas, ultrapasse os 40.000 casos.

⁹⁰ (BLANCHOT, 1991, p. 61).

Querido Luis Alberto:

faz muito tempo que tenho vontade de te escrever e mais do que isso de te poder ver e conversar contigo. Gostaria que tu viesses por aqui mas no momento não posso ~~de~~ te fazer nenhuma convite pois não tenho nem donde morar. Se as coisas melhorarem eu te aviso.

Buenos Aires é bastante interessante e existem boas diversões, passeios, etc, só que para aproveitar tudo isso é preciso poder dispor ~~de~~ um pouco daquilo que os pobres não têm.

Me imagino que tu estás bastante crecido e segundo me disseram o teu forte é a Geografia, me disseram que és estudioso e que tens boa memória. Muito bem, se continuas assim quando nos vejamos vamos poder nos entender melhor e mais facilmente.

Remetente: Jorge Alberto Basso
Destinatário: Luis Alberto Basso

Espero que me escrevas logo e que não te demores sem responder as cartas como eu demoro. Porque se tu me responder logo isso me serve de estímulo para imitar-te. Deves que me contar em que ano estás, que fazes todo o dia, com quem andas, de que gostas, etc... Assim a gente vai te conhecendo melhor pois não te esqueças que faz mais de 3 anos que não nos vemos.

Beim, um abraço de teu irmão

Jose Alberto

PS. Avisa o Florio que segue uma carta para ele.

O menino e seus mapas

Luís Alberto Basso carrega a história. Irmão e afilhado de Jorge Alberto é um precioso destinatário das cartas por ele redigidas. A aparente pressa e objetividade desaparecem quando começa a falar do padrinho. Mantém viva a lembrança dos momentos em que escrevia. Esticava o lençol, deitava na cama e debruçava-se sobre o bloco. A melhor caneta era cuidadosamente selecionada dentre as demais. O momento não admitia falhas. Observava a coleção de carrinhos de brinquedo e palavras para contar. Gostava de dar desusos às palavras ⁹¹. O papel ganharia um conjunto de letras desenhadas: gato, céu, célula e ilha. Isso já havia decidido, mesmo suspeitando que para o padrinho aquelas palavras tivessem outros nomes. Como se diante de ilustre missão estivesse, iniciava a escrita de mais uma carta.

⁹¹ O conceito de desuso comporta a experiência de esvaziar as palavras, liberando-as do compromisso de designar algo. Assim, a palavra nos poupa da presença esgotada do objeto. A linguagem torna-se assim campo propício à invenção de mundos recusando-se a apenas representar aquilo que está dado. (BLANCHOT, 1997).

No Luís grisalho de hoje, vê-se o menino de outrora. Menino cujo cotidiano preencheu-se de ausência. Sua abundante memória amplia a aparente inexistência de lembranças do irmão. A convivência, limitada aos seus primeiros anos de vida, deixou rastros disfarçados pelo alfabeto do infante. O interesse pelos livros, o colorido do jeans desbotado, o aroma de cigarro misturado à rouquidão da voz recém desperta. A geografia dos afetos não respeita estáticas delimitações, avança fronteiras, desfaz traçados.

Passam dias e noites e o presente confirma o que a caligrafia pressagia. O gosto vira ofício. Um menino mergulhado em fronteiras. Argentina, candombe, Chile, passaportes, Brasil, empanadas – eram presenças garantidas na mesa de jantar.

O menino quer entender os mapas. Pega seu bloco de cartas e desenha seus países preferidos, entre tormentas e bolas de gude. Em seguida, nos espaços reservados, posiciona avós, irmãos e amigos. O cachorro da família e os super-heróis das revistas também estão lá. Cada qual em um ponto cardeal. Cogita incluir os animais ferozes do zoológico, mas esquece dessa ideia.

Em seus roteiros procura pela mãe de um dia. Encontra a máquina de costura repousando silenciosamente sobre a mesa, juntamente com retalhos, revistas da moda passada e o tenso emaranhado de fios coloridos de linha. Os jarros de compota guardam a transparência insípida. No altar, as velas aguardam o riscar de fósforos. E a cadeira de balanço, imóvel, contraria sua vocação. Em vão, vasculha peça por peça. No lugar do aconchego do colo agora vê portas que abrem e fecham sem cessar. Nenhum agasalho é suficiente diante do sopro gelado daquele minuano.

O pesquisador quer compreender a relação do homem com o espaço que habita. Sabe que as forças da natureza já colocaram o homem em movimento, sem morada fixa, protegendo-se de predadores, em busca de alimento e temperaturas amenas. Inquieta-se, entretanto, com uma multidão nômade a vagar por razões diversas. Refugiados, expatriados, banidos, exilados, não podem ignorar fronteiras nacionais.

Para o professor, a geografia tem seus mistérios. Os desenhos da Terra, em permanente movimento, não se esgotam. Uma represa desloca o curso de um rio, uma erupção derrama lava sobre a cidade vizinha, um iceberg vaga pelas águas gélidas no norte rumo ao sutil desaparecimento. As águas sabem ser generosas, no alento da escassa chuva no Nordeste, na proliferação da vida nos rios, na sonoridade das ondas. As águas sabem ainda ser traiçoeiras inundando a terra, fazendo deserto o horizonte e ocultando corpos lançados em seu leito. No mar do arquivo das historicamente acumuladas caligrafias da Terra, ou geografias, se sobrepõem camadas de insistências, desvios, criações e sumiços.

A noite acolhe o miúdo órfão em suas entranhas. Da janela, estrelas sinalizam os presságios de uma vida que poderia ter sido. Os passeios na companhia do padrinho, o adormecer ouvindo a estória do sapateiro Ramzeis, as confissões na mesa de bar.

Há trinta e sete anos, Jorge Alberto Basso foi visto pela última vez. Passados tantos dias e noites, restam perguntas sem resposta e a ausência a ser preenchida. Resta imaginarmos as cartas escritas por Luís, sua caligrafia de menino e as histórias por ele contadas, que jazem junto de seu irmão, ainda desaparecido.

Querida Mãe:

É uma pena o que aconteceu contigo. Eu imaginava que o meu amigo, sabendo das tuas intenções de viajar, fosse ter-te ajudado no problema da cordillera. Eu não te disse nada pois pensei que tu virias directamente de avião, conforme um teu velho amigo. Eu também estou com muitas saudades e quero ver-te.

Não te desespere, o mundo não vai acabar e tu poderás vir em dezembro, sem nenhuma problema (espero) ou eu poderei ir a Buenos Aires, sempre que tiver dinheiro.

Com as coisas que tens, faz o seguinte:

1ª) o dinheiro deixa na casa do meu Victor, ~~o meu~~ ~~o meu~~ isto é, o do Marconi, o do Carlos Alberto e se puderes deixar alguma coisa para mim, deixa.

2ª) a roupa, os cigarros e a pasta de dentes, também deixa aí, junto com os presentes para a Paulina.

Eu vou fazer o seguinte: viajar muito quente para a Argentina e acho que vai ser fácil encontrar qualquer tudo isso. Se por acaso não der, o que é difícil, o meu Victor pode trazer ~~para mim~~ em outubro. E se eu tiver os documentos logo e tiver dinheiro, darei um pulo até aí, em último caso.

Quanto as demais coisas, leite, café, feijão, posso te dizer que leite existe em abundância aqui, feijão (puro) pode-se conseguir com certa facilidade no mercado, café é mais difícil mas nunca se deixou de tomar café. E quanto a trazer pão é um absurdo, mãe. Quem foi que te falou que a situação estava tão ruim que ~~precisava~~ ~~precisava~~ trazer inclusive esse pão? O único problema com o pão é que tem que se fazer fila para comprar e não é em todo lugar. Ninguém fica sem pão aqui.

A pessoa que foi buscar as coisas levou uma certa ajuda.

Mãe, um beijo e uma forte abraço. E não se preocupar de me escrever pois tudo se arranja. No momento não há nenhuma próxima oportunidade, que pode ser dezembro. Se der, traz o meu

Jorge Alberto

Pietá

Ser habitada por outras almas. Tangenciar o fora⁹² em sorrateira e ludibriosa aproximação até que, das próprias dobras, outro⁹³ possa emergir, parasitar-se, mimetizar-se. O ventre se expande, as palavras insurgem, as células se multiplicam, o delírio é encenado, um bebê cresce, a obra pede passagem nasce para o mundo.

Pietá carrega o filho morto em seus braços. O corpo inerte repousa sobre seu hemisfério direito. Não pode enterrá-lo, tampouco trazê-lo à vida novamente. Assim permanecem. O tempo passa. O peso faz adormecer seu braço direito. Não pode abandoná-lo. Seu lado direito está ocupado em aconchegar o filho sem sepultura. Uma mãe acolhe o rebento novamente em suas carnes.

Junto ao peito, Sara Basso carrega uma miúda medalha com a foto em preto e branco do filho Jorge Alberto. Quando fala no primogênito seu rosto se ilumina. Lembra com graça de seus modos. A voz grave, o macacão de operário, o desinteresse pelos almoços de domingo, os jogos de infância.

⁹² O fora é regido pelo domínio do indeterminado e da variação. Zona fronteira de atração e risco. Não pode ser definido como um local, mas, outrossim, como uma função (LEVY, 2003).

⁹³ A noção de outro remete à radicalidade de experiências disruptivas que rompem as comportas para invasão, sem ordenação, de fluxos intensivos.

Acende uma vela junto ao altar. Por alguma estrangeira razão, a oração diária desaparece. As crianças na calçada brincam de caçar insetos e embaralhar línguas. Estranhas e desconstruídas vizinhas, Argentina e Brasil. Filhos de duas terras, nascidos portenhos, estirados gaúchos.

Entre fronteiras dissonantes crescera seu adocicado cravo. Junto dos irmãos, brincadeiras, desigualdades, clássicos, tios e injustiças, seu menino ganhou altura. Encontrou-se na militância e na História.

Sara acompanhava as chegadas e partidas do filho, os lençóis, por vezes intactos. Tentava, sem sucesso, despistar as preocupações: a agitação política, a falta de apetite, a presença da polícia. Velas acesas.

A despedida de Jorge Alberto foi sem lágrimas. Sim, estaria em segurança no Chile. Aguarda notícias com ansiedade. No dia marcado, à espera pelo carteiro permanece em casa, em plantão silencioso. Recebe cada correspondência como se ouvisse o filho, apressado, tocar a campainha. Teimava em andar sem chaves. Observa o envelope contra a luz. Arrasta o conteúdo para um lado e para outro. Rompe suas bordas delicadamente com a tesoura. Assim que seus olhos encontram a primeira letra, percebe as modulações de sua voz, o suave aroma de cravo. Seus olhos abruptamente estacionam nos intervalos entre uma palavra e outra. Gagueja o que ainda resta ser dito.

Amanhece. Em breve estará com Jorginho. Na alegria do encontro que se aproxima, faz e refaz compotas, planos e cachecóis. Sente o calor do abraço do filho, o sorriso com o gosto dos biscoitos recém -assados, a surpresa diante dos livros cuidadosamente camuflados, entre peças de roupa e embrulhos de presente.

Anoitece. O gelo toma conta da Cordilheira. Impossível encontro. Mais um golpe. Allende. Novo exílio. O tempo passa cansado.

Pela fresta da janela, pode ver o movimento do carteiro junto à caixa de correspondência. Desta vez, a alegria e o entusiasmo cedem lugar à apreensão. O castelhano de Victor está trêmulo. Com poucas palavras anuncia que Jorge Alberto está desaparecido.

Sob a sombra do Condor retorna para Argentina em busca do filho. Austera, percorre quartéis, a Casa Rosada, delegacias, a Praça de Maio. Espectadora, assiste o desespero de mães, esposas e filhos. Anda em vão. O frio congela ruas, esperanças, paisagens e lágrimas.

Permanece contíguo ao seu corpo, alheio à passagem do tempo, o filho em tons de preto e branco. Sara Basso vela os olhos azuis camuflados na fotografia cinza e o perfume dos cravos vermelhos. Aguarda pacientemente a concessão de uma certa liberdade digna do repouso em sepultura para seu filho Jorginho.

Para Dr. Sidinei Brzuska

04 DEZ 2015

Senhor Brazuska

16/03/2015

Como está as coisas aí? eu tou Bem apesar do calor
tou estudando da Parli Bro Primeira ANO, aqui eu sou
Muito em Deus que tudo isso é um PLANO de Deus
Eu estal escrevendo Bro Senhor, Para Dizer que a
Paz ~~Não~~ Não De Mais Dai Pedimos ao Senhor que
Deixe uma galeria Vazia Para Nós ficarmos em Paz
Eu tou a LLAVOs ali Nunca dei um tapo Na cara
De Ninguém o Senhor Sabi Digo Nunca esturqui
Ninguém só ajudava e Hoje tou aqui com vizita
Minha filha Nacen da Fais 3 Mezes e eu Não combro
Aonde ta esses 300 Mil que Meí um De Nós temos
Vizita o Senhor é Pai e Sabi oque eu tou sentindo
Pois o Meu Medo era Nacer com alguma Deficiência
Pois a Simone tou com 8 Mezes e jamais eu iria fazer
alguma coisa Dessa com minha esposa com 8 Mezes
Sendo que Salvia o Risco De isso acontecer Sendo
que eu tenho um filho especial, é a mesma coisa
Meí tudo que aconteceu aí Na VEC o Senhor Sabi
Na Hora, Sendo que o Henrique ficou com
cabeça com um Buraco ele é igual o quinze Hoje
qual Seria eu Mentir Para o Senhor, só que os
Caros queria que Nós Viajasse e Comersse o
Telefona Manda WAST Bro Balança, Sendo que Num
Existiu isso em LLAVOs, jamais iria apoiar algum
coisa assim, eu Meí gosto de Si tar oltra o Maradone
ele Valia 500 Mil o Paulão 1 Milhão e isso Nunca
aconteceu os Caros conseguira oque eles queria
que era a galeria, eu intendo o Senhor mais quer
que o Senhor Me entenda tenho uma lei que Diz
que a Primeira Vez é 180 Dias então Deixa Nós 180
e ler o Nós De Volta, oltra quantas coisas acontecem
todos os Dias e quantos trabalhos morre e o Riminoz

PROCESSO/PEC n.		
: Vitor Hugo Plentão		
DATA DE NASCIMENTO		
NOME DA MÃE: Maria Sônia		
PRESÍDIO: Centro		GALERIA: 2º 5
<input type="checkbox"/> Progressão	<input type="checkbox"/> Livramento Condicional	<input type="checkbox"/> Remição
<input type="checkbox"/> Saída Temporária	<input type="checkbox"/> Detração	<input type="checkbox"/> Prisão Domiciliar
<input type="checkbox"/> Remoção ao regime de origem	<input type="checkbox"/> Informação: processo/prazos	<input type="checkbox"/> Unificação
<input type="checkbox"/> Comutação	<input type="checkbox"/> Conversão/Restabelecer PSC	<input type="checkbox"/> Indulto
<input type="checkbox"/> Cópia da Guia/Expediente	<input type="checkbox"/> ATENDIMENTO COM A VEC. Obrigatório o preenchimento do campo das observações	

<input type="checkbox"/> Transferência
Para onde?
Por quê?
Observações: Doutor Sidinei Brzuska Preciso = de uma audiência com o Senhor Sr. Rosalvo por = Muito obrigado Estou de sorriso
Não mandaram a minha Prisão e Deus Abençoar o Senhor e a sua Equipe todo Feliz 2016 Pra Você e o Senhor da PAZ Guardá Você. Preciso ter algumas Atuações finichas
ATEO'SN

Remetentes: Apenados
Destinatário: Juiz Sidinei Brzuska

Sr. juiz

Boa tarde, meu nome é Antônia
viviare Miranda Gonçalves.

tenho 29 anos, sou a mais
velha entre 4 irmãs, onde um deles
encontra-se preso no presídio ~~central~~
central.

Minha mãe morreu recentemente
com câncer generalizado. foi o pior
dia, a pior de todas as dias,
o pior sofrimento.

Ela nasceu segurando minha ^{mão},
nã esqueço de cada dia, e nunca
esqueci.

Desde então tem sido uma
tremenda luta a minha vida.

Meu irmão Athos Douglas Miranda
Gonçalves, conseguiu a usar drogas,
e fazer tudo o que minha mãe
sempre disse para não fazer.

Minha mãe era filha única,
minha avó tem 94 anos, sofre
muito, meu irmão morava com
minha avó, e ficava dias sem
vir para casa.

ela sem entender perguntava
diversas

6

vezes por ele, e eu para não causar mais sofrimento para ela. dizia: de está bem.

Emfim, eu recebi oportunidades para trabalhar como modelo.

Antes de minha mãe falecer eu fiz diversos trabalhos com fotos. e foram esses trabalhos que me trouxeram dinheiro para o sepultamento da minha mãezinha.

Meu irmão e minha vida, não quero perder ele.

tenho mais duas irmãs, mas nenhuma se interessa em vê-lo, mas eu nunca deixarei de apoiá-lo porque sim caso-e ruim tu está no fundo do poço e não ter um apoio.

LD

Eu tenho depressão, meu cabelo era lindo.

Ele caiu todo, eu ~~me~~ emageci, estou um verdadeiro lixo.

Me sinto horrível, Já tentei dar fim na minha vida.

Mas sei que meu irmão, minha mãe precisam de mim, eu não quero abandoná-los.

Ele só tem a mim, e a mãe ninguém, eu não ~~me~~ vou deixá-los sozinhos.

Eu somente eu, ajudo, etc precisa de mim.

Senhor Juez.

Pego do fundo do coração e com toda a sinceridade do mundo que O Senhor me ajude, meu cabelo está crescendo agora, agora eu estou me erguendo novamente

JD

eu estou me sentindo novamente capaz de ajudar a minha família.

Não posso retirar ~~meas~~ minhas traças e não tenho vergonha em dizer que preciso permanecer com elas, porque estão fortalecendo minha raiz e crescendo.

dependo disso tudo para trabalhar e conseguir ajudar meu irmão.

Ele sabe que tem uma avião, que sempre o apoiará a mudar de vida.

Não deixa de me ajudar, com todo o respeito.

Muitas pessoas disseram que eu não conseguiria nem chegar até aqui, mas eu consegui!
estou com a cartinha da caduça na mão só esperando

~

a resposta do Senhor.

peço que DEUS toque no
seu coração e o Senhor me
ajude.

EU estando bem, e me
sentindo bem, consigo passar
somente coisas e palavras
boas para ele.

É disso que todos que estão
lá dentro precisam, - e de
apoio familiar!

peço encarecidamente que o
Senhor me conceda a minha
entrada lá com as crianças.
descupe-me a letra, estou
~~mas~~ nervosa e trêmula.

Muito obrigado desde já
pela atenção!

- estou falando a verdade, e meu
coração está tomado de gratidão!
por favor me ajude!

que DEUS o abençoe!

unice

O juiz

O dia começara pelo avesso. Detestava estar atrasado. O despertador estava programado para as 6h 15min. só pelo prazer de desligá-lo. Sempre acordava um minuto antes de o relógio tocar. Poderia tentar dormir mais um pouco, mas isso nunca acontecia. Era impossível reencontrar o sono com a brisa da manhã tocando seu rosto. Poderia espreguiçar-se como uma melodia lenta até que fosse convocado a agir, silenciando o relógio. Mas a aflição do intervalo o deixava como crianças em estrada prolongadas de horizonte, com a chegada em um ponto do mapa e o corpo em outro. Estendia a mão rapidamente e, pronto. Antes mesmo de abrir os olhos, o relógio estaria desligado.

Não havia nenhuma razão para se levantar naquele dia. Ainda estava escuro. Nada mudaria. As geleiras derretendo enquanto a pilha de papéis tornaria a crescer. As pastas cor-de-rosa acumulariam sobre a mesa. O colchão voltaria à forma habitual tão logo levantasse o corpo pesado de leis e destinos. O barco estava à deriva e ele tentando conter a inundação tapando o furo no casco com as próprias mãos.

Na largada daquele dia, entretanto, a exatidão de sua rotina foi bruscamente alterada. E agora, aquele princípio se esparramará por todo seu desenrolar, uma gota de vinho no tapete branco. E por mais que corra em busca de socorro tentando estancar o avanço da mancha, o estrago está feito, não há como retroceder.

O sonho tentava retê-lo, enquanto a força do despertar agia impiedosamente. Acordou com o perfume do café misturado ao cor-de-rosa das cerejeiras. Estava atrasado. A névoa do sonho ainda não se dissipara, as copas floridas, a neve tragada pela estação passada, a luminosidade oriental. Estava acordado, mas o sonho ainda não o abandonara por completo. Ela já havia saído, ele já deveria estar de banho tomado. Enquanto a água escorreria pelo corpo, a manteiga amoleceria do lado de fora do refrigerador. Isso se não tivesse ficado enredado naquele sonho, vagando distraído entre as árvores. As pernas pesavam em franca oposição ao início da cansada rotina.

Tomou um gole de café ainda de pijama (o que percebeu com a entrada do frio pela sola de seus pés descalços). O gosto do sono ainda estava lá, como o sabor do beijo finda a noite de amor. Ao queimar a língua lembrou que não havia tomado seu copo de água gelada. O ranger da azia acompanharia seu dia. Sem seu copo d'água ficara indefeso, entregue aos ataques ácidos. O estômago ardendo lembrar-lhe-ia a falta de tempo para ir à farmácia e o aroma do chá de funcho, preparado pela mãe após o almoço de domingo, se espalhando pelos cômodos.

Estava ficando parecido com seu pai. Na azia e no caráter. Aquele chá, suavemente preparado por sua mãe, era a demonstração de que ela ainda amava seu homem sem dizer. Apesar de tudo ela ainda estava ligada a ele pelas entranhas. E ele? Ele sabia, e essa segurança bastava.

Ele, o patriarca, aparentava força, certeza, estabilidade. Contudo, o fundo das xícaras, os lençóis arejados, os furos dos tijolos bem assentados na parede, sabiam que tudo provinha dela. Seu modo de acender as velas os protegia da ruína e mantinha os alicerces da casa imunes aos estrondos do lado de fora. O pai não era má pessoa. Apenas tomava de empréstimo uma força que não era sua. Mas os delírios dos homens que perdiam o equilíbrio nas linhas de trem não eram tolerados. Deles esperava-se a roupa bem engomada, o cabelo alinhado, a ordem das ideias.

Mexeu o café amargo revolvendo os círculos do passado. Pai e mãe estavam agora juntos e para sempre. Finda jazida de desavenças, intrigas, carícias e suspeitas, reunidos para eternidade. Unidos os corpos a serem consumidos pelo tempo. Ela, com a pele lisa e macia, apesar da idade. Ele, com as dobras das manhãs, a despeito da proximidade do fim. Em silêncio, contemplados pela imortalidade da pedra. Uma vida de amor e seus jogos de azar. Assim, por entre o mármore, o verde insistiu em brotar e a invasão das flores profanou a eternidade fria da pedra.

Está atrasado, mas o traje de segunda já estava separado no cabide. Vestiu-se como se fosse um dia qualquer. Cada peça da alfaiataria o complementa como a flor ao fruto de sua espécie. No perfeito encaixe tudo é simplicidade, nenhuma ostentação será desenhada em sua lápide. O relógio marcava o irrefutável atraso. Deveria estar apressado, mas o que estava feito não poderia ser modificado. Nessa hora cada um já estava em seu lugar. Nas repartições, haviam trocado o cordial bom dia, comentado a previsão de frio, os controversos lances do árbitro na noite anterior. As mesas, ainda úmidas, cheiravam a álcool. Ninguém via, mas todos sabiam que alguém tinha passado por ali.

Ainda em casa, deixa a chave do carro em seu lugar, sua vaga entre as autoridades não estará mais disponível, ganhará tempo indo a pé. Tenta ignorar o transbordamento da caixa de correspondência. Não deveria demorar-se nem um grão a mais. Para esvaziar a caixa precisará retornar ao apartamento devidamente trancado, pegar a minúscula chave e trancar tudo novamente. O que lhe tomará mais tempo, será conferir as trancas das janelas e das portas uma vez mais. Após certificar-se que a chave esteja uma vez mais em seu devido espaço.

Prevê que, ao abrir a caixa de correspondência, será, indefectivelmente derrubado pela avalanche de conteúdo, informações, pedidos, ofertas, pacotes. Nenhum poderá ser ignorado. Sabe que irá ver encartes de supermercado, pacotes de pés, mãos e sobancelha da Estética Rubi, ofertas de pedreiro, advogado, acompanhante. E será tanta impureza que precisará desinfetar as mãos contaminadas com as cinzas do indígena queimado, as mãos impregnadas do fedor da criança procurando refresco no esgoto, as mãos melecadas das secreções do inocente estuprado na cadeia.

Não pode mais evitar aquela situação em seu nome. Que pensarão os vizinhos, os transeuntes, o carteiro?

Agora é tarde para furtar-se. Não pode virar as costas ao inconcluso. Já basta a azia e o atraso para pontuar seu dia, não precisa da imagem da falta de espaço na caixa de correspondência martelando em sua consciência.

O que seria o simples esvaziamento das correspondências trouxe alguma inconveniência sobressalente. Encontrar boletos, propagandas, encartes de magazines e o jornal do bairro, era perfeitamente esperado. Uma carta manuscrita, não.

Ganha a rua convicto de que assim o atordoamento nebuloso se dissipará. Confere o relógio para certificar-se uma vez mais da traição à pontualidade. A carta

ficará no bolso e será aberta em seu devido tempo, seria loucura demorar-se ainda mais sem razão.

Daquele momento em diante, quer acelerar o passo, mas seus pés carregam o peso das vidas que passaram por sua mesa. Acumulando mais e mais pastas cor -de -rosa, a mesa é uma rocha fixa junto ao chão, enquanto a flor de cerejeira rompe a neve. Entretanto, pode ficar em paz, sempre se ateuve à letra fria da lei. Em tantos anos nunca se afastou dos preceitos jurídicos.

Mantém o passo. Atravessa propositalmente o parque, sem, no entanto, saber o porquê. O sapato lustrado perde aderência no chão arenoso. O sol custa a aparecer entre a densa neblina. Um pássaro acerta casualmente o paletó alinhado. Se tivesse andado um pouco mais depressa, as fezes do inofensivo animal teriam ido ao chão, como todas as demais. Se tivesse andado um pouco mais devagar, se o sinal tivesse fechado, se outro tivesse sido escolhido, em seu lugar, para informar o nome da Avenida ao homem desorientado. Nada pode ser visto à distância. Há árvores em seu caminho. Mais ou menos frondosas, com cores variadas, avariando o cimento com suas raízes ou conformadas ao espaço a elas destinado. Houve um dia obstinado em não nascer.

O trajeto estanca diante dela. Está exuberante derramando-se em flores. Em tudo, a cerejeira do parque é idêntica, sem, contudo, ser a da aparição noturna. Não consegue encontrar, na cerejeira, à sua frente, a árvore do sonho. É de todo real. Pode distinguir as nuances de suas delicadas flores, sentir seu perfume e ali permanecer até que a primeira delas rompa o cordão da vida e se precipite ao chão. Sua exuberância é, contudo, placidamente neutra.

A do sonho não está lá. Ela está fora da ordem da qual é perito. Não é feita de linhas, mas de emaranhados. Sua seiva é feita de massas compactas e não de fluxos canalizáveis. Suas flores borboletam pelos ares ao invés de imobilizarem-se ao encontro do solo e morrerem finitas. Sua idade não está grafada nos gomos de seu tronco, mas nas insistentes pinceladas de seu arvorecer.

Estava bem próximo do seu destino. Será muito bom chegar ao trabalho, naquele dia, mais do que nunca. Falta pouco, está muito próximo. Será preciso tomar a porta principal. Chamaria muita atenção entrando a pé pelo estacionamento. Choveriam perguntas: “o carro estragou, Doutor?”, “algum problema, Doutor?”, “precisa de um táxi, Doutor?”. Melhor entrar pela porta principal.

Havia uma longa fila na entrada. Mulheres com filhos e sacolas, pés de senhores marcados pela espera, o vento cruzando distraído, meninas grávidas e magricelas. A linha do detector de metais não era para ele, mesmo assim ali ficou. A fila, tão longa quanto lenta a travessia. Por vezes, o detector soava e era a hora dos pertences abandonarem o sossego das sacolas e apresentarem-se. Em outro momento, o documento, desgastado de tantas conferências, custava a ser considerado legível, aumentando a demora. Considerou desistir e tomar a cordial porta lateral, mas faltava apenas uma pessoa à sua frente. Ficou aguardando a sua vez, pela falta de convicção em mudar o caminho ou ainda para prolongar a proximidade com a senhora à sua frente, mas nada disso estava claro, até aquele momento.

Havia nela vestígios de elegância, apesar dos modestos trajes. Um apuro no cabelo arrumado em um coque, localizado no ponto intermediário da cabeça, nem muito acima, nem rente à nuca. A espiral não se alinhava ao centro, tendia levemente para esquerda. Alguns fios minuciosamente soltos completavam a harmonia do penteado. O prendedor em forma de coruja resplandecia. Havia alguma lembrança ali enredada.

Era ela quem ditava o ritmo dos seus avanços e recuos. Assim foi se estabelecendo uma soturna cumplicidade. Ela não aparentava pressa ou impaciência. Não batia o pé, não olhava o relógio, não cruzava os braços. Mantinha-se com o olhar firme voltado para frente, o que impedia que seu rosto pudesse ser visto por trás enquanto emitia um som indistinto. Não era um canto, nem um lamento, quem sabe uma oração. Rezar baixinho talvez diminuísse a espera.

A fila andou. Chegou a vez da sua antecessora. Nada precisava ser dito, mas ao abrir a carteira para retirar o documento e apresentá-lo à segurança todos os minúsculos pertences perderam-se pelos ares. O fecho pode ter se rompido ou o tecido pode não ter suportado mais o remendo de tanta desavença. A razão não importa. Importa que tudo, ou quase tudo, que lá estava guardado se espalhou.

Sem hesitar, tentou juntar um pedaço de papel, que, impulsionado pelo vento, andou um tanto a mais. Correu afoito como se estivesse por perder o último trem. Sem temer o ridículo de perseguir com tamanho ardor uma folhinha de papel fugida da bolsa de uma senhora anônima, como se tentasse agarrar uma daquelas

pombas sujas que vivem dos restos de pipoca que caem dos pacotes empunhados pelas crianças nos parques. Sem premeditar (certamente, se tivesse pensado teria concluído que aquela atitude era um tanto tola), nem antever que, provavelmente, estivesse perseguindo uma receita de bolo, o endereço de um vizinho ou um cupom promocional, que somado a mais 50, daria direito a um jogo de travessas inúteis – inúteis sem almoço de domingo, inúteis pegando poeira em cima da estante, inúteis de travessias, indignas de figurarem em testamento - em um futuro incerto que coube em um segundo.

De golpe certo agarrou o papel. Encarou sua presa como se estivesse diante de um leão recém abatido, ainda com o sangue fervendo e as veias inchadas pela fracassada fuga. Sente o calor da poça de sangue quente a seus pés. Conseguiu pegar o papel evitando o fatal tingimento vermelho. Está sem os óculos, mas pode ver que empunha uma página de jornal. Afastando um pouco mais o recorte dos próprios olhos distingue a sessão das páginas policiais. O texto já obteve seu destino, o apagamento - não restam palavras - mas a imagem está salva da destruição. Há um homem na foto. É um criminoso. Não consegue conter a exclamação: “Este homem sou eu”. Os olhos saltam na direção da fila. A mulher não está mais. Seu lugar foi ocupado por outras roupas, outros fardos, outras cicatrizes, outros corpos, outros deslizos, outras histórias.

A notícia tinge suas mãos de sangue. Na tentativa de reencontrar a calma pensa que poderia ser alguém parecido. Mas logo cai em si, quem não reconheceria a

si próprio olhando uma imagem tão nítida? Se fosse um bebê poderia haver dúvida, todos os bebês possuem um pouco em comum, mas não, sabe que está diante de si próprio. Quais seriam então as circunstâncias daquela foto? Que delito cometera? Como pode ser aquele velho?

Arrima suas perguntas. Se for rápido, quem sabe, conseguirá encontrá-la. A senhora não pode ter ido longe. Toma a porta lateral. No saguão, olha para o alto e lá está ela, em uma das rampas, parada, coberta por um manto azul celeste. Olha fixamente para ele, ou quem sabe, em sua direção. Estão a dois lances de distância.

Fixa o olhar na direção de sua aura como se assim pudesse conservá-la naquela posição. Queria imobilizá-la, queria tê-la ao seu alcance. Secreta um fio de sua teia. Acredita ter acertado. Agora basta seguir o fio para alcançá-la, estar a um palmo de distância. Não a deixaria escapar. Não pretendia tocar sua pele macia, sentir o calor de seu colo, o aconchego de seu abraço. Entretanto, precisava tê-la ao seu alcance.

Presunçoso, sobe os dois níveis que os separam, mas ao chegar no ponto exato em que havia disparado, fixado seu olhar, ela não está mais. Ledo engano pensar que ela era um inseto. Um mosquito pueril, uma mosca tonta, uma abelha operária, uma vespa solitária capturada em sua teia.

O mosquito cansado era ele. Ela, a baleia branca entoando, aguda, pelas profundezas, a águia escolhendo a melhor corrente de ar. Ela virou-lhe as costas aladas e ganhou o céu. Como Icaro, abandonara o Minotauro, confinado ao seu labirinto. Ela se foi, ela se foi – repete para si próprio.

Chegando em sua sala, um pouco cansado e abatido, percebe, nada mais está em seu lugar, exceto a pasta cor –de- rosa que repousa em cima da mesa. Lê mais uma vez a sentença acuradamente fundamentada. Os artigos relevantes foram citados à exaustão em páginas e mais páginas. Todos convergem e corroboram. Entretanto, nada naquela exatidão faz mais sentido. Quantas vidas arruinadas. Quantas vidas condenadas ao esgoto. Quantas vidas alimentando os cães. Tem sangue nas mãos. É tarde demais. Perderam os dentes, cresceram sem pai, dormiram com os ratos, morreram mais um pouco.

Retira os processos armazenados da prateleira. As páginas abrem-se por conta própria, sem obedecer a sequência fielmente numerada. Abrem-se as portas do vagão e delas emerge a multidão. Ao descerrarem-se, as portas regurgitam uma massa concentrada que, agora, já pode esticar os membros e inflar o peito, o ar sobra distendido. Pode, cada parcela da horda, no instante preciso, acender um cigarro, tirar o casaco, coçar as costas. A sala começa a ficar cheia daquele povo, já que, de cada processo, comparece não apenas o sentenciado, cada sentenciado traz consigo toda a sua paisagem. Os rios de histórias se bifurcam e se emaranham, pois, na terra tudo é superfície, pai, mãe, companheira, filhos e, não raro, bichos- de- pé e de estimação. E quando as orelhas de uma vaca começaram a tomar forma por entre as páginas de um graúdo processo (as orelhas foram as primeiras a aparecer junto com o cheiro de estrume), concluiu que deveria tomar alguma atitude.

Estava até então observando, envolto na isenção de um espectador. Deveria estar perplexo diante daquela cena inusitada (não é todo dia que pessoas, coisas e animais citados em processos, ganham vida), mas seu olhar não respondia mais como antes. As coisas aconteciam à sua frente, aquela gente toda brotando das páginas do processo, as plataformas do trem chispando, o relógio parado na parede e ele ali, somente sendo.

Então age, mas sem a direção lúcida sustentada em motivos arrazoados. Que fundamento teria para agir? Se a cada processo aberto, todos os personagens ganharem corpo, não haverá espaço suficiente na sala. Aí está, não uma lei, mas um motivo bem razoável. Sim, já estão ficando apertados e, mesmo com o ar condicionado a plenos pulmões já se sente aquele cheiro de gente aglomerada. O burburinho também pode chamar a atenção dos colegas, e a secretária certamente virá certificar-se de que tudo corre bem. Fecha os processos dando fim àquele delírio. Já estava desnudo da habitual mortalha, mas mantinha o cacoete de alinhar o nó da gravata.

Está só. Quer que o dia termine, mas da janela, entre as cortinas, ainda entra luz. A mesa está em total desordem. Que pensaria ela ao vê-lo assim? A julgar pelas aparências, um derrotado, inerte em meio à bagunça, vestindo um terno manchado de cocô de pomba e com o estômago ardendo. Um pobre coitado, um miserável sem eira nem beira. Será que ela veria as fagulhas cintilando indecisas entre tornarem-se algo palpável ou apagam-se nos esconderijos do tempo?

Não, ela não veria essa miudeza insidiosa que se precipita. Ela pensaria que, após um chá quente e uma boa noite de sono, tudo voltaria a ser como antes. Ela diria, pegando o telefone, que a secretária colocaria os processos no lugar, era seu trabalho. O terno e o sapato seriam muito simplesmente resolvidos - sob seu ponto de vista – ela que abre uma gaveta e encontra tudo que precisa. Para ela, o terno estaria novo, após a passagem pela tinturaria, assim como os sapatos, sob os cuidados de um profissional especializado, recuperariam o brilho. Profissionais especializados existiam para situações como essa, afirmaria ela, considerando o assunto prontamente resolvido.

Mas ele sabia que, mesmo que tudo voltasse à antiga ordem, para o sangue tingindo suas mãos, para sua imagem nas páginas policiais, para a senhora da fila, para a horda do trem, não havia lugar, ordem ou profissional especializado. Não teria recursos para conter uma onda em refluxo rumo ao esôfago. Entende agora que cada onda contém sua própria força e ao invés de ir-se para o que já é, as imagens retornam aos estilhaços. Os ainda não passados regressam despejando seus ácidos. Deveriam descer, mas sobem, sobem mais e além. Rota de contra fluxos das pequenas luzes que resistem à condenação, à escuridão e ao esquecimento.

Um corpo disciplinado, dia após dia, em refeições leves e moderadas, abandona suas margens balanceadas entregue ao majestoso banquete. Onde vai dar, quem saberá? Distraído tomou lugar no banquete dos acontecimentos. Deixou-se levar pelos aromas, dispensou os talheres e engordurou as mãos em miúdos jogos. Sem fome, provou todas as iguarias servidas aos convivas.

Avançou sobre o leitão cozido, inteiro, com a maçã vermelha na boca. Queria a saborosa coxa, mas devorou a nadadeira que estava em seu lugar. Guiado pela anatomia cravou a faca no peito branco. No lugar da carne tenra, que poderia ser facilmente desmanchada pelos dentes, cortou a volatilidade ao meio, a faca estava bem afiada para cortar o impalpável. Tentou pegar com as mãos, morder, mas a nuvem branca, gasosa e disforme escapava ao enlace, admitindo as narinas como orifício único. Inalou o branco com avidez. Ficou satisfeito com as narinas absorvendo aquela nuvem imaterialmente frutada no lugar do corte nobre. Lambeu os beiços.

Contrariando a ordem natural, naquele festim, as partes do prato principal não se encaixavam no todo de um organismo, pois cada membro pertencia e levava a outro alimento, a outro animal, a outra terra, a outra estação de anos ainda não vividos. Pode um leitão ter coxa de peixe, peito de nuvem, clorofila nas veias, e a idade de um Sauroposidon? Vive? Anda? Pertence a alguma espécie? Hesitou um pouco e abandonou as perguntas, por tédio mesmo, assim como se devolve um prato insosso ao anfitrião. Acabou de fazer sua refeição, apoderar-se da energia daquele animal, isso é tudo.

Não tinha mais motivos, havia se tornado energia em movimento percorrendo uma vizinhança que a outra se avizinha e assim em diante. Um estado que poderia ser confundido com ausência, desperdício ou ignorância aos olhos dos sedentários. Vígil sabia bem onde estava. Não dormia, estava alerta. Ou talvez dormisse acordado. Os fatos estavam à sua disposição: é um juiz, sentado em sua mesa de trabalho, chegou atrasado, uma pomba defecou em seu paletó, os sapatos estão sujos, tem uma carta no bolso.

A carta. Ela estava ali, em silêncio, no interior do envelope fechado. Detém-se nela por um momento. Se a correspondência foi enviada para sua casa, significava que alguém sabia seu nome completo, endereço e código postal. Quem? O remetente não está identificado, mas há algo a ser dito. O gesto esquecido da caligrafia foi reencenado. Alguém foi ao correio e lançou os dados instalando a espera.

A espátula empoeirada está na gaveta, misturada aos códigos derrotados. Põe o envelope contra a luz encenando o ritual obsoleto. Avança na direção dos objetos fora de uso, selos, papel, caneta, envelope, carimbos. A lamparina acende a expectativa.

Senhor Doutor Juiz,

Queria contar ao senhor a minha história, mas ela não é diferente daquela vivida por nenhum outro que dorme ao meu lado. Sou um homem comum, assim como meu destino. A cadeia está cheia de gente sem sorte.

Não deveria estar roubando o tempo de vossa excelência. Maior agravo seria ainda invadir vossa privacidade. Tenho notícias de que do lado de fora há esse lugar chamado privacidade. Não deveria mandar na carta o mau cheiro da cadeia. O que acontece na cadeia, na cadeia deve ficar. Escrevo para falar de outro assunto.

Conheço bem as regras. Tenho pena mesmo é dos que chegam, assim como já cheguei um dia. A primeira vez que me dirigi aos guardas foi para pedir uma escova de dentes. Não tinha a menor ideia do que estava por vir. Eles nem me responderam, os outros riram.

Os novatos são os mais frágeis, ainda não sabem que precisam cuidar do essencial, sobreviver. Acreditam que cumprirão sua pena e voltarão a viver suas vidas. Nas primeiras noites sonham com o retorno, com a cama quente, com os desafetos, com os filhos. Não sabem que ninguém sai vivo desse lugar. Nenhum homem jamais saiu vivo para contar o que passou. Caso decidissem enterrar todos os mortos, não haveria mais pasto para as vacas, lavoura para o arroz, faltaria terra aos vivos que precisariam viver além mar.

É preciso aprender uma nova língua. Ou fingir que entende os gritos, o deboche, a ameaça. Nenhuma fraqueza será perdoada. Tudo se repete a cada trem que chega à estação. Os cães latem sem parar.

Ninguém tarda a perceber a transformação à espera. Basta olhar em volta para saber que não há como escapar. E, ao olhar, o terror se reflete em olhos alheios.

Um final possível? A cerca. Está ali, no horizonte, bem próxima. Ninguém tenta evitar as corridas naquela direção. Os guardas assistem calados e depois chamam os designados a limpar a área. Ao corpo é dado o destino final. Os cães? Seguem latindo.

Mas não é por isso que lhe escrevo e já, ainda que tarde, peço desculpas pelo infortúnio de encontrar essa carta em sua caixa de correspondência. Não foi difícil conseguir seu endereço. Do lado de cá, o dinheiro também resolve muita coisa. E o dinheiro é tão, ou mais necessário, que do lado de fora.

O senhor bem sabe qual é o tipo de trabalho que podemos fazer por aqui. Os nobres afazeres das oficinas, da faxina ou da cozinha são para poucos. Quem emprega 15 milhões de pessoas? Os boletos, por outro lado, não tardam. Todos

precisam pagar pela comida, para ter um vaso sanitário, pelo colchão, pela pasta de dente, pelos remédios, pelo papel higiênico. Como a gente paga? Isso o doutor já sabe, podemos poupar o papel dessa parte, algumas coisas não merecem ser ditas.

Quem tem visita tem mais chance de continuar a viver. As sacolas com comida, roupa, caderno são uma taça de alento aos soterrados em desespero. Entretanto, os condenados ao fundo não recebem nem uma migalha da partilha. Os cães sarnentos são enxotados, assim como os ratos imundos.

A essa altura o doutor já deve estar pensando que estou de enrolação. Talvez até tenha deixado essa carta de lado para dar atenção às inúmeras obrigações próprias ao seu cargo. Processos, terno bem passado, despachos, ponto eletrônico, papéis, leis, audiências, convicções, cafezinho. Que dia repleto de compromissos.

Guardei o papel e a caneta corroída para uma ocasião especial, para alguma emergência, ou caso de necessidade. O papel está bem gasto e a letra fracassando. Melhor adiantar, ir direto ao assunto. Sei que o Doutor recebe cartas de todas as espécies. Alguns ainda têm a esperança de denunciar toda sorte de violências sofrida, como se pudessem ser diferente, como se não estivéssemos aqui para sermos massacrados até a morte. A morte, o fim em que nada mais se espera, nenhum passo adiante. Outros clamam por transferência, visita, consulta médica, sorriso. E esse seu humilde correspondente aqui tem um pequeno pedido a fazer. Por já ter visto vossa excelência portando uma câmera fotográfica, dirijo-lhe esta súplica. Peço-lhe um retrato com minha filha que veio ao mundo, enquanto eu aqui já estava, para que possamos nos juntar, ao menos em uma imagem.

Largou a carta sobre a mesa e, com o ar alheio de quem faz a mesma coisa todos os dias, abriu as cortinas e olhou para fora. A lisa calma do rio era brevemente perturbada pela linha traçada pelo barco a vela. O olhar penetrou a profundidade do horizonte dissolvendo seu corpo na paisagem. Era, em realidade, o abismo do horizonte que o olhava tragando suas carnes.

O cor – de- rosa proclamava o recolhimento do sol nas profundezas do horizonte. Em instantes ele mergulhará no abismo por trás das águas. Suas toneladas tombarão deixando apenas um rastro de luz que dará a ver o interstício. O frio se retrai, a primavera avança a galope.

É sexta-feira, anoitece. O pão trançado está na mesa, assim como o vinho e a prece. As velas aguardam pelo toque do fogo.

É primavera, as cerejeiras florescem no dia em que a toga, reta e engomada, ficou esquecida no cabide.



De Ângelo
Para Alcione

Sai que não é hoje o dia, até mesmo
por que sua realidade é controversa te
felicitar apenas um dia, pois há quase
dez anos é maravilhoso para mim
quero um dia, ainda mais meses dias
que têm sido tão vital a sua presença em
minha vida, sei que tem se desdobrada para
criar nossas filhas!

Muito obrigada por ser a mãe e mais
que isso, a mulher da minha vida.

Feliz dia das Mães, Mãe, te amo!

Seja um mês que não te vejo e nunca
darei tanto amor sem ver o teu rostinho
lindo, O ruim é não poder escutar
a tua voz e ficar sem saber se
tu vai vir ou não, mas saiba que
mesmo sem te ver ou ouvir a tua
voz, mesmo sem saber se vai vir ou
não e se não vir, sentindo toda a dor
que sinto e que sei de sentir se isto
acontecer, eu sei que vou te amar

pois já tentei te tomar da corção de todas
 as formas e não consegui, e se todas essas
 coisas não me afastaram seu melhor,
 então não afastaram um do outro, eu
 sei que não vai ser agora depois de tudo
 e que por isso juntos iremos nos
 repararmos, pois nossa união não
 foi constituída do nada. Por isso que eu
 tenho fe e tenho enquito pela frente
 22/05. -1-

Como é difícil ficar sem notícias de
 vocês, porque que a dia mesma prima, as
 horas se acabam e a saudade só faz
 aumentar, chega a ficar doente de tanta
 falta que vou me fag, espero que você
 venha para isso tudo porque é me po-
 der colocar uma sorriso no meu rosto
 e poder olhar nos seus olhos, te dizer...
 ... Ah, por ti sou um morto!

24/05. -1-

Mais não dia sem você, e ainda que seja
 para sempre... eu ainda vou te amar...

Todas as dias olho para a sua imagem
como se as minhas mãos vedas se não estivessem
mas mais juntos?

28/05.

Hoje me acordei acordado depois de
um período comido real que eu não sa-
tiso e até agora estou me perguntando
se foi só um período de um arris,
para saber se ainda me tem, então,
mas uma vez, como viu aquela digressão,
será que um dia você realmente me
arrisa? Não posso dizer que estou con-
muito maior de você, afinal se eu
estiver na sua, sua, modo disso
estaria acontecendo. Fico triste pelo
fato de você me abandonar aqui
de tanto que eu não sou o mesmo dos
passados, sem me falar o porquê
de tudo isso, a memória de Rodrigues
me deu os meus cabelos se você quer
me parar, sem digitar o que eu

Te fugi, saiba que eu não te ligo, te tão
infeliz, se você não quer falar, eu
não sei o que fazer, fora para aceitar
de você, quem me machucou e
ai que dóio... Mas assim, eu
Sempre Vou te Amar mega!
31/05.

Já são 7:30 e espino mais uma vez
ansioso para ver se você vem, a saudade
já não cala mais no meu peito e a
cada dia que passa, o medo de te perder
se ~~está~~ torna maior, e isso tudo
pelo fato de ver amor ser menor
que a suas magoas, como eu queria
que fosse diferente, mas só fazer o que
me dá. Já sei, à cada ano que passo,
mesmo com idas e vindas, meu
amor, por ti só faz aumentar, e
como eu queria que não fosse
assim, só que infelizmente, não
andamos nos mesmos corações, e se

STOQSD

DATA / /

eu me dou-ta no meu e me ~~de~~ 52, 44
diria pra o meu coração me amei assim
com o eu te amo..., ... e sempre vou te amar
Alô!

14/06

Mais um dia à tua espera e moda, tá
começando à ficar difícil, pois vejo
que não posso contar com você, tendo
em vista que você tem outros problemas
aparentemente mais importantes para
resolver, bem como sempre só me resta
esperar pela sua boa vontade, só não
esqueça que uma hora eu posso cansar
de esperar!

75/06

Já sei que vou passar uma semana longe
de ti, só espero ver as minhas filhas no
próximo sábado, se continuar assim vou
ter que mudar de lugar, pois ficar desse
jeito não dá!

21/06

Não sei se grito de raiva ou choro de tristeza,

pois mais uma vez tu me deixaste
bem claro quais são as tuas prio-
ridades e com certeza não sou
eu, até da Fé e da Sarah tu
estás me privando, e já és madura
e suficiente para saber o mau
que estás me fazendo, quem sabe
um dia você muda o pensamento
e dás valor à mim!

Já não tenho mais certeza
que você me ama. Mesmo
assim, eu te amo mega!

22/06

Passsei muito tempo pensando e
talvez seja à hora de cada um
ir para o seu lado, não quero
ficar com quem não me ama
e não luta por mim, mesmo
te amando tá mais do que
uma hora de pensar em mim.
Haaaa, que raiva! (Que tristeza!

"Hoje eu acordei, pensando em você, te amo e nem sei como eu amo", se bem que eu não deveria depois de tudo o que você tem feito, me impedindo de ver as minhas filhas, não trazendo meus remédios, nem meu mat. de higiene, já deve até ter ficado com outro, e se me trata desse jeito e se tem um outro alguém, não mereço o meu respeito e você sabe que eu te dei, além disso é a lei da semeadura, o que se planta, também se colhe.

H

25/6/2014

Já escrevi tanto, já falei tanto, já chorei tanto, aliás mais de tantas coisas que já nem me lembrava mais, e de alguma forma isso é bom, aquele homem possessivo, nervoso que por qualquer coisa brigava, se aabelos, afinal não adianta dar umuro em ponta de faca e não vou fazer você mudar

pois isso é você mesma que tem que fazer,
isso se você minha linda quiser fazer,
é engrasada, eu me ver assim depois de
tanto tempo que eu tive na rua para
mudar e não soube aproveitar, tanto perto
ou longe dos teus braços.

Mas em fim depois de tanto escrever
cheguei a hora de dar um passo,
afinal, eu estou preso e não aliviado,
dego de ficar esperando toda a vida
por alguém que não vem, tá uma hora
de pensar minha cadeira sem esperar
por ti ou pela minha família que depois
de tanto lutar, desistiram de mim, eu
não tive a razão deles, só que eu não
vou desistir de mim, eu te amo e firmo
vou te esquecer só que ven presto sempre
com segunda plano não do' mais, cuida
bem das minhas lindas filhas que eu
amo tanto assim como eu também
te amo muito Alice.

Viu, mais um dia neste lugar sem ter
nenhuma, notícia sua se das minhas
filhas, tá do jeito que tu gosta, sem quando
quer e o papai aqui sem nenhuma notícia,
fai como eu exerci antes, o que volté está
fazendo é de xeremama, não se importo
nem com a minha saúde pois sabe que
minha medicina acabar faz tempo.

Não te entendo mesmo, mas tá plantando
algo muito ruim dentro do meu coração,
deve estar se rindo pelos meus erros
do passado, ainda bem que cadêra
não é pra sempre e esse dia eu
souia pois mesmo te amando,
deixei de te esperar.

++

Já como eu queria, mas não consigo
deixar de te amar Alci.

28/06

Espero me acordar sabendo que você está e
minha espera no portão, temos muito o
que conversar, te amo.

Mais um dia que você me deixou, não sei
mais quem é que pensa que não seja a
possibilidade de você ter me abandonado,
toma-se que não seja isso pretinha, te amo.

29/06.

Fora a Te e a Carol, todas as pessoas
da minha família que eu amo me aban-
donaram, será que eu fui tão ruim assim
pra vocês, mesmo assim eu amo vocês!

//

Sempre quando a noite vem, <sup>(com pensamento, vai-
te preocupar, eu preciso, te comento)</sup> meu grande
arroz, ^{te comento} a noite sem ninguém, sem ami-
gos pra desabafar, esta solidão vai me matar,
volta pra mim, não dá mais pra fingir que
eu não ligo, não faz assim, pois você é tudo
que eu preciso, volta pra mim, eu tiro
seu perdão por um castigo, meu querubim,
anjo bom, me dá o seu amor, quero sorrir,
o meu sorriso não existe, quero explodir esse
estado de viver, quero chorar lágrimas de
felicidade, quero sonhar um amor de verdade...

12/10/2014

Alcione

Oii, já se passou 1 ano que você se foi, e foi difícil passar o que passei, pois me meu egoísmo, só pensei no quanto chorei, sofri, sem se quer parar para pensar no que você sentia, e de todas as vezes que eu fiz você chorar, das mágoas que ficaram no seu coração.

Em fim, se eu te perdi, foi porque não te dei amor suficiente para ficarmos juntos, resumindo, só colhi o que plantei ao longo de todos esses anos.

Espero, melhor dizendo, conte os dias para eu sair deste lugar e aproveitar o único vínculo que restou de nós, elas estão crescendo muito rápido e estão cada dia mais lindas, foi o melhor presente que você me deu.

Obrigado por tudo o que fez por mim ao longo desses anos e me perdoa por todo o mal que eu te fiz.

Desejo de todo o meu coração que você seja feliz, fica com Deus Alci!

O açougueiro

Escolheu sua melhor roupa. Não que a decisão tenha sido difícil. O tempo transcorreu em pensamentos pequenos, mas esparsos. Dispôs as peças em cima da cama para ficarem arejadas. Também assim poderia avaliá-las com mais lonjura e apreço.

O traje da entrada agora lhe seria inútil. É provável que nem caiba mais. Sabia que seu corpo de outrora ficara do lado de fora. Não precisava mais de cinto para ajustar as calças à cintura. A camisa folgou, esvaziada de músculos imponentes para preencher seus vincos.

Abrirá mão da conveniência das mangas longas, adequadas ao sopro gelado do minuano. Cruzará o portão ostentando os braços finos e a pele enrugada. Os pelos crescem sem vigor desnudando a tenra carne. Justiça seja feita, a pele estava um tanto macia. Havia sido poupado dos castigos do sol.

Não economizava em períodos de observação de seus pormenores. Conhecia cada detalhe que estivesse ao alcance dos olhos. Ocupava assim seu tempo, olhando. Examinava cada pedacinho de seu corpo. As mãos, braços, pernas, barriga. Acompanhava o crescimento irregular das unhas. O rosto era o confim da terra fora do alcance do olhar. Mas sua situação não tardaria a mudar. Dali por diante enfrentaria a própria imagem refletida em um mundo cheio de espelhos e faces alheias. Fato que lhe produzia farta indiferença.

Acha graça das dificuldades passadas. Quantas habilidades adquiridas. Nem que lhe oferecessem o mais fiel dos espelhos faria a barba de outro modo. O contato das mãos lhe é suficiente para saber quando é chegada hora de aparar os excessos. Mede o comprimento dos pelos deslizando as mãos. Corta a exatos dois dedos do queixo. Conserva o bigode rente aos lábios. Esteve alheio ao nuançar das cores da terra. As flores desabrochadas na primavera murchando lentamente. O verdejar espalhafatoso das folhas sombreando os calorões de verão. E o amarelar do outono pressagiando a fria nudez dos galhos.

Do dia para noite a barba ganhou ares de luar. Era possível verificar tal fato nos amontoados que se formavam após a poda da quinzena. A tesoura já está cega, mas quem se importa?

O habitat está sob sua tutela. Desvendou suas intimidades por completo. Se fosse privado da visão, dispensaria tanto a bengala como o cão guia. Nem sequer a mão aceitaria a oferta de repousar sob o ombro de algum vidente. Andaria, como sempre, com as mãos livres. Não teria qualquer dificuldade em se deslocar. Como distinguir a rua do pátio? Assim como sempre soube que seus pés não são suas mãos. Sempre talvez seja demasiado. Os bebês se distraem um bocado com as mãos e pés. Levam aos olhos, ao nariz, à bochecha, até alcançarem a boca. Esticam e puxam com a dedicação e afinco de quem constrói a própria casa. Quem pode afirmar que aquelas criaturinhas mudas dominam ou desconhecem cada parte de seu corpo enquanto existem sem tempo ou intenção?

Colocado no mundo também foi. Mas faltam provas. Não resta ninguém para contar essa história. Haveria alguma testemunha? Se estivesse frente a um problema corriqueiro como o de indisponibilidade, tudo seria bem compreensível. No arrolar das testemunhas, uma despista com a desculpa de que está por demais ocupada, outra que já está demasiado envolvida com a justiça, umas tantas alegam carecer de memória para dispor. Mas o caso tornara-se mais complexo. Não havia testemunhas.

Testemunhas são perecíveis. Suscetíveis ao tempo e a distância. Documentos não. A materialidade está garantida. Mas nem isso. Os hospitais registram os nascimentos, mas sempre há exceção. Para lá dos seus cafundós não deveria haver hospital e parteira só armazena mesmo arquivo vivo. As creches e escolas são mais chegadas a alimentarem arquivo morto, mas deve ter passado longe delas.

A contestável materialidade dos fatos é o próprio corpo em ruínas. Nada mais a alegar.

Está prestes a desempenhar uma cena clássica e memorável amplamente retratada na cinematografia mundial. Assistiu inúmeras, todas levemente uniformizadas. Um homem sai só. Quando muito, um homem sai e encontra alguém a lhe esperar do outro lado do portão. Que falta de criatividade. É só isso que lhe aguarda? Nada mais pode acontecer? Conhecer o amor da vida? Ter um ataque cardíaco? Declarada a próxima guerra?

Será o protagonista da própria vida. Cruzar o portão talvez não seja nada de grandioso mesmo. Apenas mais um ato realizado cotidianamente. Apenas mais um ato realizado na sequência dos milhares que o antecederam. Passado o primeiro momento virá a decepção com a constatação de que tudo permanece igual? Apenas mais um 01 de janeiro, encarregado de mudanças e renovações que não se realizam.

Não é o pé o primeiro a ser colocado de fora e sim o nariz. Um nariz bem acostumado aos cheiros de um lugar que não pode ser chamado morada. Onde se come e dorme, toma banho e caga - mais raramente trepa- mas que dista léguas de uma casa.

O lado de cá embrulha o estômago de quem vem de fora. Bastam alguns segundos para que o cheiro invada as narinas. Enquanto o cérebro tenta entender o que se passa, o nariz se contorce e os olhos varrem o ambiente. Tudo acontece de maneira involuntária e tão rápida que ninguém percebe. O estranhamento não cessa. O cérebro é obrigado a aceitar o inclassificável. A voz muda ligeiramente com a respiração trancada. Para então, estarem todos finalmente acostumados.

É possível que torça o nariz ao cruzar o portão. Que os sentidos se desorientem, como um animal fora de seu habitat natural. Diante de tanto desconhecido o passo será lento ou apressado? Espreitará cada ruído. Perceberá a vigilância por todos os lados. Os pelos ficarão eriçados. Ou não, ou não.

Findam-se as prorrogações. Hora de tomar o último banho e vestir-se.

Não houve qualquer honraria. Sem bandeiras, hinos ou perfilações. Apenas fez o que tinha para ser feito. Sem despedidas cruzou o portão como se estivesse saindo de um daqueles hotéis baratos destinados ao abrigo dos andarilhos sem pertences.

Estava do lado de fora. Estaria profundamente relaxado se a pele ardesse de calor. Não contava com aquela ventania. Era jogado de um lado a outro. A luminosidade cegava seus olhos. Não comandava mais seus passos. Tentou contrariar a força do vento e manter o trajeto programado, mas era impossível resistir. Estava sendo levado em alguma direção, ou quem sabe, rodando em

círculos. Os círculos cresciam pelo interior abraçando amplitudes até reduzirem ao mínimo e tornarem a crescer. O olho do furacão. Um tronco pesando em raízes apodrecidas. Uma folha de outono ressecada deixando à mostra as veias sulcadas.

O esgoto desemboca na certeza das águas paradas. Estava encharcado. Torce a roupa no corpo inutilmente. Não estava mais em condições apresentáveis. Precisaré ganhar tempo para ficar seco e pensar em alguma forma de despistar aquele cheiro.

O banho fora desperdiçado. Mas o arrepio da pele ao dar o passo derradeiro sob a água gelada conserva-se intacto. Estava sempre a um passo. O frio engolido pelas entranhas não cessava. Gélido e roxo. O coração ainda batia? Ah! o verão quando os banhos eram disputados na ponta da faca. Frescor vendido a preço de ouro. O inverno vira o jogo e quem pode esquivar-se dele, o faz. O tempo transcorria a perder a conta. Poderia ficar meses sem banho.

Ângelo poderia ter se furtado do último banho frio. Não temia mais o adoecimento mortal, a pneumonia, as gripes, a tuberculose. Dali para frente estaria imune às intempéries dos condenados. Mas não era por essa confiança no futuro que decidira pelo último banho.

Sensato seria optar pelo banho lá fora. Pior não poderia ser. Haveria paredes enganando o frio. Poderia fechar os olhos. Talvez cantasse. Quiçá seria surpreendido pelas lágrimas brotando misturadas à água clorada.

Contudo, o real motivo para tomar aquele banho sem titubear fora outro. Seus pertences não ocupavam espaço. Eram poucas mudas de roupa, pilhas de cadernos preenchidos, insônia, cicatrizes, confissões, cartas rascunhadas. Tudo que tivesse serventia aos companheiros

permaneceria: panelas, amizade, sobras de arroz, pasta de dente e folhas em branco. Entretanto, daquele frio não abriria mão. Essa era a motivação implícita naquele ato insensato. Precisava levar, em sua parca bagagem, aquele frio do portão para fora. As coisas que não têm utilidade são as que importam. Essas coisas, evidentemente, não as disse a ninguém.

Não precisava se explicar para os demais. A cordialidade do banho era mais do que esperada. Até então a sujeira e o mau cheiro eram o melhor repelente. Prezava tanto por um pouco da inexistente distância. Todavia, futuramente as aproximações serão inevitáveis. O abraço terno dos filhos, o beijo cálido da companheira, o olhar complacente da mãe. Achou melhor estar prevenido e escovar os dentes.

Toda preparação resultara inútil. Cheirou os pulsos e a camisa ainda empapada. Depois de tudo, nem vestígio do perfume barato. Por sorte o dinheiro da passagem veio em moedas. O papel onde anotaram o endereço ficou ilegível, mas- como dizem- é preciso confiar na memória. O ônibus não demorara a aparecer no ponto.

Embarcou como se fosse mais um passageiro. Aparentemente ninguém notou sua presença. Talvez por estar em meio a mais três ou quatro estudantes que subiram junto. Aguarda sua vez de passar na roleta. O cobrador não levanta os olhos do jornal enquanto a moledada vestindo uniforme, encosta um cartão em uma máquina. Apita e passam, apita e passam. Ângelo deposita as moedas em cima da mesa tentando demonstrar naturalidade. Olha para o chão, põe as mãos para traz, diz nome completo, número e galeria. Cora ao perceber o vexame. Prefere não encarar a expressão dos estranhos rindo à sua volta. Certamente estão rindo. Senta-se no primeiro banco desocupado.

O trajeto transcorre com surpreendente normalidade. Se ali não estivesse, nada mudaria. Apenas mais um banco vago. Em moedas, R\$ 3,40 a menos no caixa. Ninguém desceria no ponto final em frente à padaria. Percebia nos rostos cansados que ninguém esperava que algo de excepcional acontecesse. Quem suspeitaria que, no banco ao lado, viajava o Açougueiro, como se um passageiro qualquer fosse. Queriam apenas chegar depressa em casa, conseguir um emprego, fechar os olhos e dormir.

Tão ocupado estava que perdera a imensidão da janela. Não sabia se prestava atenção nos detalhes ou se ia deixando a visão ser levada na velocidade em que uma casa, rua ou praça era substituída pela outra.

Quantas vezes Elza teria feito aquele trajeto? De barriga, com menino no colo, e apagando febre de menino. Menino que fez até agente penitenciário perder a pose diante da súplica no portão: “deixa o meu pai sair!”. E uma vez mais do portão Ângelo não pôde passar. Foram embora os meninos e ele ficou. Foi-se Elza, sem reclamar das poucas latas que conseguiria catar no dia seguinte, depois de ter deixado os meninos sem pão na creche.

Os olhos queriam ver a rua, mas os enredos passados mantinham seus confinamentos em interiores. Os olhos queriam ver as mudanças do mundo, mas a teimosia dos anteriores vendava as vistas.

Com seus meninos será diferente. Terão comida na mesa, escola, doutor, agasalho, informática, tênis de marca e bênção do pai antes de dormir. A mãe ajudará na lição e o pai conduzirá a oração no almoço de domingo.

Nada de más companhias, nada de querer o bom e o melhor. Não andarão pelas ruas. A fome durará o tempo do prato ser colocado à mesa. O mundo será pleno da vontade de viver.

Ponto final. Hora de descer e voltar a habitar o mundo do qual fora apartado há 30 anos. E se não fosse o ponto final? Para onde seus pensamentos o levariam se aquele ônibus rodasse por mais 20 ou 30 minutos? E se decidisse não descer? Se resolvesse apenas permanecer até que algo acontecesse?

Ao seu redor, as nuvens se movem pelo céu. Motorista e cobrador ocupados com suas tarefas. Um precisa manter a direção sob controle, enquanto enxuga o suor do rosto com a toalha gasta para então estacionar rente ao cordão da calçada. Outro, pela movimentação constante dos lábios e, sem emitir qualquer som, suspeita-se que conte o dinheiro recebido, para em seguida preencher planilhas miúdas com o auxílio de uns óculos engordurados. Nem notaram que Ângelo permanecia ali sentado. Ninguém requeria explicações. De fato, durante todo aquele trajeto esteve ali incógnito junto à janela.

Esqueceu todas as pessoas que entraram e saíram. Apropriado mesmo seria dizer que todas elas ficaram fora do seu quadro. Não ouviu as nuances do motor, nem a freada abrupta que evitara a colisão com o carro desgovernado que vinha em frente. Não sabia o que restaria de si se todo aquele mundo o envolvesse. Se cada cena captada pela janela tivesse continuidade ao invés de ter sido interrompida pela que veio em seu lugar. Se conteria em si a visão de tudo que até então simplesmente passava ignorado.

Agora poderia escolher. Não é mais um boi na cerca sendo levado de um lado a outro, fazendo cumprir regras e prescrições. Hora da ração, vacina, banho de sol, pastar, dormir em pé.

A escolha é sempre causa de algo. Resultado de uma combinação impossível de ser reconstituída. Permanecer sentado não o definia como passivo. Assim como levantar-se e descer no ponto final não o tornava alguém ativo. A questão está para além do movimento do corpo.

Possui um corpo e aquele frio nas entranhas inebriando todo seu aglomerado em preparação para o abate. Não pode abdicar do corpo. Desintegrá-lo até o ponto zero. Ao corpo está condenado, é seu único presente. De resto, é o intervalo entre suas memórias e o que virá enquanto corpo houver. Então o corpo não resulta de nada, ele apenas é.

O que acontece tampouco resulta de seu corpo. Não é ele que se movimenta, só o movimento. Seu corpo não quer que algo aconteça, mas quer alguma coisa no que acontece. O que temos agora? A chegada do ônibus ao ponto final.

Cyanogaster Noctívaga

Vivia resumida em um quarteirão. Não diminuíta ou cerceada, aquela fixação estava colocada como a terra sob seus pés. Sabia dela, sem a ter em seus vislumbres, como o pâncreas ou a biles. Os sentimentos mais longos duravam como um raio perturbando a escuridão. Não era oprimida pela demarcação espacial. Cada pequeno interstício continha uma possibilidade infinita de variações. Em cada forma, a expressão do infinito.

De casa até o rio havia um extenso gramado. Gostava em especial dos tufo altos. Pulou cedinho da cama tão logo o dia desescurceu. A grama não tinha sido cortada. Escolheu uma sombra e abriu uma fresta ainda molhada. Estava ansiosa pela surpresa que a terra lhe ofereceria no vigor da aurora.

Não saberia dizer do que gostava mais, era bem chegada aos prazeres. Por sorte tal pensamento não lhe ocorrera. Enfrentaria uma inédita incerteza. Quanta injustiça praticada por aqueles que andam munidos de trenas, fitas métricas e balanças. Adorava – tanto quanto adorava outras coisas - sentir a grama ainda úmida de estrelas sob seus pés. Arrastava-os vagarosamente para que o verde tocasse sua planta por inteiro.

Para chegar até o rio era preciso cruzar a cerca, o que aprendeu rapidamente. Diziam que aquele pedaço de terra e de água tinha dono. O que para ela era como querer decretar a duração de uma onda ou o porvir de uma criança. Nos dias de pouca sorte, ralhavam com ela. Quantas vezes havia sido alertada que aquele pedaço tinha dono com certidão registrada em cartório - diziam. Era tida por abastada ou simplesmente sem modos. Ali estava a placa para confirmar, mas ela não alcançava linguajar de placa. “Sim, sim, agora sabia que não podia cruzar aquela cerca”, “claro, claro que o arame farpado bastava”, “não, não seria preciso colocar cerca elétrica”. Promessa feita, promessa esquecida. Não desfazia da promessa, só tinha preguiça de conservar. Mal chegava o outro amanhã, já não tinha mais notícias da falecida.

E o rio era o mundo. As crianças passavam o maior tempo possível nele inventando toda sorte de brincadeiras. Gargalhavam jogando água umas nas outras, corriam, trocavam as pedras de lugar. Mas o fim do dia sempre chegava. E vinha ao som dos protestos dos inconformados em voltar para casa. Os razoáveis argumentos de que o jantar estava na mesa e o sol caía no horizonte nem sequer eram ouvidos.

Só que para ela não. O rio não era para brincadeiras. E quando assim dizia faziam ouvidos mortos. Ela era tomada por alegre e afeita a diversão. Não tinha medo de água. Mas o rio não era lugar de entretenimento. Não era um passatempo.

Precisava esforçar-se para não abandonar a convivência social. Não poderia julgar aqueles que se jogavam no rio por pura distração. Comiam na mesma mesa, encontravam-se diariamente aguardando o pão fresco e dormiam à sombra. Em breve, trocariam um cordial boa tarde, acenando com a cabeça, ou caminhariam de braços dados ao som da marcha nupcial. Naturalmente, repetia para si mesma, nenhum meritíssimo consideraria ofensa grave fazer uso de um rio.

Naquelas tarde lentas era possível ver que proferiam uma interminável porção de palavras vazias a ponto de afugentar o frescor do silêncio que faz um rio. Silêncio que só admite interrupção por seu próprio canto. Era possível ver que mantinham os olhos voltados ao chão para garantir o equilíbrio, o caminho das pedras não estava gravado na planta de seus pés, nem o acaso. Nenhuma fresta de imensidão penetra seu horizonte.

Havia ainda os que atiravam suas redes, o que se mostrou de longe intolerável. Por azar presenciou a captura de um cardume desavisado. A visão dos olhos esbugalhados, da boca abrindo e fechando, do corpo se debatendo, da luta desesperada pela salvação, quase fora fatal.

O ar seca as paredes das brânquias. O primeiro episódio de asma aconteceu ali mesmo. Foi acudida e a asfixia não se consumou. Não naquele dia.

Tinha uma visão particular. Possui o dom de ver além da superfície das coisas. Nos dias barrentos eram as pedras e o fundo arenoso, os peixes em movimento, as plantas, o vagar mole das tartarugas. A água turva em nada atrapalhava sua visão. Até mesmo o finito exprime a força do infinito.

A chuva se anunciava em sopro quente e em prontidão dos pássaros. Findo o deságue, tudo se prontificava diante dos olhos. Pelas águas escorria a nudez do topo da montanha, a lentidão do voo do gavião nas alturas, a pressa inconclusa das nuvens. A precipitação desabava as altitudes ao chão.

Treinou sua paciência na espera para que todos dormissem e pudesse escapulir para o rio. O rio é seu nas alturas da noite. Ela é do rio assim como a água, purificada em seu nascedouro de estrelas. É um *Cyanogaster noctívaga*⁹⁴. Mergulha em transparência noturna. Estômago azulado de poeira cósmica.

Nessa espera sem pensamentos matizava o coaxar dos sapos. Eles entoavam seu canto de papo cheio, no limite da explosão, desinteressados em acasalamentos, procriações ou sobrevivências. Coaxar de viver e não de sobreviver. O coaxar dos sapos a chamava e ela atendia como um bebê que não pergunta a hora de nascer.

Mantinha ao alcance das mãos as palavras: místico, sagrado e mistério. Coleção para utilizar, não para guardar em caixas envidraçadas. Coleção para manusear e profanar. Os sapos entendiam de profanações. De patas pegajosas não eram, assim como ela, chegados a religiões.

⁹⁴<http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2013/04/nova-especie-de-peixe-transparente-e-descoberta-no-rio-negro-no-am.html>. Acesso em 25 de janeiro de 2016.

Acusavam-na de ceticismo por ser indiferente às igrejas sem notar que o rio era seu santuário. Quando diz que o rio era seu santuário, não se refere aos privilégios de quem possui algo. Preferiria não empregar os possessivos em sua língua. Mais apropriado seria afirmar: o rio era o santuário. Nada de certidões, contratos, averbações. O rio não vive dentro dela, é ela que vive escriturada nele, em sua extensão e rumor.

O rio é milagreiro. Pedras cobertas de limo, aves sorvendo sua matéria líquida, correntes de todos os tempos. Todas as coisas existem ligadas umas às outras. Não haveria lugar mais apropriado para uma pedra, o olhar luminoso de um sapo, o aglutinar do sereno. Ela via a exatidão de cada composição. A existência necessária e absoluta de tudo que há.

Distintos senhores blasfemam o rio, ceifando seus lírios para, em um único golpe, maquiar o sangue derramado em guerras degustadas em longas mesas - cobertas com toalhas de linho branco, porcelana e pratarias. E o rio silencia sua dor.

Em sua insônia a menina testemunhava os milagres do rio. Milagres nunca se dão para grandes audiências, sabia disso. Não falam baixo, sussurram. Nas noites de festa entram em resguardo.

Esperava, sem qualquer vestígio de ansiedade, que a agitação da casa cessasse para descer ao rio. Era como estar próxima do final de uma estonteante história, desejar voar por entre as páginas e, ao mesmo tempo, fazer durar a urgência da iminência da última palavra. Sabia que a louça seria lavada em intervalos. Cada utensílio seria inicialmente enxaguado para em seguida ser ensaboado com abundância de espuma. A torneira

seria aberta novamente para retirada dos resíduos. Pratos, talheres, copos de requeijão e panelas, tortas pelos usos, enxugados e guardados em seus devidos lugares. Em seguida viria o roçar da vassoura ao chão. Longamente e depois em passadas curtas, levando os pequenos montinhos à pá. Não precisava estar atenta. Conhecia toda sequência. Um breve silêncio. Uma pausa para o último cigarro. E os chinelos arrastar-se-iam até a cama. O ronco viria em seguida. Estava livre.

Já não se notava os resquícios do cotidiano. Que tivessem usado o leito para se refrescar. Que tivessem oferecido sua água aos porcos. Que seu curso tenha sido para sempre desviado. Mas nada estava esquecido pelas águas. Sua grande beleza não era o esquecimento, mas o impulso de nascer com a primeira estrela.

Plenitude era estar inteira para ele. O corpo entregue às suas vibrações. Sua irrevogável missão era ser a ressonância de seu desaguar. Enterrar seus mortos, conservar seu orvalho, divisar suas sombras. Os dias alegres preparavam-na para os tambores da noite. Quanto mais suas emoções viessem à superfície maior seria sua capacidade de ecoar. O dia servia para tornar ocas suas cavidades. À noite era a ocasião de retumbar.

Assim ela queria, mas as insistências ordinárias teimavam em roubar sua atenção. “Ponha os chinelos”, “arrume sua cama”, “vá se refrescar no rio”. O mundo se partia em dois. Era tomada por impaciência em ter de responder aos outros em suas trivialidades.

Queria ser alguém de energia plena, mas logo murchava. Queria uma pincelada a mais de agressividade para saltar e devorar, certa e impiedosamente. Queria agir instintivamente farejando presas, preenchendo cada vazio de um abissal estômago e depois dormir, profundamente, desfazendo o cansaço.

As impertinências do mundo rachado foram se tornando inabaláveis. O mistério era sua zona impenetrável. Ali, o molusco se expandia na concha ocupando-a e expandia-se para deslizar sobre as pedras orvalhadas.

O mistério era uma ilha distante dos olhos. Nenhum barco poderia alcançá-la entre as brumas - nem tampouco a prisão do pai em tempos que antecederam seu nascimento.

Brumas que não se dissipam com os raios de sol, [ele cumpriu a sentença integralmente e o convívio pai e filha já estava definido pelo calendário oficial dos dias de visita, interrompido por rebeliões e troca de poderes]. As brumas espessas conservam a ilha fora dos mapas, [concepção em plena luz do dia, com hora marcada pelo rodízio da visita íntima na prisão, ali mesmo transcorreram os encontros íntimos de pai e mãe].

Em sua floresta virgem das ofensivas não penetrava o cheiro das sobras do mundo das quais fora feita. Em seu santuário tudo acontecia pela primeira vez. Ou talvez pela última. Os urubus não penetravam seu céu estrelado.

Que faria a fera diante de um ultrajante cão farejando a ausência do dono? O devoraria com os dentes cravados na presa indefesa. O ataque seria preciso e a carne magra devorada sem deleite. Direta, sem rodeios. Não há vestígio de dominação, somente potência de agir e forças sobre forças.

Lá, onde não precisa escolher os pensamentos, as palavras fluem como barcos navegando em águas calmas. Não teme enredar-se nas palavras. Que elas formem um emaranhado indeciso de veias roxas sob a pele clara. Elas navegam e se equilibram na mais perfeita cadeia alimentar. Nenhum peixe surge boiando morto junto à costa marcado pelas redes de pesca. Morto e desprezado por sua impertinência. Enterra todos eles, um a um. Dá sepultura digna ao que resta do corpo assassinado.

Enterrará cada carta recebida da prisão. Seu corpo não será violado. O envelope permanecerá intacto. Na mesma cova, a magreza e o coto que a colocava em desvantagem. A casca rígida do molusco. A concha vã. Para baixo da terra o que feneceu e se transfigurar. Seu pai está livre. Descansem em paz. Chegada a hora de acordar. Desperte potência de existir e agir - infinito mistério de viver.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **A comunidade que vem**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

_____. **Pena de morte**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

_____. **A parte do fogo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

LEVY, Tatiana Salem. **A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2011.

PINHEIRO, Diego Arthur Lima. **Contribuições do pensamento blanchotiano aos estudos da subjetividade – como criar regiões de silêncio e solidão**. Dissertação de Mestrado. Niterói, RJ, 2012.

POSFÁCIO

A coleção de cartas que compõe a tese foi gentilmente cedida por seus remetentes e destinatários. Diversos encontros com os missivistas foram realizados visando à coleta de elementos que inspirassem a redação do conjunto de biografemas. Os documentos originais foram digitalizados e devolvidos aos participantes. No ato de devolução, os respectivos biografemas foram compartilhados para que sofressem alterações, caso os participantes da pesquisa considerassem pertinente. Os encontros de devolução e leitura dos biografemas foram plenamente intensos afetivamente. Nenhuma alteração nos biografemas foi sugerida.

As cartas, escritas no período da ditadura civil-militar, foram obtidas a partir das redes de afeto e ativismo da pesquisadora.

As missivas, recentemente escritas, já no período de vigência do Estado de exceção em que estamos afundados, foram obtidas igualmente com os remetentes e destinatários. Para tanto, a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Superintendência dos Serviços Penitenciários do Rio Grande do Sul e pelo Comitê de Ética em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Foram realizadas diversas visitas ao Presídio Central, onde ocorreram também os encontros com os participantes e a coleta de material. Apesar das inúmeras tentativas de diálogo com os profissionais responsáveis pela segurança da casa prisional, os apenados conversaram com a pesquisadora algemados e com os braços para trás.

O Foro Central de Porto Alegre também foi frequentado para coleta de cartas e realização de entrevistas.

ÍNDICE DAS IMAGENS

1. Carta de Alberto José Barros da Graça para Auxiliadora da Paz	130
2. Carta de Alberto José Barros da Graça para Auxiliadora da Paz	131
3. Carta de Alberto José Barros da Graça para Auxiliadora da Paz	136
4. Carta de Alberto José Barros da Graça para Auxiliadora da Paz	137
5. Carta de Anderson para Juiz	143
6. Carta de Anderson para Juiz	144
7. Carta redigida por Anderson a pedido de apenados analfabetos	145
8. Carta redigida por Anderson a pedido de apenados analfabetos	146
9. Carta redigida por Anderson a pedido de apenados analfabetos	147
10. Carta redigida por Anderson a pedido de apenados analfabetos	148
11. Carta redigida por Anderson a pedido de apenados analfabetos	149
12. Carta de irmão para Anderson	150
13. Carta de amigo para Anderson	150
14. Carta de amigo para Anderson	151
15. Carta de irmão para Anderson	151
16. Carta de Jorge Alberto Basso para Luis Alberto Basso	162
17. Carta de Jorge Alberto Basso para Luis Alberto Basso	163
18. Carta de Jorge Alberto Basso para Luis Alberto Basso	168
19. Carta de Jorge Alberto Basso para Luis Alberto Basso	169
20. Carta de Jorge Alberto Basso para Sara Basso	173
21. Carta de Apenado para Juiz Sidinei Brzuska	178
22. Carta de Apenado para Juiz Sidinei Brzuska	179
23. Carta de familiar de apenado para Juiz	180
24. Carta de familiar de apenado para Juiz	181
25. Carta de familiar de apenado para Juiz	182
26. Carta de familiar de apenado para Juiz	183
27. Carta de familiar de apenado para Juiz	184
28. Carta de Ângelo para Elza (Alcione)	205
29. Carta de Ângelo para Elza (Alcione)	206
30. Carta de Ângelo para Elza (Alcione)	207
31. Carta de Ângelo para Elza (Alcione)	208
32. Carta de Ângelo para Elza (Alcione)	209
33. Carta de Ângelo para Elza (Alcione)	210
34. Carta de Ângelo para Elza (Alcione)	211
35. Carta de Ângelo para Elza (Alcione)	212
36. Carta de Ângelo para Elza (Alcione)	213
37. Carta de Ângelo para Elza (Alcione)	214
38. Carta de Ângelo para Elza (Alcione)	215